



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

LORRANY RIBEIRO CONCEIÇÃO RODRIGUES

**DE JORNALISMO ALTERNATIVO NÃO TEM NADA: UMA ANÁLISE DO PORTAL
O ANTAGONISTA (2015-2018)**

SÃO CARLOS

2025

LORRANY RIBEIRO CONCEIÇÃO RODRIGUES

**DE JORNALISMO ALTERNATIVO NÃO TEM NADA: UMA ANÁLISE DO PORTAL
O ANTAGONISTA (2015-2018)**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos (PPGPol/UFSCar), como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência Política.

Área de Concentração: Ciência Política.

Orientadora: Profa. Dra. Gleidylucy Oliveira da Silva.

SÃO CARLOS

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Lorrany Ribeiro Conceição Rodrigues, realizada em 20/02/2025.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Gleidylucy Oliveira da Silva (UFSCar)

Profa. Dra. Michele Goulart Massuchin (UFPR)

Prof. Dr. Gabriel Ávila Casalecchi (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política.

Às pessoas que foram imprescindíveis para a minha trajetória pessoal e acadêmica e à elaboração deste trabalho, em especial meu marido, Leonardo, dedico.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, por me permitir acordar todos os dias e ter saúde para me dedicar ao meu propósito, buscar por sabedoria, conhecimento e honrar a minha família, sendo a primeira entre todos ingressar no Ensino Superior Público na graduação e na pós-graduação. Por ter sustentando minha vivência acadêmica, mesmo diante de tantos e grandes desafios que se apresentaram ao longo dos últimos 24 meses.

Ao meu marido, Leonardo, pela parceria, suporte, confiança, paciência e amor. Sem ele, a jornada seria muito mais árdua. À minha família pelo esforço e incentivo para que não houvesse interrupção dos meus estudos, especialmente minha mãe, Leila, meu pai, Fabiano, minha avó, Cida e, minha sogra, Claudete. Às minhas filhas de quatro patas, Raika e Rhana, que mereciam a menção como co-autoras desta dissertação pela companhia e amor incondicional ao longo de toda a escrita deste trabalho na escrivaninha, no sofá e na mesa.

À orientadora, professora Dr.^a Lucy Oliveira, pelos direcionamentos durante a minha formação enquanto mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos (PPGPOL/UFSCar). Ao Programa Institucional de Bolsas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento desta pesquisa, essencial para que, durante o mestrado, eu pudesse me comprometer integralmente com esse estudo. E aos colegas da turma 2023 do Mestrado do PPGPOL, pela experiência compartilhada.

À minha terapeuta, Raquel, por me ajudar a enfrentar esse momento de incertezas e inseguranças e me ajudar a enxergar as situações de maneira mais leve. Mas, também, por sempre me desafiar, incentivar, confiar em mim e me colocar na rota, quando necessário.

À professora Dr.^a Michele Goulart Massuchin, pela leitura crítica e atenta do texto. Ao professor Dr. Gabriel Ávila Casalecchi pelas excelentes recomendações na banca de qualificação e as que virão na defesa.

Aos meus fiéis companheiros do Graduando RI que não só torceram pela minha aprovação na seleção do Mestrado, como participaram do meu processo de formação e elaboração do trabalho de conclusão, agradeço.

*“A crença forte só prova a sua força, não a
verdade daquilo em que se crê”.*

(Friedrich Nietzsche, 2000, p. 16).

RESUMO

Durante o período compreendido entre 2013 e 2018, as estruturas democráticas do Brasil foram submetidas a um cenário de agitação, resultando na ascensão à Presidência da República de um líder político com inclinações contrárias aos princípios democráticos. Nesse contexto, observou-se uma proliferação de veículos de comunicação alternativos na internet de ambos os espectros ideológicos, criando lastro para o jornalismo hiperpartidarizado. Diante dessa constatação, torna-se pertinente questionar até que ponto o desenvolvimento desse jornalismo alternativo esteve alinhado com a agenda conservadora e, conseqüentemente, em que medida essa forma de jornalismo poderia ser genuinamente considerada alternativa. Para investigar essa relação, esta pesquisa analisa o jornal digital “O Antagonista”, um dos expoentes desse movimento de expansão midiática pós-2013, com significativa audiência nas plataformas digitais. Dessa forma, os dados da seção “Brasil” foram coletados diretamente no site oficial do jornal através da técnica de *Web Scraping*, avaliado pelo *software* estatístico IRaMuTeQ, em uma abordagem de pesquisa que combina elementos quantitativos e qualitativos. Os resultados indicam que o veículo reforçou o viés liberal-conservador da Grande Imprensa, o que o afasta da concepção histórica de jornalismo alternativo. No contexto sociopolítico brasileiro, identificamos que “O Antagonista” desempenhou um papel ativo na disseminação do antipetismo e do lavajatismo (2015-2017), culminando no apoio à candidatura de Jair Bolsonaro em 2018.

Palavras-chave: Comunicação política; jornalismo político; jornalismo alternativo; conservadorismo.

ABSTRACT

Between 2013 and 2018, Brazil's democratic structures faced a period of upheaval, leading to the rise of a political leader to the presidency whose inclinations ran counter to democratic principles. In this context, there was a proliferation of alternative media outlets on the internet from both ideological spectrums, fostering the emergence of hyper-partisan journalism. Given this scenario, it is relevant to question to what extent the development of this alternative journalism aligned with the conservative agenda and, consequently, whether this form of journalism can genuinely be considered alternative. To investigate this relationship, this research analyzes the digital newspaper O Antagonista, one of the leading exponents of this post-2013 media expansion movement, which gained significant audience engagement on digital platforms. Data from the "Brasil" section of the newspaper's official website were collected through Web Scraping and analyzed using the statistical software IRaMuTeQ, employing a research approach that combines both quantitative and qualitative elements. The results indicate that the outlet reinforced the liberal-conservative bias of the mainstream press, distancing it from the historical concept of alternative journalism. In the Brazilian sociopolitical context, we identify that O Antagonista actively contributed to the dissemination of anti-PT and pro-Lava Jato narratives (2015-2017), ultimately supporting Jair Bolsonaro's presidential candidacy in 2018.

Keywords: Political communication; political journalism; alternative journalism; conservatism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico de Zipf geral.....	64
Figura 2 – Gráfico de Zipf (2015).....	67
Figura 3 – Gráfico de Zipf (2016).....	68
Figura 4 – Gráfico de Zipf (2017).....	68
Figura 5 – Gráfico de Zipf (2018).....	69
Figura 6 – Descrição do processamento dos dados.....	71
Figura 7 – Nuvem de palavras.....	72
Figura 8 – Análise de Similitude do corpus textual.....	73
Figura 9 – Dendrograma de classes gerado pela CHD.....	75
Figura 10 – Cluster do corpus geral no IRaMuTeQ.....	76
Figura 11 – Descrição do processamento dos dados (2015).....	86
Figura 12 – Descrição do processamento dos dados na CHD (2015).....	87
Figura 13 – Cluster do corpus 2015 gerado pelo IRaMuTeQ.....	88
Figura 14 – Descrição do processamento dos dados (2016).....	91
Figura 15 – Descrição do processamento dos dados na CHD (2016).....	91
Figura 16 – Cluster do corpus 2016 gerado pelo IRaMuTeQ.....	92
Figura 17 – Descrição do processamento dos dados (2017).....	99
Figura 18 – Descrição do processamento dos dados na CHD (2017).....	100
Figura 19 – Cluster do corpus 2017 gerado pelo IRaMuTeQ.....	101
Figura 20 – Descrição do processamento dos dados (2018).....	107
Figura 21 – Descrição do processamento dos dados na CHD (2018).....	107
Figura 22 – Cluster do corpus 2018 gerado pelo IRaMuTeQ.....	108

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de notícias por ano.....	66
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Posição do site O Antagonista no Ranking Alexa do Brasil.....	58
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 JORNALISMO E JORNALISMO POLÍTICO NO BRASIL.....	21
2.1 Jornalismo Político Tradicional.....	21
2.2 Jornalismo Político Alternativo.....	27
3 DIREITA E CONSERVADORISMO NO BRASIL.....	38
3.1 A (Nova) Direita brasileira: da vergonha ao orgulho.....	38
3.1.1 Desenvolvimento histórico.....	38
3.1.2 Estratégias de comunicação da Nova Direita.....	40
3.1.3 A Extrema-Direita brasileira.....	42
3.2 O Conservadorismo no Brasil.....	45
4 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	57
4.1 Compreensão do objeto.....	57
4.2 Critérios de seleção e apresentação do jornal.....	58
4.3 Classificações da pesquisa.....	60
4.4 Coleta e composição do banco de dados.....	62
4.5 Preparação dos dados.....	62
4.6 Análise quantitativa dos dados no IRaMuTeQ.....	64
4.7 Características do corpus analisado e procedimentos de análise.....	66
5 O JORNALISMO DO O ANTAGONISTA (2015–2018).....	71
5.1 Os conteúdos de O Antagonista.....	71
5.1.1 Análise qualitativa dos dados no corpus geral.....	77
5.2 Estratégias discursivas e enquadramentos ano a ano.....	86
5.2.1 2015.....	86
5.2.2 2016.....	91
5.2.3 2017.....	99
5.2.4 2018.....	106
6 CONCLUSÃO.....	117
REFERÊNCIAS.....	121

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se dedica à investigação da agenda conservadora no jornalismo político alternativo brasileiro, entre 2015 e 2018, considerando a conexão essencial entre o trabalho jornalístico e a democracia. No contexto brasileiro contemporâneo, este vínculo tornou-se ainda mais evidente e fundamental dadas as significativas transformações políticas e sociais, com episódios que reconfiguraram o panorama nacional e internacional em direção ao que Manin (1995; 2013) caracterizou como democracias de público.

Nesse cenário, observamos uma polarização intensificada do ambiente comunicacional, influenciada por agendas conservadoras que se refletiram de maneira expressiva em alguns veículos classificados como jornal independente ou jornal alternativo¹. Desse modo, o jornalismo político apresenta-se como um elemento essencial para a compreensão e o fortalecimento da democracia, ao mesmo tempo em que se vê desafiado por pressões ideológicas e por uma intensa polarização.

A liberdade de expressão e a diversidade de fontes e informações são elementos basilares para o funcionamento efetivo de uma democracia (Dahl, 1997; Downs, 1999; Habermas, 1981). Nesse contexto, o fluxo informacional só pode ser verdadeiramente democrático quando há tanto uma ampla variedade de veículos de comunicação (pluralidade externa) quanto uma multiplicidade de perspectivas dentro deles (pluralidade interna). No caso brasileiro, ambas as condições estão ausentes (Azevedo, 2017). O mercado midiático é dominado por quatro grandes conglomerados, cuja cobertura está voltada para os interesses das elites econômicas, favorecendo vozes alinhadas a essas prioridades (Oliveira, 2018). Como resultado, a diversidade indispensável para a saúde do ambiente democrático torna-se severamente limitada (Oliveira, 2018).

Dahl (1997) aponta que a liberdade de expressão e o acesso a fontes alternativas de informação são condições necessárias para garantir a existência e a qualidade da democracia. Sendo assim, comunicar e receber informação constitui elemento vital da cidadania, evidenciando a importância da relação indissociável entre o jornalismo e o regime democrático (Melo, 2008).

Tanto na Ciência Política quanto em outros campos, o conceito de democracia é marcado por um conjunto de perspectivas, podendo ser tão amplo a ponto de perder clareza (Dahl, 2012). Sendo assim, Sartori (1994) aponta para a necessidade de definição desse

¹ Para Comedia (1984 *apud* Atton, 1999), tudo que não é tradicional, é alternativo.

conceito ao utilizá-lo, a fim de evitar ambiguidades e confusões conceituais. Assim, neste trabalho consideramos que a democracia representativa é um método de tomada de decisão política e não um regime ideal (Schumpeter, 1961; Dahl, 1997). Além disso, a concepção de democracia está intrinsecamente ligada à capacidade de os cidadãos participarem de maneira informada e crítica nos processos decisórios, o que depende diretamente do papel desempenhado pelos meios de comunicação.

Frente a isso, Sartori (1994) alerta para os perigos de uma “democracia de massa mediatizada”, em que os meios priorizam o espetáculo e a superficialidade em detrimento do debate qualificado, comprometendo a formação de uma opinião pública robusta. Habermas (1981) complementa essa visão ao destacar que a esfera pública democrática exige pluralidade e diversidade informacional para possibilitar a deliberação coletiva.

Nesse contexto, Dahl (2012) reforça que a democracia depende de um fluxo confiável de informações que permita aos cidadãos monitorarem o poder político e tomarem decisões fundamentadas. Assim, a qualidade do regime democrático está diretamente relacionada à independência, pluralismo e função educativa dos meios de comunicação, que, quando falham, podem reforçar desigualdades e comprometer os princípios fundamentais da democracia.

Diante disso, não é equivocado constatar que atualmente os meios de comunicação – em suas versões *offline* ou *online* – são importantes atores na construção das sociabilidades e também da política (Sartori, 1992). A literatura especializada aponta que essas mídias atuam na mediação das informações e servem para a formação da opinião pública e percepções de temas, atores e processos (Filgueira; Nohlen, 1994; Castells, 2000; Elias, 2017; Silva; Massuchin, 2019).

Nesse contexto, emerge a distinção entre dois estratos de agentes na engrenagem da produção de conteúdo comunicacional e jornalístico, caracterizados por variáveis como grau de profissionalismo, esfera de influência e pautas temáticas, sendo eles: 1) A Grande Imprensa e 2) A Mídia Alternativa.

Cabe mencionar antes o que estamos tratando como Grande Imprensa e Mídia Alternativa. A primeira, também denominada de: Imprensa Tradicional, Imprensa Convencional, Imprensa Mainstream, Grande Mídia, entre outros, é composta pelo O Globo, Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo. São caracterizadas por comporem grandes conglomerados comunicacionais e alcançarem uma audiência ampla. Já o segundo, são canais que apresentam um caráter contra-hegemônico do viés liberal-conservador da Grande

Imprensa. Até a primeira década dos anos 2000, a mídia alternativa era composta, majoritariamente, por veículos alinhados ao espectro político de Esquerda. A partir de 2010, entretanto, houve uma apropriação destes meios de comunicação por representantes de pautas associadas ao espectro político de Direita (Alves, 2019; 2023), alternando o movimento histórico de contra hegemonia.

Dentro do ecossistema das mídias alternativas, Alves e Santos (2023) identificam a existência de um subgrupo denominado "hiperpartidarizado", caracterizado pela atuação abertamente alinhada a projetos político-ideológicos específicos. Diferentemente das mídias alternativas que buscam ampliar a diversidade de vozes no espaço público, os veículos hiperpartidarizados assumem uma postura de defesa incondicional ou oposição sistemática a determinados atores e pautas políticas, muitas vezes utilizando estratégias comunicacionais que reforçam a polarização e comprometem critérios tradicionais de verificação e isenção jornalística. Assim, essas mídias não apenas disputam a narrativa política com a grande imprensa, mas também intensificam a fragmentação do debate público ao operar sob uma lógica de confronto contínuo.

Uma diferença substancial entre os atores é que o primeiro se utiliza do modelo *catch-all*, enquanto o segundo o de nicho (Lycarião; Magalhães; Albuquerque, 2018). Tais modelos representam duas abordagens contrastantes adotadas pelos jornais na busca por audiência e relevância. O *catch-all* busca atrair um público amplo e diversificado, abordando uma variedade de temas e perspectivas generalistas para alcançar o maior número possível de leitores/espectadores. Esses jornais frequentemente adotam uma linguagem mais genérica e objetiva, se afastando de um posicionamento político explícito para atender aos interesses de uma parcela ampla, privilegiando o grupo sem identificação ideológica (Lycarião; Magalhães; Albuquerque, 2018). Por outro lado, o modelo de nicho concentra-se em atender a um público específico com interesses e perspectivas particulares. Tais jornais buscam construir uma base de leitores leais que compartilham valores comuns, procurando profundidade e identidade entre um grupo segmentado que adota uma exposição seletiva de conteúdo informacional (Stroud, 2011).

Alguns estudos demonstram que, na contemporaneidade, o modelo de nicho vem se fortalecendo e se tornando mais viável economicamente frente ao *catch-all* (Lycarião; Magalhães; Albuquerque, 2018) não só nos Estados Unidos – onde as pesquisas já documentam amplamente esse padrão –, mas também no Brasil (Tavares, 2020).

Em suas obras, Canavilhas (2014) apresenta a noção de que o jornalismo digital exige uma ruptura com os modelos tradicionais herdados do meio impresso, defendendo a necessidade de adaptação das práticas jornalísticas às possibilidades comunicativas oferecidas pelo ambiente online. o autor dedica atenção especial ao fenômeno dos *Digital Born*, veículos de comunicação que nasceram diretamente no ambiente digital, sem vínculos prévios com a mídia tradicional. Segundo o estudioso, essas mídias representam mais do que uma simples migração de suporte: são iniciativas que incorporam novas práticas de produção, distribuição e consumo de informação, potencializando a utilização de elementos multimídia, a interatividade e a personalização do conteúdo. Para ele, os *Digital Born* não apenas ampliam a diversidade de vozes no ecossistema midiático, como também desafiam as práticas convencionais do jornalismo, incentivando a experimentação e a inovação editorial.

Dessa forma, é relevante considerar que com a globalização, a expansão tecnológica e as alterações no ecossistema midiático nacional, a centralidade da televisão e dos grandes conglomerados de mídia vêm perdendo espaço para fontes alternativas de informação que estão acompanhando a migração da população para o ciberespaço (Bruzzzone, 2021). A emergência de novos modelos jornalísticos, especialmente, na internet, reduziu o custo de produção e possibilitou a tais iniciativas a desvinculação com as organizações noticiosas *mainstreams* em um processo acelerado de proliferação de jornais alternativos.

No Brasil, foi em meados dos anos 2000 – mais consistentemente –, com as alterações no processo produtivo jornalístico e as demissões em massa nas principais redações aliado à ampliação da internet, que ocorreu um movimento de migração de jornalistas em direção ao empreendedorismo da blogosfera². O cenário do jornalismo pós-industrial – que engloba a evolução da produção digital – marca uma ruptura em relação ao modelo convencional (industrial) ao possibilitar novas perspectivas face às tecnologias emergentes e às diversas demandas do público (Sastre; Belda, 2019).

Para Anderson, Bell e Shirky (2013) vivemos um processo de transformação no jornalismo, deixando para trás sua dependência de equipamentos industriais e a produção de conteúdos estáticos, para adotar uma abordagem que valoriza a autonomia e os recursos individuais, atendendo de forma mais dinâmica às necessidades do público.

Nesse contexto, os jornalistas recém-desligados dos quadros das redações que se aventuravam no ambiente digital se propunham a atuarem como “imprensa independente”,

² Blogs nos quais jornalistas proeminentes da Grande Imprensa passaram a compartilhar um conteúdo nichado à Esquerda.

com destaque para os *blogs* de política progressistas (De Magalhães Carvalho, 2018) que, posteriormente, passaram a dividir espaço com sites jornalísticos conservadores³. Assim, o jornalismo alternativo passou a figurar de forma mais relevante no agendamento dos assuntos a serem discutidos pela sociedade.

Para Castells (2000, p. 414)

A integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema – interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de acesso aberto e de preço acessível – muda de forma fundamental o caráter da comunicação.

Assim, com a ascensão da internet, emerge com ela a importância na definição e análise de “mídias alternativas”⁴, como aquelas focadas na produção de material noticioso, entre elas o jornalismo alternativo. Em especial, é um desafio classificar esse grupo dado o intenso debate tanto em relação à nomenclatura – alternativa, independente, nanica, marrom, etc. –, quanto à configuração. Neste sentido, Batista (2020) adota os termos independente e alternativa como sinônimos, caminho que não seguimos neste trabalho, uma vez que consideramos haver diferenças entre as duas terminações.

Desse modo, adotaremos o termo “jornais alternativos”⁵ em vez de “jornais independentes”, dado que essa segunda denominação tem foco na relação mercadológica e partidária do canal. Entretanto, entendemos que, mesmo os veículos *mainstream* se autodeclaram como “independentes” partidariamente no Brasil. Além disso, o avanço do jornalismo hiperpartidarizado (Alves, 2023) no ambiente digital, também questiona o que seria independente. Portanto, preferimos a classificação “alternativa” por apresentar-se ao potencial de catalisação das mudanças sociais e da luta contra-hegemônica midiática, como destaca Kucinski (1991) e Ramos (2021).

Utilizaremos a mesma estratégia de Alves (2019, p. 373) que os classificam (os jornais alternativos) como produtores de “material noticioso (...) que gravitam em torno de condutas e regras do jornalismo tradicional, mas não estão vinculadas às indústrias midiáticas nacionais,

³ Canais que se definem como representantes de pautas associadas, majoritariamente, ao espectro político de Direita, como: a mínima intervenção estatal, o cristianismo, a defesa da família e dos bons costumes, antipetismo, anti-esquerdismo, etc.

⁴ Estamos tratando como “mídia alternativa” todos os veículos de comunicação que contrapõem uma hegemonia editorial da Grande Imprensa. Se diferencia do “jornal alternativo” segundo o tipo de informação elaborado que pode incluir entretenimento, lazer, arte, entre outros.

⁵ Os “jornais alternativos” são a imprensa alternativa. Isto é, os veículos contra-hegemônicos que produzem notícias.

nem fazem parte de iniciativas de comunicação pública ou estatal”. Com isso, teriam, então, um caráter de não pertencer aos conglomerados ou grupos midiáticos amplos, propondo-se como veículos alternativos à comunicação midiática massiva. Mas, também, em termos de conteúdo, teriam um papel social de contribuir com a democracia, a partir da realização de um jornalismo diferenciado e plural (Alves; Santos, 2023; Ramos; Spinelli, 2015; Reis, 2017).

Com o avanço da internet e barateamento do processo produtivo jornalístico no ambiente *online* se comparado aos modelos de TV e jornais impressos, por exemplo, há também um incentivo e crescimento importante da produção de conteúdo jornalístico em mídias alternativas. Mas, nem por isso, todo jornalismo digital é alternativo. A caracterização de um veículo de comunicação como alternativo não depende apenas do meio de distribuição, mas também do conteúdo, da abordagem, da propriedade e da perspectiva editorial, como já mencionado. Muitos jornais digitais são propriedade de grandes conglomerados de mídia ou empresas com interesses comerciais específicos, como, por exemplo, o G1 – o portal de notícias do Grupo Globo. Esses veículos seguem agendas editoriais convencionais e refletem pontos de vista alinhados aos interesses de seus proprietários, em vez de desafiar as narrativas predominantes (De Magalhães Carvalho, 2018).

Dessa forma, compreende-se que – uma vez que se apresentam como uma alternativa ao que é convencional –, essa imprensa buscaria vocalizar conteúdos mais diversos que, apesar de situados em veículos menores e de menor audiência, contribuíssem para pluralidade externa e interna do sistema midiático. Nesse sentido, ainda, trariam conteúdos que fariam frente ao alinhamento liberal-conservador dos tradicionais conglomerados de comunicação das grandes elites econômicas ou políticas.

Alves (2019) aponta que a partir de junho de 2013⁶ pôde-se observar uma primavera de renovação nas iniciativas midiáticas alternativas, em especial, com foco em temas ligados à Esquerda. Entretanto, passou-se despercebido por grande parte da literatura, que esse momento, foi também uma “vitrine importante para a organização e visibilidade de projetos comunicativos de Direita” (p. 44) que buscavam a desintermediação da Grande Imprensa (Mazzoleni, 2019; Mello, 2020; Becerra, 2023).

⁶ As Manifestações de junho de 2013 (Jornadas de Junho) podem ser concebidas como integrantes dos emergentes processos de ação coletiva que têm se delineado nas últimas décadas. Estes envolvem métodos inovadores de organização e mobilização, caracterizados pela interconexão de uma variedade de agentes em rede e pela utilização das tecnologias da comunicação como catalisadores de aspirações. Sob uma ótica comparativa, a Primavera Árabe e o Movimento 3M na Espanha surgem como exemplos proeminentes deste novo paradigma de mobilização coletiva (Intervozes, 2014).

Desse modo, a prática do jornalismo alternativo, notadamente relacionado a uma contraposição da agenda hegemônica liberal-conservadora (Azevedo, 2017; Oliveira, 2017a) do jornalismo *mainstream*, também passa por um processo de “ocupação” por mídias que não fazem essa oposição.

Ercan e Mendonça (2014) salientam que os protestos daquele ano (2013) desencadearam debates intensos – muitas vezes invisíveis –, sobre questões polêmicas que haviam sido silenciadas em uma esfera pública que, em sua essência, tende a reprimir a divergência de opiniões. Nesse contexto, em tese, a imprensa que se opõe ao sistema hegemônico seria um lugar de afinidade com essas temáticas.

Entende-se, neste trabalho, a agenda liberal-conservadora a partir de dois arranjos. O primeiro deles situado na relação entre a linha editorial da Grande Imprensa e a agenda de grupos políticos de Centro-Direita, com foco numa forte defesa de políticas econômicas liberais (Azevedo, 2017; Oliveira, 2018; Santos; Marques, 2023). E um segundo, em que – ao lado da agenda econômica – há também uma agenda de costumes. Assim, o pensamento conservador neste segundo arranjo

valoriza formas de vida e de organização social passadas, cujas raízes se situam na Idade Média. É comum entre os conservadores a importância dada à religião; a valorização das associações intermediárias situadas entre o Estado e os indivíduos (família, aldeia tradicional, corporação) e a correlata crítica à centralização estatal e ao individualismo moderno; o apreço às hierarquias e a aversão ao igualitarismo em suas várias manifestações; o espectro da desorganização social visto como consequência das mudanças vividas pela sociedade ocidental (Ferreira; Botelho, 2010, p. 11-12).

Com isso, vale questionar – e essa é a problemática desta pesquisa – em que medida o avanço do jornalismo alternativo de O Antagonista foi sendo alinhado com as pautas do conservadorismo e em que medida esse jornalismo poderia ser considerado genuinamente alternativo. Assim, torna-se interessante analisar se estes veículos “burlam” a hegemonia, mas em um sentido de aprofundar o caráter liberal-conservador da Grande Imprensa e não de afastar-se dele.

Objetivando colaborar na superação dessa lacuna de pesquisa, esta dissertação analisará como se deu a agenda conservadora no jornalismo alternativo no Brasil entre 2015-2018, investigando o veículo O Antagonista. Não somente pela vanguarda deste como jornal alternativo de Direita no pós-2013, mas também devido aos expressivos números alcançados de audiência. Reconhecemos, entretanto, que a generalização será limitada

considerando apenas o referido jornal, mas diante da relevância e alcance que este possui, acreditamos servir como caso relevante para a investigação proposta.

Diante disso, nossa hipótese de pesquisa é que o jornalismo alternativo, historicamente ligado a grupos minoritários e enfrentamento do alinhamento liberal-conservador da Grande Imprensa, foi nos últimos anos também ocupado para a difusão de agendas de Direita, como no caso de O Antagonista. Não é o propósito deste trabalho esgotar as discussões sobre a mídia alternativa, entretanto, esperamos que os resultados da pesquisa permitam contribuir para a discussão sobre jornalismo alternativo no Brasil e, em segundo plano, para a compreensão da emergência de agendas de Extrema-Direita – que estão relacionadas com as pautas conservadoras e uma ala mais radicalizada da Nova Direita, bem como para jogar luzes sobre a possível polarização informacional e ocupação de espaços por conteúdos hiperpartidarizados (Alves; Santos, 2023).

Para tanto, o texto está estruturado em 5 partes para além da introdução, sendo: dois capítulos teóricos sobre os conceitos-chave tratados aqui, a saber: jornalismo político no Brasil e Direita e Conservadorismo; um capítulo metodológico, expressando o caminho que adotamos ao longo da investigação; um capítulo tratando do objeto base desta pesquisa, isto é, os resultados encontrados quanto a formação da agenda conservadora no jornalismo alternativo digital de Direita, no O Antagonista, e a conclusão deste estudo.

2 JORNALISMO E JORNALISMO POLÍTICO NO BRASIL

Este capítulo revisa a literatura científica especializada que trata sobre dois importantes temas para esta dissertação: o jornalismo político tradicional e alternativo, com ênfase no Brasil. O jornalismo desempenha um papel fundamental na mediação de conteúdos que o público recebe, na fiscalização do poder e na promoção do debate democrático. Desse modo, exploraremos as características distintivas do jornalismo político no Brasil, examinando sua evolução histórica, seus desafios contemporâneos e suas interações com o ambiente político e social.

Ao investigar a relação entre mídia e política, pretende-se oferecer uma compreensão mais profunda das dinâmicas que moldam a cobertura jornalística de questões políticas nacionais. Em adição, este capítulo aborda a influência das novas tecnologias de comunicação no modo de produção do jornalismo a fim de contribuir para uma reflexão crítica sobre o papel do jornalismo na democracia brasileira e para uma apreciação mais informada dos desafios e oportunidades enfrentados em um contexto político em constante transformação.

2.1 Jornalismo Político Tradicional

A percepção de que a notícia é um produto comercial, está intimamente ligada à era da Revolução Industrial (séculos XVIII e XIX) e ao sistema capitalista, no qual a produção em massa de informações visa primariamente à sua comercialização para os consumidores. O jornalismo, por sua vez, como aponta Silva (2005, p. 10), “foi e sempre será uma atividade de lucro, mas, se sua finalidade for unicamente esta, perderá a sua alma, render-se-á inteiramente à sua face mais barata e, quando se der por si, já não será Jornalismo, mas um simples fantoche”.

É importante destacar que a busca por informações é inerente à natureza humana. Ao longo de épocas remotas, os seres humanos reconhecem a grande importância de registrar dados (Patrício *et al.*, 2017). A notícia, no entanto, difere-se dos demais tipos de informações. Nesse sentido, Anthony Giddens (1991) defende a existência da influência constante do que ele chamou de sistemas peritos (*Expert System*). Ou seja, o avanço de “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos” (Giddens, 1991, p. 35). Diante dessa definição, não é nenhum exagero concluir que o jornalismo – a máquina que produz a notícia – é um sistema perito nas

sociedades. O jornalismo opera, ainda, como um meta-sistema perito, uma espécie de “supra-poder, que legitima ou deslegitima outros sistemas peritos perante aos consumidores ou clientes, numa palavra, a população” (Freitas, 2000, p. 14).

Nesse cenário, a imprensa faz parte do jogo político. Na concepção de Motta (2002, p. 13), “não há poder sem imprensa, nem imprensa sem poder”. Sendo assim, a política é interpretada como algo de interesse público e, conseqüentemente, suas implicações se tornam relevantes para o jornalismo. Isto é, o jornalismo é um balizador do debate político, ocupando “um espaço importante na definição e visibilidade das questões (*issues*) colocadas no jogo decisório” (Oliveira, 2019, p. 189).

Ainda que a relação entre mídia e política já estivesse dada, Miguel (2002) aponta que os meios de comunicação de massa nos anos 1920 estavam fora do radar da Ciência Política, mas que em 2000 o campo já reconhecia a existência e uma relativa importância dos veículos de informação televisivos, radiofônicos e da internet. Desse modo, como afirma o autor, a mídia conquistou um lugar central na vida política contemporânea.

No que se refere aos estudos de Comunicação Política no Brasil, Lima (2001), Sarmento, Massuchin e Mendonça (2021) e Torres (2016) identificam que há, na literatura, uma preocupação em investigar a construção da notícia (*Newsmaking*), o poder de definição da pauta pública (*Agenda Setting*) e o enquadramento da notícia (*Framing*)⁷. Em suma, os efeitos dos meios de comunicação para moldar a sociedade, influenciar a escolha de líderes e formar a opinião pública.

É razoável afirmar, então, que os meios de comunicação são uma peça importante no processo de mediação de visões de mundo e de projetos políticos. Assim, quanto mais limitada for a abrangência dessas mídias, mais limitadas serão as representações da política. Miguel (2002) destaca, nesse sentido, que no Brasil há uma posição por parte dos grandes meios de não trazerem as perspectivas e interesses plurais das sociedades (Miguel, 2002).

Frente a isso, a mídia tem poder de pautar os assuntos políticos, mas, relevante salientar, que não possuem os recursos necessários para determinarem nas audiências a realidade ou a percepção pública acerca de um determinado assunto. A centralidade da mídia não lhe confere um poder absoluto, uma vez que sempre há possibilidade de ações contra-hegemônicas (Lima, 2006; Moretzsohn, 2017).

⁷ Leal (2007, p. 9) diferencia o *Agenda Setting* e o *Framing* ao apontar que o primeiro “se preocupa com a seleção e a saliências das matérias veiculadas (objeto), o [segundo se] atenta à seleção e à saliência dos termos veiculados (atributos da transmissão)”.

Iluminada essa questão, compreendemos o jornalismo político como intermediador (*gatekeeper*) dos conteúdos. Dessa maneira, pautar e editar é fazer escolhas, entre o que será de conhecimento público a partir daquele veículo ou não. O trabalho da imprensa nessa mediação, passa, assim, pela seleção de temas, fontes e ênfases (Cook, 2011).

Porém, a decisão de comunicar algo é também a de não comunicar outros (Motta, 2002). Ideia que Goés (2017) complementa ao afirmar que, embora o jornalismo não detenha o monopólio sobre a capacidade de (in)visibilizar os acontecimentos do mundo, ele permanece como um elemento central nos processos de construção identitária. Essa relevância se manifesta por meio da reafirmação de valores, amplificação de diferenças, consolidação de consensos aparentes e, em diversas situações, pela exclusão de divergências e pela imposição de silêncios.

Historicamente, a mídia reivindica o papel de Quarto Poder, mas a brasileira difere-se da imprensa estadunidense ao conceber sua função política em termos muito mais ativos, tal qual um Poder Moderador (Albuquerque, 2000). No entanto, como elenca Moretzsohn (2017), as grandes corporações agem em benefício dos interesses que representam, mesmo que operem justificando suas escolhas no interesse comum a todos.

Diante disso, Azevedo (2017) constatou, ao analisar os editoriais da Grande Imprensa nacional, a partir do conceito de paralelismo político de Hallin e Mancini (2004), que, ainda que a imprensa brasileira seja empresarial, sua agenda se aproxima das pautas de determinados grupos sociais e políticos. Nesse sentido, ele ressalta que o conflito entre a mídia e os partidos, na conformação da agenda pública, não se dava no tom acentuado que se identificava pela literatura anteriormente.

O conceito de paralelismo político se refere ao “grau com que os meios de comunicação espelham as forças políticas existentes” (Albuquerque; De Magalhães Carvalho; Alves, 2015, p. 77), indicando um viés liberal-conservador da mídia (Azevedo, 2017; Oliveira, 2017a). Isso levanta questionamentos sobre a tese de que o jornalismo brasileiro desempenharia a função de *watchdog*, isto é, de controle e fiscalização do campo político-governamental e proteção dos interesses e direitos sociais dos cidadãos perante o Estado (Albuquerque, 2000; Azevedo, 2006).

Embora não seja uma imprensa partidária, uma vez que tal fase não foi identificada no desenvolvimento histórico do jornalismo tradicional brasileiro, observa-se uma proximidade entre as posições dos principais jornais do país e certos grupos políticos, refletida nas pautas

selecionadas e nos enquadramentos dados aos temas e atores políticos de orientação Centro-Esquerdista.

Santos e Marques (2023) evidenciam como a agenda liberal persiste como tema central e defesa dos principais jornais, mesmo diante de mandatos governamentais distintos, sugerindo uma continuidade na postura da imprensa que pode ou não coincidir com as agendas dos governos. Esses autores concluem que o paralelismo político da imprensa brasileira parece ser mais flexível do que inicialmente sugerido pela literatura.

Na mesma direção, Oliveira (2017a), ao analisar a congruência entre a agenda dos grandes jornais (tanto editoriais quanto notícias) e a propaganda eleitoral negativa durante a campanha presidencial de 2014, confirma essa maleabilidade, indicando que o alinhamento liberal não é uniforme, mas sim centralizado em certos “liberalismos”.

Assim, torna-se evidente que a categorização liberal-conservadora pode abarcar uma amplitude excessiva de temas sustentados pela imprensa, uma vez que seu paralelismo político pode estar relacionado apenas a uma parte da agenda política promovida pelos governos. Portanto, compreender a posição da imprensa com base nos temas da agenda política é um indicativo da flexibilidade desse alinhamento.

Desse modo, é interessante que o modelo de jornalismo brasileiro foi inspirado no formato comercial estadunidense (Gentili, 2000; Azevedo, 2009). Segundo Fernando Azevedo (2009, p. 48),

nossa grande imprensa atual está estruturada de forma empresarial num mercado de informação bastante competitivo e sua fonte de financiamento depende basicamente da circulação e dos anunciantes, ou seja, não depende de partidos ou de subsídios governamentais.

Ademais, outras características da imprensa brasileira, devem ser consideradas, tais como:

o monopólio familiar e a propriedade cruzada nos meios de comunicação de massa, a pequena diversidade externa do ponto de vista político e o viés conservador, a baixa circulação dos jornais associada ao baixo número de leitores e, como consequência, no campo da grande imprensa, um jornalismo orientado prioritariamente para as elites e permeável à influência dos públicos fortes (Azevedo, 2006, p. 89).

Há uma divergência de percepção entre Miguel (2002) e Azevedo (2009) quanto ao grau de competitividade existente no mercado informacional brasileiro. Apesar de alguns diagnósticos apontarem para um sistema midiático competitivo, o que temos, em termos de

dados mais atualizados, é um conjunto de *medias* (mais tradicionais – TV, Rádio) de grande audiência ligados a conglomerados, grupos familiares ou políticos (Azevedo, 2017), o que não reflete a veiculação de discursos plurais, mas, reforçam os conteúdos da base empresarial alinhada ao liberal-conservadorismo.

Além disso, Tavares (2020), constatou haver um forte constrangimento organizacional na seleção do que é e o que deixa de ser uma notícia “noticiável”, considerando os interesses editoriais, comerciais e publicitários das empresas parceiras. Esse filtro e mediação das notícias é uma função do jornalismo, já que “nem todos os fatos do mundo têm os mesmos apelos junto aos indivíduos, portanto, nem todos precisam estar disponíveis no noticiário” (Guerra, 2003, p. 14). Mas estabelece-se como um obstáculo à medida que visa contemplar predominantemente interesses particulares e comerciais.

Freitas (2000, p. 4) avalia que

É possível argumentar que as relações entre jornalismo e política no Brasil acentuam e aprofundam, de forma perversa, as tendências contemporâneas da encenação pública e do esvaziamento da política e sua estetização acelerada, lado a lado com o crescimento da apatia política.

Entretanto, apesar dessa relação mercadológica, os principais jornais e revistas de circulação expressiva no Brasil se auto determinam como veículos independentes⁸ e apartidários. Isso, porém, não os isentam de obter preferências ideológicas e compartilharem valores políticos, na prática (Azevedo, 2009; 2017), uma vez que não são canais neutros registrando uma “realidade que lhes é externa” (Miguel, 2002, p. 180). De todo modo, o sistema de mídia nacional é historicamente conservador e liberal do ponto de vista político (Azevedo, 2006).

Torres (2016), inspirada por Christofolletti (2014), pontua que a estrutura de produção de informações é influenciada pela falsa imparcialidade, pela propagação de informações tendenciosas e por uma perspectiva ideológica por parte dos canais informativos. Desse modo, a parcialidade das coberturas jornalísticas políticas (Freitas, 2000), apresenta-se como uma das consequências da monopolização da mídia no Brasil, que torna o jornalismo nacional descompromissado com a objetividade, que se distingue precisamente pela separação entre fato e opinião, fato e emoção (Chalaby, 1998), um atributo que deveria ser buscado pelas empresas ao invés de rechaçado como um padrão de conduta profissional (Guerra, 2003).

⁸ Mais um argumento contrário à nomeação das mídias alternativas como “mídias independentes”.

Assim, é necessário considerar a importância de um ambiente de informações plurais e de qualidade para a tomada de decisões políticas (Manin, 1995). Daí advém o problema de consumir informações de uma imprensa politicamente orientada, de modo que os cidadãos são pouco expostos a “pontos de vista contrários, o que contribui para reforçar a estabilidade das opiniões políticas” (Manin, 1995, p. 11) diminuindo a capacidade crítica dos eleitores.

De acordo com Park (2003, p. 145, tradução nossa):

As pessoas apenas enxergam o mundo por meio de uma moldura de uma janela. Se a moldura da janela é muito pequena, as pessoas já enxergarão uma pequena parte do mundo. Se a janela na parede é voltada para o oeste, as pessoas apenas enxergarão o oeste. Em outras palavras, a mídia pode mostrar apenas uma pequena parte do mundo a partir de um particular ponto de vista⁹.

Isso não significa considerar, entretanto, que a mídia favorece certos segmentos sociais em todos os casos, como afirma Miguel (2002, p. 161), “mas sim que é necessário perceber que a mudança passa pela pressão da sociedade, isto é, dos grupos prejudicados pela forma dominante de gestão da comunicação”. É dado que as diferenças sociais existentes no Brasil impedem que toda a população consiga criticar, questionar ou pressionar os veículos informacionais, visto que a organização social existente concentra o capital político em reduzidas mãos (Miguel, 2002). Mas, a organização social, política e coletiva poderia servir de impulso para adicionar à pauta comum assuntos de grupos marginalizados.

Considerando o exposto, a formação do capital político passa pela intermediação do jornalismo (Miguel, 1999). E, como aponta a bibliografia, os jornalistas são atores políticos que possuem força para organizar e influenciar o jogo político (Miguel, 2002; Marcelino *et al.*, 2009; Cook, 2011). Porém, por mais que os jornalistas sejam agentes no processo político, detenham recurso, conhecimento e poder político, estão condicionados às normas das empresas que trabalham. E, com isso, limitados e constrangidos pela política organizacional (Kucinski, 1998; Marcelino *et al.*, 2009).

Por outro lado, a dependência social da imprensa para se manter informado sobre os assuntos políticos, econômicos e culturais não significa que o que é noticiado, da forma que o é feito, será acatado e aceito de forma acrítica e repetida sem reflexão pela audiência (Sousa, 2009). Para haver essa constatação é necessário ampliar as pesquisas de recepção no território

⁹ Original: “People only see the world within the frame of the window. If the frame of the window is too small, people will see only a small part of the world. If the window is on the west wall, people will only see the west. In other words, media may show only a small part of the world from a particular point of view”.

brasileiro. Mas, a falta de exposição a posicionamentos plurais e contrários empobrece o debate público acerca de uma temática tão vital aos cidadãos.

Desse modo, compreende-se que o jornalismo exerce um papel central nas democracias ao manter os cidadãos informados acerca dos temas políticos, agendarem o debate público e veicular visões de mundo em grande escala (Waisbord, 2000; Castells, 2000, 2013; Castro; Maia, 2006; Karam, 2014). E que estratégias como *Agenda Setting*, isto é, a hierarquização dos assuntos para influenciar não “o que”, mas, sim, “sobre o que” os indivíduos devem pensar, debater e refletir (Arrais, 2014), são utilizadas pelos canais de comunicação jornalística.

Frente a isso, em uma democracia, a imprensa deve disponibilizar informações que ofereçam um embasamento mínimo para formulação de posicionamentos e reflexões que fundamentam a compreensão do contexto político. A emergência de receptores ativos, capazes de manifestar concordância ou discordância em relação às informações recebidas, ao expressar suas opiniões e participar ativamente no processo comunicativo, dá origem ao que Ramonet (2013) denomina de “Quinto Poder”.

O Quinto Poder se manifesta de forma mais incisiva, a partir da migração e proliferação dos canais noticiosos no ambiente *online*. Nessa perspectiva, os jornais alternativos digitais, representam um aberto espaço para participação, discussão e interação com a notícia por parte dos leitores, para com os editores, colunistas e outros espectadores. Uma novidade que se apresenta – e que precisa ser investigada –, são os novos formatos de jornalismo no âmbito digital que possibilita que o cidadão escolha de forma mais concorrente o canal de informação que pretende acessar. Esse é o assunto da próxima seção desta dissertação.

2.2 Jornalismo Político Alternativo

[...] As perguntas que devem ser feitas hoje são as seguintes: a imprensa tem conseguido informar com credibilidade e qualidade sobre o que acontece no mundo da política? Ou será que o excesso de informações vem confundindo mais do que esclarecendo? A grande mídia tem conseguido ser imparcial e equilibrada ao disponibilizar fatos e opiniões sobre os diferentes segmentos políticos? E, por último, ao desempenhar o papel de fiscal do poder, o jornalismo político não corre o risco de cometer excessos e frustrar expectativas, justamente por não poder cumprir as premissas básicas anteriores? Ou seja, como fiscalizar com isenção e eficiência se não há qualidade na informação que se oferece e não se garante a pluralidade de opiniões divergentes? (Seabra, 2006, p. 138).

Diante destes apontamentos sobre a Grande Imprensa, é necessário nos debruçarmos sobre o que é e como o jornalismo alternativo se desenvolveu no Brasil. Historicamente, a imprensa alternativa brasileira é pequena. A popularização da internet, no entanto, não apenas simplificou a prática de um jornalismo desatrelado das entidades informativas, mas, ironicamente, promoveu uma maior proximidade entre os jornalistas e a esfera empresarial do jornalismo, uma evolução destacada como um dos desdobramentos do ideal de “emancipação” do jornalista das restrições salariais, das contingências inerentes ao cotidiano das redações e, por fim, das amarras que circundam o jornal enquanto entidade corporativa (Lima, 2015).

Bauman (2000) descreve que momentos de crises são uma oportunidade de evolução e aprimoramento dos processos sociais. Desse modo, o contexto político brasileiro, especialmente no início da segunda década dos anos 2000¹⁰, possibilitou a emergência de novas formas de mobilização política por parte de diferentes atores, mas também de produção de informações políticas construídas a partir de diferentes narrativas e propagadas por diversas plataformas digitais.

Apesar disso, o que estamos chamando de mídia alternativa já se apresentava no formato radical dos movimentos sociais (Góes, 2006; 2007; 2009), muito antes da eclosão de 2013. Nesse contexto, essa mídia adota o termo “alternativa” no sentido gramsciano, de contra-hegemonia aos veículos tradicionais, atuando na busca de transformação social.

O jornalismo alternativo brasileiro emerge, mais enfaticamente, com o movimento dos jornalistas de Esquerda para a blogosfera nos anos 2000 (Guazina, 2013) e ganha expressão a partir de 2005 com o Escândalo do Mensalão (Aldé; Escobar; Chagas, 2007). Em entrevista com os principais jornalistas-blogueiros¹¹, Guazina (2013) descreve que – de acordo com um dos entrevistados –, inicialmente, os *blogs* se apresentavam como uma ferramenta de intervenção no debate de forma mais autoral, sem os constrangimentos que o jornalismo corporativo apresentava. Ainda, sim, não existe uma definição clara e amplamente aceita pela literatura sobre o que seja o jornalismo alternativo, especialmente frente às novas dinâmicas que se apresentaram no período mencionado.

Para Silva (2014, p. 23) o “jornalismo, os jornalistas e o negócio jornalístico nunca passaram por mudanças estruturais tão radicais, tão próximas e tão impactantes”, como com o

¹⁰ Com as Jornadas de Junho e, posteriormente, o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, a polarização política estimulada pelo forte anti-petismo e a eleição de um presidente com tendências antidemocráticas.

¹¹ Altamiro Borges, Luis Nassif, Luiz Carlos Azenha, Paulo Henrique Amorim, Renato Rovai e Rodrigo Vianna.

advento e propagação da internet. Seguindo esse raciocínio, Shirky (2012) frisa que quando novas tecnologias aparecem em termos quantitativos e de velocidade significativos, a mudança se transforma em revolução. Dessa forma, recentemente, o jornalismo enfrentou uma verdadeira revolução em diversos sentidos, em especial, a proliferação de veículos jornalísticos.

Na luta pela influência *online* e pela atenção do público, o jornalismo político na internet tem desempenhado um papel cada vez mais significativo na cena política brasileira, mobilizando diversos segmentos sociais em torno dos eventos políticos mais importantes do país (Guazina, 2013). Sendo assim, ressaltamos que compreendemos que o jornalismo produzido para o meio digital pode ser nomeado como jornal digital, webjornalismo ou *ciberjornalismo*. O que, por sua vez, difere-se do *ciberativismo* que atua para promoção de determinadas causas sociais, mas não necessariamente, o faz a partir do formato jornalístico.

Dessa maneira, os jornais digitais, *webjornais* ou *ciberjornais* se diferenciam, ainda, conforme o tipo de notícia que veiculam. Nos interessa, especialmente, os jornais *online* com foco em notícias/pautas políticas, o que determinamos como jornais políticos digitais. Estes apresentam uma última bifurcação: podem ser tradicionais ou alternativos. São os jornais enquadrados no segundo grupo que trataremos aqui.

Estes veículos, fundados na e pela *web*, se apresentam como alternativa ou independente. Como já pontuado, tratamos os dois termos em esferas diferentes, não como sinônimos. Assim, recorreremos ao primeiro termo para identificar aqueles veículos que selaram um compromisso jornalístico com o assunto político, mas que não estão relacionados com o ecossistema midiático *mainstream* e que se apresentam como veículos de contraposição à comunicação midiática massiva dos conglomerados.

Nesse sentido, os jornais alternativos adotam o modelo de nicho em contraposição ao *catch-all* da Grande Imprensa. Isto é, focam em segmentos específicos da população, oferecendo conteúdos mais especializados e aprofundados para um público política e ideologicamente orientado, o que também é mais rentável (Alves, 2023). As informações mobilizadas neste modelo jornalístico podem ser aquelas silenciadas pelos canais convencionais ou serem enquadradas a partir dos interesses coletivos da imprensa alternativa em contraposição ao enquadramento oferecido pelos veículos tradicionais.

Conforme Seabra (2002, p. 45), o que é preciso saber é se

esse novo modelo de jornalismo que está em curso corresponde a alguma mudança na prática social que possa antever relações mais humanizadas entre os indivíduos, por permitir uma pluralidade de manifestações, ou se antes representa um mundo onde o excesso de vozes fará calar o diálogo entre as pessoas e restringir ainda mais o espaço para o debate democrático.

Nesse sentido, Heimans e Timms (2014) alertam que a transformação ocorrida é muito mais complexa, ela revela uma tensão crescente entre o “velho” e o “novo” poder. Assim, o velho poder é caracterizado por ser restrito, fechado, inacessível, enquanto o novo é aberto, participativo e canalizado. Portanto, em tese, o jornalismo alternativo digital seria o espaço de vocalização dos atores e demandas que não são divulgados pela Grande Imprensa (Góes, 2006, 2007, 2009), no processo de definição das pautas que merecem visibilidade.

Dito isso, insta salientar que o acesso e exposição a fontes alternativas de informação podem aprimorar o entendimento do cidadão acerca de seus direitos políticos e aumentar sua percepção das temáticas políticas (Dahl, 2009). Outrossim, a penetração de novos canais de informação permite novos hábitos de leitura de notícias políticas por meio de uma gama de narrativas e concepções da esfera política (Torres, 2016). Como salienta Saward (2012, p. 14)

Pluralidade, variabilidade e reflexividade são ingredientes democráticos fundamentais em campos ou sistemas de representação (...). A maior perspectiva de legitimação democrática de representação está amplamente associada com: mais reivindicações representativas de mais tipos e estilos em um contexto de contestações abertas em uma rede densa, mas aberta de reivindicações.

É nesse cenário que no início dos anos 2000, os jornalistas-blogueiros dão início aos seus projetos jornalísticos no formato de *blogs*. Com a credibilidade alcançada pela trajetória destes nos canais tradicionais, passaram a publicar suas impressões e opiniões – acerca das notícias políticas brasileiras – do ponto de vista progressista. Durante algum tempo – antes da emergência das redes sociais –, o jornalismo alternativo foi ocupado por estes atores que faziam oposição ao viés hegemônico (liberal-conservador) da mídia *mainstream*.

Dessa maneira, Maia (2008) defende que é viável conceber o espaço midiático de visibilidade como uma espécie de arena ou palco, onde diversos grupos sociais e instituições se engajam numa competição pela definição e construção de significados relacionados a questões fundamentais da vida pública.

A diminuição dos custos de produção da notícia, permitiu que diversos grupos requisitassem o papel de mediador das informações. Isso criou lastro, como aponta Alves (2019), para que a partir de 2013, ocorresse uma inflação dos meios informacionais não

convencionais que reivindicaram seu reconhecimento como fonte de informação jornalística (De Magalhães Carvalho, 2018). Essa eclosão, se dá, especialmente, pela internet e, como defende Bimber (1998, p. 133-134, tradução nossa), esse espaço

já alcançou significado político, pois um número crescente de cidadãos a utilizam para aprender sobre as políticas e ações governamentais, discutir assuntos entre si, contatar representantes eleitos, e obter materiais relativos ao voto e outras informações que podem facilitar uma participação mais ativa na política. Todos os observadores da cena corrente concordam que a rede está expandindo dramaticamente o acesso à informação política relevante e oferecendo novas possibilidades para aprendizado e ação.

Fato é que a internet mudou a forma de se fazer jornalismo (Seabra, 2006; Guazina, 2013; Orosa; Santorun; García, 2017; Nguyen, 2016; De Magalhães Carvalho, 2021) e esses agentes midiáticos considerados periféricos, segundo De Magalhães Carvalho (2021), passam a ter um papel mais relevante na circulação de informações da política brasileira.

O recurso ao jornalismo digital não é uma particularidade brasileira, mas sim uma tendência global. Massuchin *et al.* (2021, p. 112), apontam que com o jornalismo *online*, os títulos ampliaram seu “prestígio mercadológico de atração”. Em especial, pelo fato de que o jornalismo digital oferece aos cidadãos uma maior variedade de fontes de informação, com mais facilidade de acesso e velocidade, isto é, podem ser obtidas a qualquer hora, em qualquer lugar – caso estejam conectadas à internet –. Por outro lado, o conjunto de informações disponíveis pode levar à fragmentação da audiência e à dificuldade de se construir consensos sobre temas políticos, gerando uma desintegração nacional sobre o tema e ao extremismo político.

Christofolletti e Giovannaz (2013, p. 28) demonstram que

A explosão informativa da internet, o advento das redes sociais na web e o surgimento de sistemas facilitadores de produção e difusão de conteúdos digitais não têm afetado o jornalismo somente no plano técnico. A popularização massiva dos computadores pessoais, a expansão de dispositivos de comunicação móveis e o aumento da oferta de internet em banda larga são fatores que ajudam a manter um conjunto de transformações na sociabilidade e na comunicação humana, que afetam diretamente o jornalismo como atividade profissional, instituição e modelo de produção de uma forma específica de conhecimento.

Isto não significa afirmar, no entanto, que a grande imprensa brasileira não migrou para o ambiente digital, pelo contrário. De acordo com Jenkins, Ford e Green (2014), a imprensa tradicional continua tentando compreender seus novos papéis nesse ambiente.

Ainda, sim, Shirky (2012) acredita que as fontes convencionais de informação não serão apagadas pelas fontes alternativas, mas que seu domínio sobre a vida pública será diminuído a partir dessa nova dinâmica de concorrência.

Para Bauman (2016), na rede, o indivíduo tem o controle acerca de quem ele irá se relacionar, se vai manter ou deletar amigos, além disso, o ambiente *online* não requer habilidade sociais. Assim, as pessoas não são estimuladas a dialogar, porque é muito mais fácil evitar controvérsias. No contexto jornalístico, os usuários podem limitar os canais de informação que querem acessar e restringirem àqueles que não os agradam do ponto de vista ideológico. Ou seja, a tendência contemporânea de mídia está marcada pela obtenção de informações de fontes específicas, mesmo em um cenário de multiplicidade de fontes (Saward, 2012).

Muita gente as usa [– a rede –] não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha (Bauman, 2016, p. 21).

Contudo, a internet e os jornais digitais possibilitam ao usuário participar da “construção dos fatos”. Antes, o cidadão apenas recebia passivamente as informações. Agora, porém, ele pode se engajar nas discussões, deixar comentários e opiniões, curtir ou “descurtir” o conteúdo publicado, criticar ou elogiar o meio de comunicação, discordar do jornalista. Em outras palavras, é possível interagir com as notícias. No jornalismo digital, a apresentação da notícia é uma espécie de gatilho para atingir uma finalidade: as discussões dos leitores (Canavilhas, 2003).

Uma diferença perceptível entre a imprensa tradicional e a alternativa é que a segunda trabalha centrada nas pessoas, no público leitor, enquanto a primeira, está condicionada ao poder da elite (Picard, 2015). Para os canais alternativos, o público não é um mero consumidor engajado em informações (mercadoria), mas sim um participante ativo em processos e interesses comuns (Góes, 2006; 2007; 2009; Torres, 2016). No entanto, isso não é suficiente para afirmar que a influência da elite desapareceu, mas foi reduzida. Picard (2015), porém, acredita que as transformações podem suprimir arranjos de poder existentes, mas logo serão criadas novas elites e outro poder.

Andrés Bruzzone (2021), filósofo e autor do livro “Ciberpopulismo: política e democracia no mundo digital” argumenta que os meios de comunicação tradicionais estão

perdendo o protagonismo e, acompanhando a população que migrou para o ciberespaço, a verba publicitária também vem diminuindo a injeção de capital nos meios tradicionais. Apesar disso, Moretzsohn (2017), afirma serem as grandes corporações que dominam o fluxo de informações na internet, mesmo que este meio ofereça oportunidades – sem precedentes – para a disseminação de vozes alternativas, pois, como relembra Moreira (2015) a repercussão de um fato, é criada, ampliada ou esvaziada, conforme a valorização ou depreciação que a notícia recebe pela mídia.

No Brasil, as redes sociais consolidaram-se como uma das principais fontes de acesso às notícias, refletindo uma mudança significativa nos hábitos de consumo informativo da população. Segundo o *Digital News Report 2024* (Newman *et al.*, 2024), plataformas como WhatsApp (38%), YouTube (38%), Instagram (36%) e, mais recentemente, TikTok (14%) passaram a desempenhar um papel central na difusão de conteúdos jornalísticos, entre adultos com 18 anos ou mais. No total, 74% consomem fontes de notícias *on-line*. Embora o Facebook tenha perdido parte de sua influência (29%), o ambiente digital se diversificou, com os consumidores buscando informação em formatos mais visuais e fragmentados.

No entanto, o estudo também evidencia que, nessas plataformas, os influenciadores digitais e produtores de conteúdo independente tendem a ter mais destaque do que as marcas jornalísticas tradicionais, o que levanta preocupações quanto à qualidade e à verificação da informação circulante. Esse cenário aponta para um desafio crescente para o jornalismo profissional, que precisa se adaptar a dinâmicas de comunicação mais rápidas, informais e mediadas por algoritmos.

Ainda, sim, Miguel (2014) destaca que redes de ativistas cumprem papel importante na disseminação de visões alternativas, mas é o jornalismo, que está preparado para distribuir informação de forma geral, abrangente e permanente. Nesse viés, importa mencionar a existência do Jornalismo de Causa (*Advocacy Journalism*), uma noção de que o jornalismo deve ser um instrumento de mudança social a partir da mobilização e definição acerca de problemas políticos. Essa modalidade de jornalismo foi possível graças ao silenciamento dos canais *mainstream* de causas sociais consideradas importantes.

A massificação de canais noticiosos *on-line* como *blogs* e páginas nas redes sociais estão fomentando debates restritos às suas bolhas ideológicas que alimentam discussões e reforçam pontos de vistas (Stroud, 2011). Ainda, sim, não há um consenso sobre o peso desses canais na formação política dos cidadãos brasileiros, Machado (2012, p. 56) acredita que “talvez o maior papel da rede seja o de fortalecer as intenções de voto já existentes, de

municiar os militantes com argumentos e críticas, muito mais do que provocar alterações nas intenções de voto”.

Fernando Zamith *et al.* (2019), demonstram que o *ciberjornalismo* pode se “contentar com pouco”, processo que acelera e privilegia a desinformação. A busca pelos títulos caça-cliques (*clickbait*), a não identificação de fontes, reproduções acríticas de declarações e postagem de conteúdos patrocinados junto a notícias, são algumas constantes neste formato de jornalismo.

A falta de checagem (*fact-checking*), a reprodução de notícias de um veículo por outro e a magnitude de alcance de uma notícia publicada na internet, potencializa a capacidade de uma informação falsa ser percebida como verdade a medida que o cérebro humano se utiliza a repetição da mesma mensagem/tópico como um atalho para a credibilidade (Wardle, Derakhashan, 2017).

Desse modo, disseminar informações fabricadas representa um desafio em todas as esferas do jornalismo, porém, seus resultados podem ser particularmente prejudiciais quando se trata de cobertura política. Isso ocorre porque tais informações podem ter consequências significativas para um país, influenciando o comportamento da sociedade civil organizada e dos eleitores.

Para Kakutani (2018, p. 24) “a democratização liberadora da informação tornada possível pela internet não apenas engendrou inovação e empreendedorismo surpreendentes; ela também levou a uma cascata de desinformação e relativismo, como deixa evidente a atual epidemia de notícias falsas”. Marcondes Filho (2019) defende que as *fake news* representam uma nova forma de controle, embora não sejam uma novidade na história do jornalismo. Para ele, o aspecto inovador reside na utilização generalizada de computadores (robôs) para disseminar repetidamente informações falsas e exercer pressão sobre as pessoas por meio de um grande volume de postagens, visando silenciar opiniões divergentes.

Como estratégia para sair da guerra semântica acerca do termo *fake news* – que em tradução literal, teríamos “notícias falsas” – os autores Träsel, Lisboa e Vinciprova (2019), lançam mão do termo em português por considerarem um oxímoro no jornalismo, ao passo que criar um texto sem base factual ou com a intenção de levar o leitor ao engano, não é uma notícia. Os pesquisadores demonstram, ainda, que é comum que um acontecimento seja retratado equivocadamente, pelo jornalismo. Entretanto, quando ocorre uma distorção intencional ou uma mentira, exclui-se o texto da categoria de notícia. Para eles, “a notícia falsa seria, portanto, um tipo específico de desinformação fantasiada de conteúdo jornalístico”

(p. 481). Torres (2016) contribui afirmando que essas falhas apontam violações éticas e resultam em impactos políticos significativos.

Em uma revisão bibliográfica sobre o conceito Tandoc, Lim e Ling (2018, p. 7), ressaltam que

Comum a todas essas definições é o modo como as notícias falsas se apropriam do visual e da sensação das notícias reais; de como os websites se parecem; até como as matérias são escritas; a como as fotos são acompanhadas de créditos. As notícias falsas se escondem sob um verniz de legitimidade, pois tomam alguma forma de credibilidade ao tentarem se parecer com notícias reais. Ademais, para além da simples aparência de uma peça jornalística, através do uso de robôs noticiosos, as notícias falsas imitam a onipresença do noticiário, pela construção de uma rede de websites falsos.

Diante disso, a literatura sugere que o jornalismo radical ou alternativo nunca deixou de existir, especialmente àquelas engajadas politicamente, mas foram percebidas como um jornalismo de má qualidade (Carpentier, 2011). O que se percebe atualmente é que esses veículos utilizam-se da auto intitulação de “jornalismo independente” ou “jornalismo profissional”, uma vez que a denominação “profissional” costuma ser aceita como algo positivo, bom e não é questionável (Moretzsohn, 2000). No entanto, ao avaliar o material produzido por esses meios jornalísticos, percebe-se uma diferença considerável nos parâmetros de produção das notícias comparado ao jornalismo *mainstream*, especialmente quanto ao *framing*.

Nesse sentido, constata-se que os canais jornalísticos alternativos reclamam o seu lugar no agendamento dos assuntos a serem discutidos pela sociedade e, ao mesmo tempo, têm sido abraçadas pela população. Uma das razões para isso acontecer, pode ser que “a televisão é um meio informativo com uma via única, não permitindo, portanto, o debate imediato sobre o que é transmitido, ou seja, o confronto de opiniões” (Machado, 2012, p. 50). Enquanto a internet, *blogs* e redes sociais permitem que a comunicação ocorra de maneira multidimensional, possibilitando que os leitores acessem a informação, mas também deixem suas impressões e participem de debates com outros atores (Sousa, 2009; Machado, 2012).

A Esquerda e à Direita, a estratégia de criar novos canais de comunicação, se expandiu (Alves, 2023). O campo científico, porém, concentrou-se em avaliar os impactos do primeiro¹² marginalizando o papel das organizações conservadoras para os desdobramentos recentes no país. No Brasil, vários atores têm utilizado a internet como ferramenta para

¹² Veja De Magalhães Carvalho (2018; 2021).

confrontos políticos, difundindo informações falsas que se assemelham a conteúdos jornalísticos autênticos, frequentemente alcançando um público maior do que o das fontes de notícias convencionais (Träsel; Lisboa; Vinciprova, 2019). Um problema que se apresenta, constatado por Träsel, Lisboa e Vinciprova (2019, p. 477), é que não é possível distinguir “o jornalismo de qualidade do pseudo jornalismo a partir das características dos *websites* e matérias publicadas por produtores de conteúdo político”, uma vez que “produtores de pseudo jornalismo se apropriam de marcadores discursivos associados à prática [jornalística] para ludibriar a audiência” (p. 490).

Nesse ecossistema, os receptores da propaganda tornam-se igualmente seus emissores com apenas um clique, visto que as informações e narrativas, predominantemente falsas, que recebem são rapidamente compartilhadas, gerando uma rede de desinformação *online*. De acordo com Figueira (2020, p. 32), políticos populistas – como Bolsonaro –, assumem o papel de porta-vozes das pessoas que carregam frustrações, raiva e sentimentos de ultraje e para concretizar a estratégia, utilizam-se de discursos “estilo tabloide” (sensacionalista) que chamam a atenção da população e pautam a agenda da cobertura da mídia (atrás de notícias com alta carga emocional).

Machado *et al.* (2012, p. 48) adicionam:

agora, na contemporaneidade, a comunicação e as formas de realizá-la são diversas, e qualquer controle que se pretenda tornou-se mais problemático. A expansão da internet, da telefonia móvel, das páginas de relacionamento, reconfiguraram a dinâmica do compartilhamento da informação e tornou praticamente impossível o controle centralizado da mesma.

Assim, a sociedade brasileira enfrenta um novo dilema: se, de um lado, a crescente dos noticiários por meio da internet, *blogs* e redes sociais geraram maior competição, interação e opção de fonte informacional aos usuários, de outro, não há como controlar as informações veiculadas, garantir a veracidade do que circula e, principalmente, minar que as chamadas *fake news* interfiram no processo político e eleições.

É importante refletir que toda vez que ocorre a ampliação da capacidade de comunicação de um grupo, alteramos as possibilidades que ele possui. No entanto, como o grupo utiliza esse poder é uma questão distinta (Shirky, 2012). Conforme Shirky (2012), agora, pessoas altamente motivadas, podem criar contextos em que pessoas menos motivadas possam ser eficazes sem se tornarem ativistas.

Desse modo, cabe um exame acerca do poder do jornal alternativo e como o público se comporta diante das transformações mencionadas e possibilidades reveladas. Apesar disso tudo, a democracia brasileira segue resistindo, mostrando sua força ao defender sua longevidade.

No final, as investigações futuras não devem simplesmente se concentrar em se a mídia digital contribui ou não para o fortalecimento da democracia através do aumento da participação política e difusão do conhecimento, mas sim investigar quais as formas de uso das mídias digitais e que tipos de efeitos elas tem sobre a participação política e o aprendizado político, e em que circunstâncias (Dimitrova *et al.*, 2014, p. 111).

O direcionamento de Dimitrova *et al.* (2014), fornece detalhes importantes acerca do futuro das pesquisas em Comunicação Política, especialmente porque a literatura aponta para uma crescente crise de legitimidade do jornalismo (Miguel, 2022, p. 198), “com a produção permanente da incerteza sobre a veracidade de qualquer informação, própria do contexto da pós-verdade”, inseridos naquilo que Capurro e Hjørland (2003), denominam como Sociedade da Informação¹³.

Frente a essas questões, o próximo capítulo deste trabalho versará sobre a Direita e Conservadorismo, no Brasil, a fim de ilustrar e esclarecer o que a literatura e, nós, a partir desta dissertação, consideramos ao tratar sobre um jornal alternativo de Direita, tais como seus posicionamentos e agendas.

¹³ A caracterização da ideia de que a informação desempenha um papel crucial no cenário social contemporâneo.

3 DIREITA E CONSERVADORISMO NO BRASIL

O terceiro capítulo desta dissertação, mergulha nas complexidades que caracterizam o panorama político brasileiro contemporâneo, explorando os fundamentos e as interações entre a Direita e o Conservadorismo. No país, essas correntes políticas desempenham papéis significativos na formulação de políticas públicas, na estruturação dos debates nacionais e na configuração do sistema político. Ao explorar as nuances de suas ideias e o panorama recente, oferecemos uma compreensão mais acertada das disputas que moldam a esfera política do Brasil.

Por meio de uma análise crítica e contextualizada, busca-se não apenas descrever essas correntes, mas também explorar suas implicações práticas e suas interseções na política brasileira atual. Diante disso, este capítulo visa contribuir para uma apreciação abrangente das forças políticas existentes, destacando seus pensamentos e a complexidade das ideias dentro dessas correntes ideológicas em um contexto nacional específico.

3.1 A (Nova) Direita brasileira: da vergonha ao orgulho

3.1.1 Desenvolvimento histórico

A política é historicamente marcada pela multifacetada divisão ideológica entre Direita e Esquerda, categorias que moldam o debate político desde os contratualistas (Guimarães, 2023). A Direita, embora complexa de definir, é frequentemente associada ao Liberalismo e ao Conservadorismo, com base na defesa da liberdade individual, propriedade privada e valores tradicionais, como destacados por autores como Heywood (2004) e Bobbio (1998). Este último, diferencia Esquerda e Direita pela prioridade dada ou não à igualdade (Bobbio, 1995), enquanto Bresser-Pereira (1996) acrescenta a disposição em arriscar ou preservar a ordem em nome dessa igualdade.

No contexto brasileiro, a Direita desenvolveu-se a partir de estruturas coloniais, reforçando elites patrimonialistas e o clientelismo vinculado à economia agroexportadora (Gentile, 2018). Dando um salto ao pós-redemocratização, as eleições de 1989 marcaram a reinserção da Direita no espaço político formal, mas sob a sombra da “direita envergonhada” – um fenômeno que evitava a autoidentificação explícita com essa vertente devido ao legado autoritário da Ditadura Civil-Militar (Rodrigues, 1987; Caldeira Neto, 2016).

A configuração atual da Direita brasileira incorpora tanto partidos que aceitam as “regras do jogo” democrático (Minkenberg, 2000) quanto organizações que rejeitam princípios fundamentais das democracias liberais, compondo aquilo que denominamos como Nova Direita. A retórica de partidos como o “anti-party party” (Mudde, 1996) destaca críticas ao sistema político convencional, capitalizando a desconfiança em relação aos partidos tradicionais e enfatizando a originalidade de sua postura ideológica.

Dessa forma, compreende-se que as manifestações contemporâneas da Direita no Brasil é resultado de uma longa trajetória histórica, mas também de dinâmicas recentes de rearticulação política, que refletem tanto continuidades quanto rupturas em sua identidade e estratégias de atuação (Gentile, 2018; Caldeira Neto, 2016).

Nesse aspecto, a ascensão global¹⁴ das Extremas-Direitas manifesta-se em múltiplos formatos e articulações, refletindo um fenômeno internacional complexo e multifacetado. Esse movimento inclui redes de *think tanks* com ramificações transnacionais, iniciativas que se inspiram mutuamente e líderes políticos que compartilham pautas comuns, como a reação contra o “politicamente correto”, discursos moralizantes, o ultranacionalismo e projetos de repressão a movimentos sociais (Caldeira Neto; Forti, 2023).

Para o campo de estudos sobre as Direitas Radicais e Extremas, os desafios são consideráveis, dado que a complexidade do fenômeno envolve uma diversidade caleidoscópica de valores, mitos políticos e arranjos culturais e políticos. Essa multiplicidade implica uma constante reinvenção e rearticulação das estratégias e dos espaços de atuação das Extremas Direitas, que operam além das esferas tradicionais de política formal, como partidos, e estendem-se para formas alternativas de mobilização (Caldeira Neto; Forti, 2023). A capacidade dessas correntes de atuar para além dos espaços convencionais, construindo articulações políticas fora do Estado e dos partidos formais, sublinha a importância desse fenômeno, que não se trata de um simples ressurgimento de arquétipos do início do século XX, mas sim de uma renovação adaptativa das Direitas-Extremas no cenário contemporâneo.

Frente a isso, a Direita brasileira contemporânea (ou “nova Direita”, como tem sido chamada¹⁵), no sentido de suas estruturas ideológicas e suas organizações políticas, por um lado, reflete de modo atualizado a peculiar combinação entre princípios liberais e práticas autoritárias que marcam a história recente do Brasil, por outro, ela incorpora na sociedade

¹⁴ Não somente no sentido de ocorrer em vários países do globo terrestre, mas também “porque buscam reorganizar o mundo, a geopolítica e os seus espaços e o das instituições” (Caldeira Neto; Forti, 2023, p. 1).

¹⁵ Ver Codato, Bolognesi e Roeder (2015), Alves Cepêda (2018), Casimiro (2018), Mota (2019), Lima e Hypólito (2019) e Andrada (2022), entre outros.

brasileira uma característica relevante das sociedades “pós-democráticas” (Crouch, 2004): a aliança entre movimentos neoliberais e a Direita nacionalista, formando coalizões ou até coexistindo em um mesmo partido.

Para Lima e Hypólito (2019), a Nova Direita é fruto da aliança de quatro grupos: os neoliberais, os neoconservadores, os populistas autoritários e a nova classe média profissional. Assim,

Os neoliberais constituem a liderança da Nova Direita e representam o grupo que se preocupa com a orientação político-econômica atrelada à noção de mercado. Os neoconservadores são aqueles que definem os valores do passado como melhores que os atuais e lutam pelas tradições culturais. Os populistas autoritários são, em geral, grupos de classe média e de classe trabalhadora que desconfiam do Estado e se preocupam com a segurança, a família, o conhecimento e os valores tradicionais. [...] Por fim, o grupo constituído pela nova classe média profissional está preocupado com a mobilidade social e tal segmento “pode não concordar totalmente com esses outros grupos, mas [...] [seus] interesses profissionais e progresso dependem da expansão de sistemas de prestação de contas, da busca da eficiência e de procedimentos gerenciais (Apple, 2000, p. 32 *apud* Lima; Hypólito, 2019, p. 4).

Essa Nova Direita, possui sua base ideológica, assentada no Conservadorismo, cujo objetivo é transmiti-lo por “robustos aparelhos privados de hegemonia cuja missão é educar a espontaneidade das massas, criando consensos em torno das crenças e valores burgueses” (Duarte, 2023). No âmbito político, essa Direita nova se apresenta como uma tentativa de revitalizar a Direita Tradicional, conferindo-lhe uma aparência de inovação frente a ideais previamente percebidas como obsoletas e desatualizadas (Fachin, 2019). Apesar disso, tal movimento intensifica características anteriormente associadas à Direita convencional, adotando discursos que, ao mesmo tempo, em que são mais populistas e nacionalistas, preservam e difundem valores conservadores de forma pragmática.

Frente a mudança discursiva, emerge, também, a necessidade de novas práticas comunicativas, como veremos a seguir.

3.1.2 Estratégias de comunicação da Nova Direita

Mattos (2020) destaca que – as chamadas milícias digitais associadas à nova Direita – tomam como estratégia a comunicação direta com o público por meio das redes sociais, juntamente com a ampla disseminação de *fake news* pelas. As redes sociais teriam, assim, preenchido o espaço deixado pela ausência de um partido de massa. Esse meio de

comunicação cria uma sensação de proximidade com o povo, ao mesmo tempo, em que evita o confronto direto de ideias, e permite às figuras políticas transmitirem mensagens convenientes e escapar de respostas mais elaboradas (Duarte, 2023), como pontuamos anteriormente.

Conforme Barros (2024), 2010 foi caracterizado por eventos significativos que exerceram um impacto profundo sobre a Direita brasileira, tanto no plano político quanto ideológico. As eleições presidenciais naquele ano, caracterizadas por uma intensa polarização, tiveram como protagonistas Dilma Rousseff, candidata do Partido dos Trabalhadores (PT), e José Serra, candidato pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Essa disputa acentuou as divisões políticas no país e revisitou debates que refletiriam as reconfigurações da Direita brasileira nos anos subsequentes. Dessa maneira, neste ano em diante, houve um fortalecimento da corrente, assim como, nos Estados Unidos e nos países europeus como Reino Unido e Hungria (Codato; Bolognesi; Roeder, 2018). A coexistência desse movimento sugere que há uma ascensão conservadora nas democracias ocidentais.

No mesmo sentido, Calil (2020) delimita o ciclo do primeiro governo petista (2003-2010) como o período do avanço da Direita que encontrava-se em processo de reconfiguração e atualização desde a redemocratização. As narrativas ligadas ao PT, à época, propiciou as mobilizações de 2013 (Jornadas de Junho) como estopim para o despertar da Direita (Duarte, 2023).

Nestes moldes, ocorre uma mobilização para a difusão ideológica e capilaridade das visões conservadoras e moralizantes, a fim de alcançar o apoio público, tanto pelas redes sociais, quanto pelos aplicativos de mensagens rápidas (Duarte, 2023). Assim,

Através da multiplicação de uma miríade de aparelhos de difusão, gradativamente a ideologia dominante ganha notoriedade e força, adquire ressonância em diferentes espaços da vida social e as formas de atuação da burguesia estabelecem conexões nacionais e transnacionais. Tais aparelhos compõem o que se consumou denominar hoje de “nova direita” (Casimiro, 2018, p. 34).

O ciclo de manifestações iniciado em junho de 2013 (que, posteriormente, culminou no *impeachment* de Dilma Rousseff), evidenciou a emergência e consolidação de uma Nova Direita, tanto em termos ideológicos quanto organizacionais. Calil (2020, p. 71), atribui o soerguimento da Direita, no período, em dois pilares, sendo eles:

[...] a criação de múltiplos, variados e muito bem organizados aparelhos privados de hegemonia dedicados a propagar concepções meritocráticas, individualistas, ultraliberais, antissociais, fundamentalistas, anarcocapitalistas, armamentistas e muitas outras situadas no campo conservador; e a sistemática recusa ao embate ideológico por parte dos governos petistas, ao mesmo tempo em que se aliavam com e garantiam posições de poder a lideranças reacionárias que depois as usariam para apoiar o Golpe de 2016.

De antemão, três principais correntes dessa nova Direita se destacaram: os pentecostais, que começaram a se inserir no campo político institucional desde a década de 1970; os institutos liberais, fundados por setores empresariais com o objetivo de promover o neoliberalismo no Brasil desde os anos 1980 (Gros, 2004); e o movimento em torno da liderança de Jair Bolsonaro.

O biênio 2015-2016 testemunhou um ressurgimento do ativismo de Direita nas ruas brasileiras, protagonizado por setores médios que convergiram em torno de um discurso conservador e antidemocrático (Duarte, 2023). Essa mobilização, marcada por um intenso debate ideológico, culminou na deposição da presidente Dilma Rousseff, em um processo político controverso e profundamente polarizante.

Nas manifestações antipetistas e *pró-impeachment*, as organizações neoliberais desempenharam um papel na construção de um discurso de ódio e intolerância, que caracteriza a “atual cosmovisão da Direita no Brasil, compreendida como um universo multidimensional, o qual abarca diferentes tonalidades ideológicas e emissões discursivas” (Messenberg, 2017, p. 633).

Dessa forma, as estratégias discursivas adotadas pela Nova Direita brasileira nos últimos anos revelam a formação de um ambiente propício ao surgimento de manifestações ainda mais radicalizadas. O aprofundamento dessa lógica discursiva intolerante, alimentada por práticas de polarização e deslegitimação do adversário, abre espaço para compreendermos a ascensão de uma Extrema-Direita que, partindo dessas bases, leva o antagonismo a patamares mais extremos, combinando retóricas de ódio, teorias conspiratórias e ataques sistemáticos às instituições democráticas. A seguir, analisaremos como esse processo de radicalização se configura no discurso da extrema-direita no Brasil contemporâneo.

3.1.3 A Extrema-Direita brasileira

As sucessivas transformações e adaptações do campo de Direita permitiu que tivéssemos

[...] assim, um heterogêneo e novo movimento político composto por uma direita autoritária que contribuiu para o aprofundamento da crise capitalista, possibilitando a ascensão de grupos ultraliberais na direção do Estado e reproduzindo as velhas táticas políticas de opressão, de manipulação e de clientelismo, adeptas ao discurso do anticomunismo e do combate à corrupção (Silva, 2021, p. 121).

Frente a isso, Caldeira Neto (2021, p. 12) aponta que “a crise global que incorpora o surgimento de novas facetas e expressões da extrema-direita global se encontrou, no Brasil, com dois eventos-chave e potencialmente traumáticos: a queda de Dilma Rousseff e a eleição de Jair Bolsonaro”. Assim sendo, o autor menciona que durante a crise da Nova República, a própria fundação do bolsonarismo e as crises do governo Bolsonaro, propiciou uma crescente radicalização das bases de apoio, bem como o “crescimento de tentações anunciadamente antidemocráticas” (p. 14).

Para Costa e Mendes (2021), o bolsonarismo foi apoiado pela burguesia nacional por dois motivos: 1. pela certeza de derrota de sua primeira opção eleitoral social-democrata (Geraldo Alckmin – candidato à presidência) nas eleições de 2018; 2. pela capacidade de mobilização política do bolsonarismo “de baixo” para a manutenção do *status quo*. Assim, em meio à reorganização política da Direita, a projeção nacional de Bolsonaro, é transpassada por uma construção ideológica e política que serviria de matéria-prima para a formação do bolsonarismo (Duarte, 2023).

Mattos (2020), refletindo sobre os pilares ideológicos do Bolsonarismo, o que ele denominou de “neofascismo à brasileira”, fornece dois elementos principais, o primeiro deles é a busca por uma “teoria neofascista” por meio da apropriação e ressignificação de pensamentos conservadores já difundidos e; o segundo, a apologia à violência e ao discurso anticorrupção. Para Silva *et al.* (2014, p. 413-414):

A extrema-direita, marcadamente associada às trágicas experiências do nazifascismo, continua apresentando muitos traços originais do contexto de sua emergência: irracionalismo, nacionalismo, defesa de valores e instituições tradicionais, intolerância à diversidade cultural, étnica, sexual, anticomunismo, machismo, violência em nome da defesa de uma comunidade/raça considerada superior. Compartilhando do ideário político vinculado aos interesses de dominação, opressão e apropriação privada da riqueza social, distancia-se da direita tradicional pela intolerância e pela violência de suas ações, embora, quando organizada em partidos ou associações públicas, recuse tais práticas por parte de seus membros.

O populismo de Extrema-Direita, tal qual empregado pelo ex-presidente brasileiro Bolsonaro, tem emergido como uma força política significativa em diversas democracias. Caracterizado pela retórica polarizadora, pela exaltação de lideranças carismáticas e pelo

discurso contra elites e instituições tradicionais, esse fenômeno frequentemente combina nacionalismo exacerbado, resistência a valores progressistas e apelos a segmentos da população que se sentem desamparados pelas políticas globais e pela modernidade (Mudde, 2007). Além disso, a rejeição ao multiculturalismo e a defesa de identidades nacionais homogêneas tornam-se elementos centrais dessas mobilizações (Eatwell; Goodwin, 2018).

Outrossim, essa Nova Direita se apresenta como uma alternativa renovadora, posicionando-se como uma resposta às frustrações acumuladas em relação à Direita tradicional. Esse movimento busca atrair um público que, profundamente descrente, vê o sistema político como irremediavelmente corrompido, oferecendo-se como uma solução para esse desencanto generalizado. Esse populismo, abraçado por Bolsonaro, garantiu a adesão de jovens, setores conservadores, integrantes da classe média e pequenos empresários em torno do fenômeno político conhecido como bolsonarismo (Duarte, 2023).

Dito nesses termos, percebe-se a inversão do que ocorria quanto à vergonha em se classificar e atribuir alinhado à Direita. Agora, no entanto, a identidade é construída e assumida não de maneira vexatória, reprimida ou pejorativa (Quadros; Madeira, 2018), mas, sim, daquilo que chamamos de “Direita orgulhosa”.

A consideramos “orgulhosa”, por algumas razões. A primeira delas – e, portanto –, mais óbvia, é pelo abandono do discurso que afastava tanto os partidos políticos, como candidatos e até mesmo a sociedade civil do posicionamento de Direita. Em segundo lugar, pela adoção de símbolos patrióticos alinhados à Direita do espectro político, tal como a utilização da camiseta da seleção brasileira para demonstrar apoio a, entre outros representantes, Bolsonaro – fora da época do torneio – e em todos os ambientes sociais. Adiante, pelo público rechaço pela Esquerda, o PT ou qualquer outro marcador que esteja associado ao campo progressista, inclusive, adotando posicionamentos discriminantes ou criminosos, como o assassinato de Marcelo Arruda¹⁶. Na quarta dimensão, consideramos o apoio e fidelidade irrestrita ao ex-presidente Bolsonaro e seus homônimos, não só durante o governo do ex-presidente, como também após seu mandato. Fato esse corroborado pelo resultado alcançado nas eleições municipais de 2024, na qual 50% dos candidatos apoiados por ele, foram eleitos em primeiro ou segundo turno¹⁷ (Falcão, 2024).

¹⁶ Marcelo Arruda foi morto a tiros, no dia 09 de julho de 2022, durante a própria festa de aniversário, cujo tema era o PT e o ex-presidente Lula. Jorge Guarinho, autor do crime, foi indiciado por homicídio qualificado por motivo torpe (Por G1 PR, 2022).

¹⁷ “Em meio às eleições municipais, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) visitou 56 cidades para apoiar candidatos a prefeito escolhidos por seu partido desde o início da campanha eleitoral, em 16 de agosto. Dos nomes apoiados por Bolsonaro durante as viagens, 18 foram eleitos no primeiro turno e outros 11 disputam o

Dessa forma, a Direita voltou a conquistar a adesão de um público considerável, impulsionada pela ascensão de políticas que favoreceram o ressurgimento da Extrema-Direita, como uma “fênix” (Guimarães, 2023). Nesse contexto, os ideais extremistas foram estrategicamente revestidos pela narrativa de urgência por transformação política e pela insistência em que a situação de determinados países era insustentável, sugerindo que somente a substituição de governos poderia trazer melhorias significativas. Esse processo de mobilização, que combina o financiamento do medo coletivo com propaganda política, utiliza amplamente as redes sociais – e a internet, de modo geral – para reduzir a distância entre líderes e cidadãos e tem-se demonstrado eficaz para fins políticos em todo o mundo (Marshall, 2014).

3.2 O Conservadorismo no Brasil

A retórica conservadora emergiu nos últimos anos com força irresistível no espaço público brasileiro, manifestando seu poder de atração em diferentes esferas das vivências coletivas, dando destaque a personagens os mais diversos como o deputado Jair Bolsonaro, o músico Lobão, o filósofo autodidata Olavo de Carvalho e a jornalista Rachel Sheherazade, para mencionar apenas alguns de seus porta-vozes mais estridentes, nas esferas políticas, artísticas, intelectuais, todos com forte presença midiática. As redes sociais, os estádios de futebol, os almoços de família, os meios de comunicação de massa, as ruas das grandes cidades brasileiras, as tribunas em diferentes casas legislativas foram saturadas por um conservadorismo difuso, comprometido com causas morais e econômicas, integrado pelo ódio ao PT e marcado por forte carga emocional. Como explicar esse fenômeno? (Cunha, 2015, p. 1).

A ascensão e consolidação de movimentos de Direita no Brasil contemporâneo têm suscitado uma série de questionamentos sobre o papel e a influência do Conservadorismo no cenário político nacional. Em um país marcado pela pluralidade ideológica e pelas constantes reconfigurações políticas, a associação entre Conservadorismo e Direita assume contornos complexos, refletindo tanto alinhamentos históricos quanto dinâmicas contextuais mais recentes. Esses encontros, embora nem sempre lineares, evidenciam como valores conservadores, tais como a defesa de instituições tradicionais, a ênfase na moralidade e a resistência a mudanças bruscas, têm permeado discursos e práticas da Direita brasileira, especialmente em momentos de polarização política e cultural.

segundo. O levantamento foi realizado pelo GLOBO com base na agenda presidencial, publicações no Instagram e notícias de portais regionais sobre as visitas dos rivais políticos” (Falcão, 2024).

Nesse sentido, explorar as interseções entre Direita e Conservadorismo no Brasil contemporâneo não apenas ilumina aspectos fundamentais da atual disputa política, mas também contribui para compreender como essas forças dialogam com questões estruturais, como desigualdade social, reformas institucionais e o fortalecimento da democracia.

Para situarmos esse debate, cabe destacar que o Conservadorismo surgiu na modernidade europeia, no século XVII, em torno de partidos e intelectuais que lutavam contra as revoluções liberais, em busca da preservação de uma configuração específica de poderes e instituições frente às transformações impostas pelo colapso do Antigo Regime e pela conquista da emancipação política pelos cidadãos (Paiva, 2021; Carmelo, 2024). De acordo com Almeida (2018), o que se buscava cultivar, eram instituições e valores tradicionais como família, propriedade e moralidade religiosa, como centro de civilização e controle social.

O Conservadorismo é um pensamento materialista que reivindica a conservação das relações sociais como estão (Oliveira, 2017b), montado no capitalismo, como uma particularidade da sociedade burguesa (Paiva, 2021). Frente a isso, o Conservadorismo Clássico sustenta que a sociedade não demanda processos revolucionários que promovam a transformação das instituições, uma vez que tais processos representam, em sua visão, uma forma de ameaça à ordem social (Paiva, 2021). Outra característica desta versão é o desprezo “pelas formas de vida e cultura das classes subalternas” (Souza, 2016a, p. 126).

Esse pensamento desencadeia um discurso moralista e subjetivista (Souza, 2016a) que ganha uma nova roupagem sociológica e científica através das contribuições de cientistas sociais como August Comte, Hebert Spencer e Émile Durkheim, bem como autores de tradição durkheimiana que explicam a vida social (Paiva, 2021). Nesta edição, os estudiosos enfatizam “a cultura, a burocracia, a institucionalidade, a moral, a filosofia, ampliando e universalizando os valores da tradição conservadora mesmo que indiretamente [...] sem abdicar das mudanças necessárias para o bom funcionamento da ordem social” (Paiva, 2021, p. 23).

Mais adiante, essa corrente sofre adaptações nos Estados Unidos, voltando-se à regulação da moral e dos costumes como reação à – de acordo com seus adeptos – profunda crise de valores que corrompia as fundações da moralidade social (Castro, 2018). É a partir daqui que essa concepção é nomeada como Neoconservadorismo. Nesse momento, ocorre o fortalecimento do monopólio da violência e da coerção estatal, promovendo o crescimento da intolerância e levantando questionamentos sobre a importância dos mecanismos democráticos, de acordo com Paiva (2021).

Nesta dissertação, entretanto, trataremos essa corrente como Conservadorismo. De modo sistemático, compreende-se o Conservadorismo, como modos de vida naturalizados e instituições consagradas que defendem a manutenção da ordem social, o sistema político, a cultura e a tradição jurídica vigente (Scruton, 2014). Assim, a finalidade é manter o *status quo*, salvaguardar hierarquias, preservar privilégios e legitimar a ordem social como natural da evolução histórica (Saviani Filho, 2016).

Segundo Scruton (2015), aqueles que se identificam como conservadores são indivíduos que reconhecem ter herdado algo valioso, como uma ordem social, um sistema político ou uma cultura, e buscam preservar esses valores. Seu objetivo é, portanto, garantir a continuidade das instituições sociais tradicionais.

De acordo Santos *et al.* (2018), a maioria da população que se identifica como conservadora adere a preceitos religiosos e morais que, muitas vezes, entram em conflito com princípios como liberdade, segurança, bem-estar, igualdade e fraternidade, consagrados na Constituição Federal de 1988. Os autores também apontam que os defensores dessa postura política tendem a considerar suas condutas como padrões ideais a serem seguidos pela sociedade, estabelecendo juízos sobre aqueles que não se adequam aos valores transmitidos ao longo das gerações.

Conforme Souza (2016a), no Brasil, assim como em outras nações onde o Conservadorismo se consolida, ele se adapta às especificidades de sua formação sócio-histórica e aos seus modelos econômicos. Dessa maneira, ser conservador no contexto do “Novo Mundo”, especialmente em um país como o brasileiro, de acordo com Castro (2018), adquire um significado distinto do que se aplica à Europa. Isso porque aqui não houve uma revolução burguesa plena, nem transições políticas que efetivamente rompam com o legado colonialista, patrimonialista, autoritário e escravocrata. Nesse cenário, o autor sinaliza que, embora a adesão ao conservadorismo possa ser intelectualmente lógica e consistente, sua aplicação prática carrega frequentemente o risco de perpetuar desigualdades históricas e injustiças sociais.

Dessa forma, ao compreender o Conservadorismo como um pensamento que sustenta os avanços do capitalismo neoliberal, infiltrando-se nas estruturas de comando do Estado para preservar um modelo de produção e assegurar a manutenção de uma determinada classe nas esferas de poder (Paiva, 2021), é possível analisar como esse movimento se manifesta na realidade brasileira.

Para Pastorini e Faria (2020), esse pensamento cumpre uma função sociopolítica de retrocesso, sustentado por um saudosismo em relação ao passado que, no contexto brasileiro, encontra legitimidade em peculiaridades de sua formação social – marcada pelo escravismo, patriarcalismo e racismo. Essas características alimentam formas de pensamento que exaltam a hierarquia, preservam privilégios, mantêm a ordem e o *status quo*, atuando como obstáculos aos direitos e ao progresso democrático.

Lima e Lima (2020) incorporam a lista das tradições brasileiras com a inclinação “judaico-cristã, patrimonialista, coronelista, oligárquica, elitista, hierárquica, utilitarista” (p. 174), estes são valores preservados pelos costumes e tradição (Barroco, 2015). O pensamento Conservador, com suas pautas, valores e práticas, não é uma característica exclusiva do contexto brasileiro atual, tampouco uma novidade do século XXI, como observamos. Pelo contrário, ele representa uma das marcas inerentes ao capitalismo, materializando-se na forma política requerida pelo capital para sua expansão: o Estado (Pastorini; Faria, 2020).

Traçando uma linha do tempo, o Conservadorismo político brasileiro ganhou evidência a partir dos anos 1940, com a criação da União Democrática Nacional (UDN). Esse partido, embora sustentasse princípios de democracia liberal e defesa do livre mercado, apresentava marcadas tendências conservadoras (Carmelo, 2024). Desde esse período, o Conservadorismo consolidou-se como uma força política relevante, frequentemente alinhando-se aos interesses das elites econômicas e políticas nacionais (Löwy, 2015).

Com o estabelecimento da Ditadura, no Brasil, e a extinção dos partidos políticos existentes pelo AI-2¹⁸ restou apenas a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Conforme destaca Kaysel (2015), a ARENA fortaleceu práticas de clientelismo, conectando o poder central às lideranças locais, ao mesmo tempo em que articulava uma aliança conservadora em oposição aos processos de modernização.

Nos anos 1980, entretanto, ocorreram significativas divisões no campo da Direita, evidenciando a passagem de um alinhamento com o regime autoritário para a incorporação de princípios neoliberais. Assim, a perspectiva conservadora passou a articular-se intimamente com o neoliberalismo (Pastorini; Faria, 2020).

¹⁸ O Ato Institucional n.º 2 (AI-2), decretado em 1965 – durante o governo do marechal Castelo Branco – pelo regime militar no Brasil, ampliou os poderes autoritários do Executivo, extinguiu os partidos políticos existentes e instituiu o bipartidarismo com a criação da ARENA (governo) e MDB (oposição controlada). Além disso, restringiu liberdades democráticas e aumentou a interferência militar nas instituições.

Enquanto expressão do pensamento moderno, o Conservadorismo acompanha as transformações do capitalismo ao longo dos diferentes períodos históricos, preservando, no entanto, seus elementos fundamentais: a centralidade da família, a moral religiosa, a defesa dos valores tradicionais, a segmentação e diferenciação entre gêneros, raças e classes, além da concepção de ordem e controle como pilares do progresso e do desenvolvimento (Pastorini; Faria, 2020). Desse modo, a Nova Direita brasileira demonstra notável habilidade ao incorporar o Tradicionalismo descrito por Benjamin Teitelbaum e Cynthia Costa (2021), um conjunto de valores que, embora rejeitado por ampla parcela da população em períodos anteriores devido ao seu contexto histórico, é agora ressignificado e integrado em seu discurso político.

Em poucos termos, o Conservadorismo conceituado por Scruton (2014) adquire uma radicalização – ao adquirir a máscara do Conservadorismo – atrelada às “forças reacionárias, o fundamentalismo religioso, o apelo à ordem, o controle social, [e] o contraponto às forças inovadoras” (Lima; Lima, 2020, p. 175). Nesse contexto, para Cunha (2015), o Brasil tem experimentado um Conservadorismo difuso nos últimos anos, que abriga o viés Clássico e agrega a exponencialidade da visibilidade e a capacidade de articulação. Para tanto, houve uma atualização tanto da linguagem como da estética dos ideais conservadores (Lima; Lima, 2020).

Exemplo do sucesso articulador e mobilizador do Conservadorismo, foram as manifestações de junho de 2013. Para Dowbor e Szwako (2013), o Conservadorismo foi fortalecido pelos protestos a partir de uma falsa narrativa de apartidarismo e de espontaneidade.

Após um período de avanços e retrocessos democráticos, agravado por uma crise econômica e a rápida escalada do desemprego entre 2014 e 2015, diversos segmentos sociais mobilizaram-se no Brasil. Setores das elites política e econômica, insatisfeitos com as perdas geradas pela crise, a classe média ressentida por sentir-se quase excluída das políticas sociais e as camadas populares buscando maior inserção no mercado de consumo, uniram-se em meio à onda global do Conservadorismo (Oliveira, 2017b).

Singer (2009), destaca a incorporação do Conservadorismo na reeleição de Lula, em 2006. Bresser-Pereira (2013) apresenta o ano de 2012 como o marco temporal da reorganização do “liberalismo conservador e moralista brasileiro”. Boulos (2014) elege 2013 como o ano da ascensão da onda Conservadora, quando a Direita “saiu do armário”. Iasi (2015), ao contrário, acredita que o Conservadorismo sempre esteve por aqui, forte e

persistente. Para Lacerda (2019), o Conservadorismo nos moldes atuais foi instituído no Brasil a partir de 2015, apresentando peculiaridades do mundo *online*, do neoliberalismo, do extremismo à Direita, do combate a questões identitárias e violações democráticas e constitucionais.

Ainda, sim, definir o Conservadorismo “à brasileira”, não é uma tarefa simples. Para Lima e Lima (2020), o Conservadorismo brasileiro é múltiplo e dialoga com categorias como a Direita e a Bolsonarização. Nesse sentido, para as autoras, o Conservadorismo e o posicionamento à Direita, possuem uma relação intrínseca, ainda que elas concordem que os termos Esquerda e Direita possuem dinamicidade e plasticidade.

Resultados de trabalhos como o de Lopes e Castro (2023), corroboram estudos que relacionam o Conservadorismo político com a Direita. Ademais, de acordo com os escritores – no campo da Ciência Política, os valores influenciam a orientação política dos cidadãos, uma vez que estes são “construtos importantes no conjunto dos conceitos psicossociais considerados centrais para a predição de atitudes e comportamentos” (Torres; Schwartz; Nascimento, 2016, p. 342).

No entanto, essa aliança entre Direita e Conservadorismo apresenta tensões, especialmente no campo econômico. Enquanto o Neoliberalismo, amplamente adotado pela Direita, prioriza a liberdade de mercado e a redução do papel do Estado, o Tradicionalismo conservador busca preservar estruturas comunitárias e valores que frequentemente entram em choque com as políticas neoliberais, acusadas de exacerbar desigualdades sociais (Bresser-Pereira, 1996; Hayek, 1944). Essas divergências tornam-se ainda mais evidentes em contextos de crise, onde lideranças precisam conciliar demandas contraditórias, como a promoção da liberalização econômica e a defesa de tradições sociais.

Essas tensões se manifestam na prática política brasileira contemporânea, onde diferentes facções da Direita tentam conciliar demandas por liberdade econômica com a preservação de valores culturais tradicionais. A ascensão de novas lideranças políticas, como Jair Bolsonaro, evidencia essa convergência e seus limites. Enquanto o discurso bolsonarista enfatiza valores morais e religiosos, seu alinhamento com pautas neoliberais revela contradições internas que frequentemente resultam em rupturas com setores mais tradicionais da Direita (Caldeira Neto, 2016).

A discussão acerca dos valores conservadores pode, ainda, se associar a uma orientação política de Extrema-Direita, uma vez que tais princípios são frequentemente compartilhados por esses grupos (Lopes; Castro, 2023). Entre eles, destacam-se a defesa da

tradição, da ordem e da autoridade, a oposição às transformações sociais e à diversidade cultural, bem como a valorização da segurança e da identidade nacional. Em síntese, a discussão sobre valores conservadores pode relacionar-se a uma orientação política de Extrema-Direita quando esses valores são empregados para sustentar posturas autoritárias, populistas e nacionalistas (Lopes; Castro, 2023). Vale destacar, entretanto, que nem todos os adeptos dos valores conservadores pertencem à Extrema-Direita, embora a conexão entre tais princípios e essa posição política represente uma tendência histórica e politicamente significativa (Lopes; Castro, 2023).

Fato é que, a partir da década de 2010, esses grupos passaram a ocupar as ruas, articulados contra a corrupção política e o governo, dando origem a novos movimentos sociais de viés conservador. Amparados por setores das elites política, econômica e midiática (Souza, 2016b; Chaui, 2016), utilizaram as redes sociais como principal ferramenta de mobilização, protagonizando manifestações massivas em 2014 contra os altos custos da Copa do Mundo, a corrupção e até promovendo hostilidade à presidente durante a cerimônia de abertura do evento (Oliveira, 2017b).

Desse modo, Lole e Stampa (2018) observam que o crescimento de movimentos Conservadores, no Brasil, se deu como uma reação inibidora da ascensão da classe e grupos subalternos, para a manutenção de sua hegemonia. Nas palavras de Gramsci (2011, p. 21) o estabelecimento da hegemonia acontece através

[...] do consenso “espontâneo” dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce “historicamente” do prestígio (e, portanto, da confiança) obtido pelo grupo dominante por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção; [...] do aparelho de coerção estatal que assegura “legalmente” a disciplina dos grupos que não “consentem”, nem ativa nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais desaparece o consenso espontâneo.

Hegemonia, então, envolve a obtenção de consenso e a liderança cultural, política e ideológica de uma classe sobre as demais, criando uma rede de relações e mediações complexas. Não se limita, nas palavras de Lole e Stampa (2018), à mera submissão de uma classe a outra, mas evidencia a capacidade das classes de formular uma perspectiva de mundo, promovendo, assim, uma “reforma intelectual e moral”.

Bráz (2017, p. 101-102) adiciona

A intolerância de nossas classes dominantes não é um fenômeno conjuntural. Historicamente elas sempre foram muito avessas a avanços sociais, mesmo aqueles que não comprometem os seus interesses econômicos. A nossa formação social nos legou uma classe dominante preconceituosa, mesquinha, egoísta, antidemocrática e violenta. Os traços herdados da escravidão constituíram marcas indeléveis em seu comportamento. A intolerância se volta com frequência contra os negros, ainda mais quando eles experimentam alguma mobilidade social, mesmo que pequena e intraclasse.

Dito de outro modo, a resistência conservadora se voltou contra as políticas sociais promovidas pelo lulismo (Singer, 2012). Todavia, mesmo durante os governos petistas (2003-2016), marcados por momentos de crescimento econômico baseados na ampliação do consumo pelas classes médias e setores mais pobres, com redução das desigualdades absolutas, não se conseguiu promover melhorias estruturais e duradouras na vida da maioria da população (Pastorini; Faria, 2020). Ainda, sim, Lima e Lima (2020) afirmam que irrupções de ideais conservadores acontecem quando as instituições consolidadas se sentem ameaçadas se considerarmos o Conservadorismo pela Teoria Situacional.

De acordo com essa perspectiva, o conservadorismo é posicional e se desenvolve conforme necessidades históricas precisas. A ideologia conservadora é produto de intenso conflito ideológico e social. Ela só surge quando forças sociais que desafiam a ordem estabelecida se tornam relevantes o suficiente para apresentar perigo claro e presente às instituições. O conservadorismo, assim, é resistência que existe em um contexto específico, articulada, sistemática e teoricamente elaborada a mudança (Huntington, 1957, p. 457-461 *apud* Lacerda, 2019, p. 25).

Interessante considerar que, até então, a marca distintiva do Conservadorismo era o caráter reacionário, o que explica sua ausência como protagonista em projetos governamentais ou na formação de grandes movimentos sociais organizados em torno de uma agenda própria (Castro, 2018). Ou seja, não era habitual que conservadores se unissem em torno de objetivos comuns, o que geralmente os mobilizavam era a identificação de inimigos compartilhados e a percepção de ameaças à ordem vigente.

Segundo Lacerda (2019), a Nova Direita distingue-se por transcender meras alianças políticas de conveniência, ao incorporar um discurso que combina posições economicamente liberais com valores socialmente conservadores. Essa formulação reflete a influência do neoconservadorismo norte-americano, que desempenhou um papel fundamental na consolidação da agenda neoliberal durante o governo Reagan, servindo como base tanto para sua plataforma política quanto para seu conjunto ideológico.

Sobre isso, a literatura tem retratado com certa ênfase o papel da Bancada Evangélica¹⁹ (ou Bancada da Bíblia) na promoção da agenda conservadora brasileira (Castro, 2018; Pastorini; Faria, 2020; Carmelo, 2024). Nesse sentido, Castro (2018) aponta para o fato de que não são necessariamente os partidos que aglutinam esses representantes, mas sim, as pautas conservadoras.

O avanço do Conservadorismo no Brasil tem buscado, de forma sistemática, transformar as ideias particulares da classe dominante em concepções universais, utilizando-se do apassivamento social²⁰. Em vários países da América Latina, uma guinada para a Direita promove uma descontextualização do tempo presente, marcada pela aproximação com sistemas de ideias conservadoras fortemente vinculadas a líderes religiosos fundamentalistas.

Essa estratégia tem sido eficaz para mobilizar diversos grupos, reforçando discursos em torno da “família tradicional”, da moral e dos bons costumes (Pastorini; Faria, 2020). Conforme Camargo (2023), o Conservadorismo sustenta a necessidade de uma autoridade capaz de orientar a sociedade na concretização de seus ideais. Essa liderança é vista como essencial para assegurar a preservação das tradições e da moral para a manutenção da estabilidade social. Desse modo, essa estética, elaborada desde o período pré-Bolsonaro, encontra no ex-presidente seu protótipo a partir da coalizão de neoliberais, conservadores, agropecuaristas, ativistas religiosos, autoritários e a classe média profissional (Lima; Lima, 2020).

O Brasil, especialmente após a eleição do presidente Bolsonaro – um representante legítimo da ala extrema da Nova Direita e do Conservadorismo (Siqueira *et al.*, 2020) –, exemplifica essa realidade, com a presença de grupos religiosos conservadores nos espaços de poder e no Estado, adotando posições políticas caracterizadas por intolerância, extremismo, indiferença e sacrifícios que não pouparam vidas humanas (Pastorini; Faria, 2020).

¹⁹ A “Frente Parlamentar Evangélica”, reflete a crescente influência de setores evangélicos no Congresso brasileiro. Criada em 2003, a Frente reúne atualmente mais de uma centena de deputados e senadores ligados à diversificada “bancada evangélica”. Seu objetivo declarado é articular parlamentares em torno de uma agenda considerada conservadora, centrada na defesa da vida, da família e da moral religiosa. No entanto, é válido mencionar que nem todos os Congressistas evangélicos integram essa bancada, uma vez que o termo “evangélicos” compreende uma gama de fiéis e lideranças religiosas e políticas (Almeida, 2017).

²⁰ Iasi (2018) utiliza o conceito de “apassivamento” para descrever o mecanismo pelo qual as classes dominantes mais reacionárias e conservadoras, mediante a concessão de migalhas aos trabalhadores — enquanto rejeitam demandas democráticas consideradas excessivas —, conseguem gerar apatia e conformismo na classe trabalhadora. Esse processo visa garantir a pacificação necessária para a continuidade do projeto do capital.

Além disso, a polarização política tem ampliado o espaço para discursos radicais, que buscam redefinir os parâmetros da identidade conservadora e da Direita no Brasil. Essa dinâmica é ilustrada pelo fortalecimento de movimentos evangélicos conservadores, que aliam demandas sociais e culturais a estratégias políticas populistas, criando uma narrativa que desafia partidos tradicionais e promove uma agenda híbrida de neoliberalismo econômico e conservadorismo moral (Gentile, 2018).

Conforme apontado pelo historiador Carlos Gadea (Fachin, 2019), a Nova Direita não se enquadra em um conjunto ideológico rígido ou bem definido. O autor argumenta que as esferas políticas têm se tornado cada vez mais autônomas, possibilitando que um indivíduo, mesmo aderindo a certos aspectos ligados à Esquerda, manifeste simultaneamente posicionamentos conservadores em diversas outras dimensões.

Lopes e Castro (2023) concordam que a ascensão de Bolsonaro se liga a grandes transformações nos setores social, político e econômico no país, entretanto, essa guinada conservadora por ter associação com os valores já presentes na população, ganhando espaço entre aqueles que se posicionaram como do “Centro” político. Entretanto, eles mencionam que a conversão, a Direita, pode estar atrelada aos protestos de 2013 e, posteriormente, com o *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2016. Desse modo, esse campo vai além e converte sua popularidade em capital eleitoral, conquistando posições de poder em diversas instâncias políticas (Guimarães, 2023) e se torna capaz de disseminar pelo espectro eleitoral uma nova roupagem de valores conservadores, estrategicamente adaptados ao contexto contemporâneo.

Levando em conta que a comunicação, historicamente, “foi traduzida como transferência de dados e informações: um ser que informa e outro que ouve” (Figueiredo, 2018, p. 166), Paiva (2021), ao analisar a influência do Movimento Brasil Livre (MBL) dentro e fora das mídias sociais, entende o espaço virtual das redes sociais como um impulsionador de informações e disseminador da ideologia conservadora no país.

Rocha e Solano (2019), ao investigarem o discurso dos formadores de opinião nas redes sociais, identificaram que o moralismo (defesa da família tradicional, oposição ao aborto, a “ideologia de gênero” nas escolas e a expansão do feminismo, bem como o casamento de pessoas do mesmo sexo e a concordância com a “cura gay”), o antipetismo e o mito do complô, estão entre os assuntos mais repercutidos.

Dessa forma, a complexidade política foi traduzida para uma “linguagem simples, descontraída, aparentemente espontânea e, sobretudo, com um discurso que encontrou ancoragem” (Lima; Lima, 2020, p. 184) nas mídias digitais. Cunha (2015) afirma, ainda, que

há interesse do mercado editorial do país pela publicação de autores filiados ao pensamento conservador e de uma literatura propagandista das ideias conservadoras.

Nesta dissertação, vamos analisar a ressonância do pensamento conservador por meio da agenda do jornalismo político alternativo de Direita, especificamente em *O Antagonista*. David Magalhães (2018)²¹ adverte que o discurso conservador definiu os novos inimigos a serem combatidos, a saber: os acadêmicos, a Grande Mídia, ativistas de direitos humanos, ambientalistas e feministas.

Nos últimos anos, o Conservadorismo tem ganhado força no país, destacando-se por sua resistência a pautas consideradas progressistas, como os direitos LGBTQIAP+, a descriminalização do aborto e o enfrentamento ao racismo e à discriminação. Conforme aponta Carmelo (2024), em alguns momentos, essa postura conservadora convergiu com a Extrema-Direita, que defende ideias autoritárias e antidemocráticas, incluindo a possibilidade de intervenção militar.

Desde 1940, os conservadores, segundo Löwy (2015) frequentemente recorrem à bandeira do combate à corrupção como estratégia para sustentar o domínio das oligarquias tradicionais e, em determinados contextos, justificar a legitimidade de intervenções militares. Ainda em conformidade com o autor, um dos aspectos mais alarmantes da Extrema-Direita conservadora no Brasil, sem paralelo direto na Europa, é sua relação com os militares. O clamor por intervenção militar e a nostalgia pela Ditadura representam, sem dúvida, a faceta mais sombria e ameaçadora das recentes manifestações conservadoras no país, frequentemente fomentadas por setores midiáticos alinhados a agendas autoritárias.

Löwy (2015) conclui seus estudos afirmando que o sistema capitalista, especialmente em momentos de crise, é responsável por gerar e perpetuar fenômenos como o fascismo, o racismo, os golpes de Estado e as ditaduras militares. A origem desses problemas é estrutural, e qualquer resposta eficaz precisa ser profunda e anti sistêmica, visando uma transformação radical das bases do sistema.

Assim sendo, a interação entre Direita e Conservadorismo no Brasil contemporâneo é marcada tanto por convergências quanto por tensões. Enquanto valores morais e religiosos consolidam a base ideológica desse campo, as divisões econômicas e as dinâmicas de polarização política criam desafios para a formulação de um projeto político coeso. A análise

²¹ De acordo com Magalhães (2018), os conservadores reproduzem um discurso conspiratório acerca do Marxismo Cultural – como algo a ser combatido. O Marxismo cultural, nesse sentido, seria a hegemonia dos valores atrelados à Esquerda em alguns espaços, como a academia.

dessas forças é essencial para compreender as transformações da política brasileira e o impacto de novas lideranças e discursos na redefinição do Conservadorismo no país.

Para Cunha (2015), é essencial observar as constantes transformações e ressignificações do Conservadorismo, não apenas no trânsito das ideias entre diferentes contextos geográficos, mas também nas mudanças que ocorrem ao longo do tempo em um mesmo espaço. Assim, compreender as manifestações contemporâneas do Conservadorismo no Brasil exige, inevitavelmente, uma análise das estratégias retóricas que estão sendo continuamente formuladas.

É o que faremos na análise das publicações no jornal alternativo O Antagonista. No entanto, antes de apresentar os resultados, destrincharemos o percurso metodológico desta pesquisa.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

O termo “método” vem do grego “*methodos*” que significa “caminho para” (*meta*: para; *hodos*: caminho). Desse modo, a metodologia pode ser entendida, de forma mais ampla, como o estudo dos caminhos e estratégias adotados em uma pesquisa científica. Esse caminho, entretanto, não é único ou imutável. Pelo contrário, há um vasto arcabouço metodológico para ser usado nas Ciências Sociais, a escolha do melhor método, entretanto, depende, dentre outras coisas, da natureza do objeto de pesquisa e dos objetivos da investigação (Cardoso; Oliveira; Ghelli, 2021). Partindo dessa compreensão, esta seção apresentará detalhadamente as decisões tomadas na pesquisa.

4.1 Compreensão do objeto

A literatura aponta para uma lacuna considerável no conhecimento, na área de comunicação política, acerca do desenvolvimento dos jornais digitais de Direita no pós-Jornadas de Junho (Alves, 2019; Alves; Santos, 2023), em detrimento da consolidada pesquisa acerca da chamada “blogosfera progressista”, que emerge após as transformações tecnológicas e demissões em massa das redações das principais editoras brasileiras. Sendo assim, esta dissertação se concentra na compreensão deste primeiro fenômeno, considerando um veículo jornalístico alternativo digital expressivo, a saber: O Antagonista (criado em 2015).

Desse modo, a investigação se propõe a responder **em que medida o avanço do jornalismo alternativo de O Antagonista foi sendo alinhado com as pautas do conservadorismo** e, conseqüentemente, **em que medida esse jornalismo poderia ser classificado como alternativo**.

Portanto, o principal objetivo desta pesquisa é analisar a agenda desse site entre 2015 e 2018, concentrando-se na investigação dos temas mais abordados pelo veículo selecionado e na identificação se as ênfases configuram, de fato, uma agenda conservadora e de Direita por parte deste. O período se refere aos anos seguintes às jornadas de junho de 2013 (período de profusão de veículos *online* e não ligados aos conglomerados midiáticos) até a eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República, momento em que compreendemos que se estabelece um governo de Extrema-Direita no Brasil (Albuquerque; De Magalhães Carvalho; Alves,

2015; Barbosa, 2015; Melo, 2016; Charleaux, 2018; Alves, 2019; 2023; Seibt, 2020; Orso, 2023).

4.2 Critérios de seleção e apresentação do jornal

Para mapear um jornal alternativo, utilizamos um parâmetro de escalonamento de audiência e/ou relevância destes veículos²². Assim, encontramos um jornal forte na categoria: O Antagonista, que será apresentado a seguir.

O Antagonista é a primeira revista semanal de informação inteiramente digital do Estado brasileiro. Criada em 2015, por Diogo Mainardi e Mário Sabino (ambos ex-Veja), se denomina “o site de política mais influente do Brasil” sendo apresentado no “O Mapa do Jornalismo Independente” da Agência Pública (2022), como “o jornal mais independente do país”. Atualmente, a propriedade do blog é dividida com a empresa *Empiricus Research*²³.

Em adição, o site se destacou devido ao número de acessos no período imediatamente anterior à eleição presidencial de 2018, conforme o Ranking Alexa no Brasil – responsável por avaliar a popularidade de um site e definir assim seu posicionamento em um ranking nacional, como demonstrado no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Posição do site O Antagonista no Ranking Alexa do Brasil²⁴

Ano	Posição	Contexto
2017 (jul.)	279º	Nacional (todos os sites)
2017 (jul.)	9º	Site jornalístico mais acessado
2018 (nov.)	50º	Nacional (todos os sites)
2019 (fev.)	184º	Nacional (todos os sites)

Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de dados do Interozes (2017a) e da Redação O Antagonista (2018a; 2019; 2020)

²² Assim, optamos por pesquisar os principais jornais online (com site próprio) nas redes que não estivessem ligados a grandes conglomerados e que já em suas descrições/valores poderiam apontar pistas para seu caráter conservador. Utilizamos a ferramenta *Google Trends*, para comparar o número de busca na web entre os resultados encontrados e, por fim, os números de audiência, acessos e público nas redes sociais.

²³ Uma consultoria especializada na venda de informações por meio de *newsletters*. De acordo com Pasti e Gallas (2018), “seus criadores defendem o ‘politicamente incorreto’ e usam estratégias controversas de promoção”.

²⁴ A Amazon, organizadora do ranking, extinguiu a avaliação em maio de 2022.

O Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, uma organização que atua para a efetivação do direito à comunicação no Brasil, inclui O Antagonista como 1 dos 50 maiores veículos de mídia impressa, rádio, televisão e internet, classificando-o como “portal” ao lado de Globo.com, UOL, Abril, IG, ClicRBS, Estadão, R7, Revista Fórum e BBC (Intervozes, 2017b).

Segundo o site oficial (<https://oantagonista.com.br/>), objetivo do jornal é:

Atuar na defesa da democracia representativa, da livre iniciativa, da liberdade de expressão, da transparência nos gastos públicos e dos interesses dos cidadãos na construção de um país mais justo nas oportunidades, para que cada brasileiro desenvolva as suas próprias aptidões e talentos (O Antagonista, [2024]).

Como princípio geral, assentados na independência financeira, se comprometem a produzir um jornalismo com total liberdade editorial, na busca de notícias de interesse público. A atividade jornalística seria, então, segundo o site do jornal, regida pela

Honestidade nas apurações e opiniões; Respeito ao cidadão; O estímulo ao debate e à construção de pensamento crítico sobre temas relevantes para a sociedade; Promoção do respeito à diversidade e inclusão social; Independência e compromisso com a luta anticorrupção (O Antagonista, [2024]).

Para o Intervozes (2017a), entretanto, O Antagonista é “um site opinativo alinhado à direita do espectro político”. De acordo com o coletivo, o jornal se estabeleceu como uma fonte importante durante a operação Lava Jato, chegando a transmitir ao vivo a delação premiada sigilosa de Marcelo Odebrecht (Intervozes, 2017a). Em razão disso, posteriormente, o jornal foi processado por Lula (PT), acusado de calúnia, difamação e injúria (Intervozes, 2017a).

Conforme o site oficial, a missão do O Antagonista é: “fiscalizar os Poderes da República, para que eles sirvam aos cidadãos brasileiros e não se sirvam do país” com um “jornalismo combativo e moderno, **sem militância política**, deixando claro que **temos lado: o dos nossos leitores, sempre**” (Redação O Antagonista, 2023, grifo nosso). Vieira (2018) aponta que o foco nas técnicas de visibilidade e acessibilidade contribui para moldar o jornalismo *online* moderno, através da análise minuciosa de um vasto conjunto de dados sobre o público. Nessa linha, as mudanças tecnológicas influenciaram a produção de conteúdo jornalístico e alteraram a dinâmica entre os produtores de informação e suas audiências. Essas alterações remodelaram a interação e o envolvimento do público com o jornalismo político

(Torres, 2016). Nesse sentido, a observação do comportamento da audiência é interpretada como um sinal de sucesso e confiabilidade para os veículos de comunicação.

Chama a atenção que em agosto de 2022, Diogo Mainardi (sócio-fundador) deixou de escrever para O Antagonista e para a Revista Crusoé (Poder 360, 2022a), também fundada por ele em sociedade com Mário Sabino, em 2018. O último, seguiu os passos de seu sócio e deixou o comando editorial das publicações de O Antagonista em setembro do mesmo ano (Poder 360, 2022b). Neste mesmo mês, o empresário Pedro Cerize foi anunciado como o novo dono de O Antagonista e da Revista Crusoé, mantendo Mainardi e Sabino como sócios da empresa (Poder 360, 2022c).

Diante do número de público-leitor, relevância – apontada, inclusive, em outros trabalhos acadêmicos²⁵ – e das características próprias deste jornal, optamos por utilizarmos para esse estudo.

4.3 Classificações da pesquisa

Essa pesquisa buscou uma descrição compreensiva (Keohane, 2009), cuja preocupação é “descrever as características do objeto que está sendo estudado e proporcionar uma nova visão sobre essa realidade já existente” (Del-Masso; Cotta; Santos, 2014, p. 10). Isso ocorreu a partir da coleta e análise dos artigos jornalísticos publicados pelo site no período selecionado (2015-2018). Para tanto, demos atenção a seção específica do veículo que consideramos serem focadas em cobertura política, representada pela aba “Brasil”, em O Antagonista.

Dos procedimentos técnicos, optamos pela análise documental (materiais jornalísticos) e estudo de caso descritivo, com a seleção do jornal acima mencionado. A essência de um estudo de caso consiste em elucidar uma decisão ou um conjunto delas: os motivos que as embasaram, o método de implementação adotado e os resultados alcançados (Schramm, 1971). Como demonstra Gil (2002, p. 54), esse procedimento “consiste no estudo profundo e

²⁵ No estudo: “Opinião Pública no Twitter: Análise da Indicação de Alexandre de Moraes ao STF”, Soares e Recuero (2017) e seus colaboradores analisam a construção da opinião pública no Twitter durante a nomeação de Alexandre de Moraes ao Supremo Tribunal Federal. O site O Antagonista é citado como uma das fontes de informação que influenciaram o debate na plataforma. Ademais, no artigo “CPI da Covid-19 sob a ótica da extrema-direita: análise do perfil BrazilFight no Twitter”, ao examinar o comportamento digital da extrema-direita no Twitter em relação à CPI da Covid-19, com foco no perfil @BrazilFight, Mendes, Orso e Alves (2022), mencionam O Antagonista como uma das fontes utilizadas para validar conteúdos compartilhados por esse perfil, destacando seu papel na disseminação de informações alinhadas a determinadas narrativas políticas.

exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” – nosso objetivo com o veículo selecionado.

Quanto à abordagem, adotaremos o modelo misto: quantitativo-qualitativo. Concordamos com Minayo (2004, p. 28), para quem “[...] qualquer pesquisa social que pretenda um aprofundamento maior da realidade não pode ficar restrita ao referencial apenas quantitativo”. A análise quantitativa foi realizada pelo *software* de lexicometria IRaMuTeQ. Já a parte qualitativa, foi realizada com base nos resultados apresentados nas classes organizadas pelo *software*, a fim de compreender o teor e ênfases das informações pelo O Antagonista.

O IRaMuTeQ é um *software* gratuito e de fonte aberta ancorado na linguagem *Python* (www.python.org) e no *software* estatístico R (www.r-project.org). A ferramenta “permite fazer análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras” (Camargo; Justo, 2013, p. 1) facilitando a identificação de padrões lexicais. Com o *software*, é possível realizar análises lexicográficas básicas, mas também cálculo da frequência de palavras para gerar nuvens de palavras, assim como análises multivariadas, como a de similitude.

O *software* foi selecionado frente a facilidade de acesso – por não ser pago –, e já ser objeto de especialização do grupo de estudos no qual essa pesquisa está inserida, a saber: Núcleo de Estudos Integrados em Democracia, Comunicação e Sociedade (DECOS/UFSCar) – coordenado pela professora Dr^a. Lucy Oliveira, do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), orientadora desta dissertação.

Quanto à análise quantitativa, esta foi realizada via Lexicometria – que tem no léxico, ou seja, no conjunto de palavras de uma língua (no nosso caso, o português), sua unidade fundamental de investigação (Oliveira; Diniz, 2019). Essa técnica, também conhecida como Análise de Texto, surge a partir das contribuições de linguistas, cientistas sociais e estatísticos na França na década de 1970. De acordo com Oliveira e Diniz (2019), sua premissa primordial reside na ideia de que a expressão material de significados e intercâmbios comunicativos pode ser encontrada por meio de análises matemáticas sobre as palavras: desde a simples contagem de frequência até a aplicação de testes multivariados.

Desse modo, a palavra é escrutinada tanto em sua forma isolada quanto em seu contexto e as métricas fornecem indícios acerca de temas, percepções e representações, desvendando os significados subjacentes às comunicações (Lebart; Salem, 1994), propiciando a análise qualitativa a partir da elaboração de *clusters* de palavras.

4.4 Coleta e composição do banco de dados

Os materiais utilizados para essa pesquisa são os artigos das seção “Brasil” de O Antagonista, abrangendo o período entre 2015²⁶ e 2018. Após uma pesquisa inicial, acreditamos que esta seja a editoria que melhor expressa a agenda e posicionamento político do veículo, possibilitando, assim, identificar as questões centrais sobre o jornalismo alternativo de Direita.

Os dados foram coletados via *Web Scraping*. Essa escolha é explicada diante do desafio que se apresenta na coleta, organização e processamento de um volume considerável de dados. Por essa razão, recorremos a ferramentas que otimizaram esse processo, bem como que nos permitissem garantir a precisão da coleta dos dados para este trabalho.

Santos (2015, p. 7) comenta que

A coleta automatizada de dados, também conhecida como raspagem (scraping) ou mineração é um recurso cada vez mais comum (...) podendo, no caso do trabalho acadêmico, ser utilizada tanto para a execução de rotinas repetitivas, permitindo ao pesquisador mais tempo para as tarefas de maior complexidade, como para identificar padrões e tendências em grandes volumes de informação.

O *Web Scraping* ou a raspagem de dados na *web* refere-se ao processo automatizado de coletar um alto volume de dados diretamente da rede por meio de alguma técnica computacional no qual os dados extraídos são minerados e estruturados em um formato padrão como CSV, XML ou JSON. Para isso, utilizamos um *script*, desenvolvido na linguagem de programação Python, por dois técnicos especializados²⁷ disponibilizado integralmente no *GitHub*.

O resultado obtido foram 88.979 notícias entre os 4 anos analisados pela pesquisa, com as mais diferentes ênfases que serão apresentadas no capítulo 5.

4.5 Preparação dos dados

Após a extração dos dados, estes foram organizados em uma planilha. Posteriormente, organizamos e limpamos o *corpus textual* no *Studio R* para fazer o *upload* no IRaMuTeQ – o

²⁶ Considerado o ano de criação do “O Antagonista” (01/01/2015), apesar disso, a página do Facebook e do X foram criadas em novembro de 2014.

²⁷ Aproveitamos esse espaço para agradecer a contribuição do Ivan e do Bruno, na coleta dos dados.

script de limpeza está disponível no *GitHub*²⁸. Para tanto, retiramos todos os caracteres não processáveis, tais como: aspas simples e duplas, apóstrofo, hífen (substituído por *underscore* []), cifrão, percentagem (substituído pela escrita por extenso: por cento), reticências, asteriscos, parênteses, colchetes, dois pontos e ponto e vírgula.

Finalizada a primeira etapa, trabalhamos na uniformização do *corpus*:

- Fonte e tamanho da fonte foram padronizadas;
- Retiraremos os destaques (negrito e itálico), grifos, margens, recuo de parágrafos, tabulações, a fim de padronizar o *corpus* com alinhamento justificado;
- As palavras hifenizadas foram sinalizadas para o *software* via *underline* ();
- Os verbos com pronomes em ênclise ou mesóclise, transformados em verbos em próclise (exemplo: tornar-se → se tornar);
- Os diminutivos e aumentativos extraídos para a forma regular do verbo;
- Os números foram escritos todos em algarismo;
- A tempo, os termos compostos importantes para pesquisa que precisaram ser lidos pelo IRaMuTeQ como uma única ocorrência, foram ajustados e unidos com um *underscore* (como, por exemplo, a substituição de Congresso Nacional por Congresso_Nacional)²⁹;
- O mesmo foi feito para os 50 nomes dos atores políticos mais expressivos do período³⁰ (ex.: Dias Toffoli → Dias_Toffoli);
- Entretanto, adotamos um padrão de nomenclatura dos principais atores políticos (ex.: Luiz Inácio Lula da Silva → Lula / Jair Messias Bolsonaro → Jair_Bolsonaro / Dilma → Dilma_Rousseff);
- Do mesmo modo, adotamos um parâmetro para as siglas em todo o *corpus*, assim, a ocorrência será avaliada de maneira mais fiel pelo *software* (ex.: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social → BNDES / Partido dos Trabalhadores → PT);
- Outrossim, os veículos de mídia mencionados tiveram a nomeação padronizada pelo *corpus* (ex.: Folha de São Paulo → FSP, O Globo → Globo, O Estado de S. Paulo; O Estado de S.Paulo; O Estadão → Estadão, Crusoé → Revista Crusoé).

Com a organização dos dados, foi possível prosseguir com a análise textual no *software*. Ainda com todo o cuidado e dedicação na limpeza e organização dos dados, frente

²⁸ <https://github.com/Decosgithub>.

²⁹ Diante do expressivo tamanho do *corpus*, se tornou inviável a verificação unitária de cada notícia. No entanto, criamos uma lista com os termos e nomes mais relevantes da política brasileira e unimos com o *underline*.

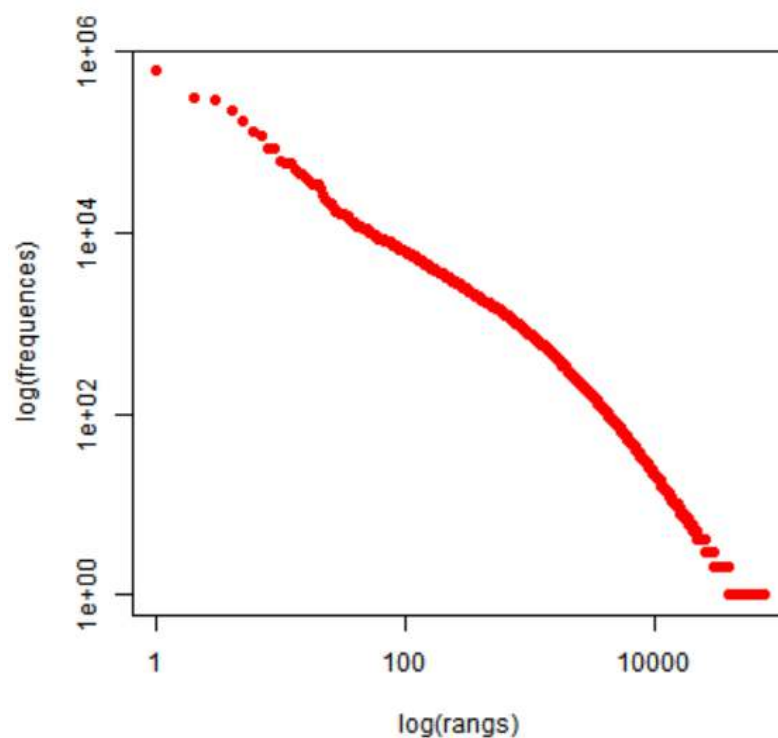
³⁰ A lista foi extraída do próprio *corpus*, considerando a repetição destes.

ao volume de notícias, pequenas variações passaram e foram identificadas somente na fase de processamento dos dados.

4.6 Análise quantitativa dos dados no IRaMuTeQ

Uma vez o *corpus* completo organizado e limpo, e devidamente adicionado ao *software*, partimos para a verificação da validade de processamento dos dados. Isso se deu, com a construção do Gráfico de Zipf, resultando também na percentagem de dados processados.

Figura 1 – Gráfico de Zipf geral



Fonte: Elaborado pela própria autora (2024)

Desse modo, o Eixo X ($\log(\text{rangs})$), representa as palavras (ou itens) classificadas de acordo com a frequência, com as mais frequentes à esquerda, enquanto o Eixo Y ($\log(\text{frequencies})$), mostra a frequência de ocorrência de cada palavra (ou item) em escala logarítmica. A curva sugere que há uma relação inversa entre a frequência e o *rank*, ou seja, as palavras mais frequentes nas primeiras posições, seguindo aproximadamente uma reta em uma escala log-log (indicando uma relação potencialmente de potência).

O gráfico de Zipf no IRaMuTeQ desempenha um papel fundamental na análise de dados textuais, especialmente no que diz respeito à compreensão da distribuição de frequência das palavras em um *corpus*. Ele é baseado na Lei de Zipf, que estabelece que em um conjunto de palavras de uma língua, a frequência de uma palavra é inversamente proporcional à sua posição no ranking de frequência. Ou seja, a palavra mais frequente aparece aproximadamente duas vezes mais que a segunda mais frequente, três vezes mais que a terceira, e assim por diante. Nesse sentido, o gráfico (Figura 1) nos permite observar se o corpus analisado segue o padrão esperado de distribuição de palavras, portanto, o corpus textual é passível de ser analisado no IRaMuTeQ.

Em resumo, se a maioria das palavras se concentrarem no meio da curva (como na curva “do sino” de uma distribuição normal), isso indica que o corpus apresenta uma distribuição equilibrada entre palavras de alta e baixa frequência, favorecendo análises textuais mais robustas – validando-o para a análise. Isso ocorre porque as palavras mais frequentes costumam ser elementos estruturais da língua, como preposições, artigos e pronomes, que possuem função estilística, mas não carregam grande carga semântica. Já as palavras menos frequentes tendem a ter pouca relevância para a análise por aparecerem esporadicamente. Assim, a região central da curva contém os termos mais informativos do corpus, pois são aqueles que aparecem com frequência suficiente para serem representativos, mas não a ponto de serem triviais ou meramente funcionais. Esse equilíbrio é essencial para garantir que a análise textual realizada no IRaMuTeQ seja consistente e significativa, permitindo a identificação de padrões linguísticos e temáticos no conjunto de dados.

Elaboramos também a Nuvem de Palavras do *corpus*, considerando as palavras com 2 mil ou mais repetições. Tendo superado essa etapa, passamos pela Análise de Similitude, surgida a partir da “concordância” de termos específicos de interesse para a pesquisa. Por meio desta análise, foi buscada a identificação das palavras que se encontram intrinsecamente vinculadas ao termo específico, visando compreender a existência de uma associação positiva ou negativa. Em outras palavras, a Análise de Similitude tem suas raízes na teoria dos grafos, a qual estabelece relações entre termos específicos de um conjunto, permitindo a identificação das co-ocorrências entre as palavras e indicando a conexão entre os termos constantes em um corpus textual determinado (Camargo; Justo, 2013). Embora a Análise de Correspondência Hierárquica (ACH) já ofereça indícios nesse sentido, somente através da Análise de Similitude é possível aprimorar essa associação (Becerra, 2024).

Por fim, chegamos à Classificação Hierárquica Descendente (CHD) pelo Método Reinert, um teste multivariado. Essa análise objetiva reunir as palavras mais próximas umas das outras por segmento, facilitando a identificação do contexto em que são utilizadas e, simultaneamente, como os significados são elaborados, uma vez que a repetição de palavras em conjunto constroi o campo de significados de um texto (Becerra, 2024).

Através da CDH é possível agregar em uma classe as palavras que compartilham significativa correlação entre si, enquanto se mostram pouco relacionadas externamente (com relação aos outros agrupamentos de sentido). A magnitude dessa relação é avaliada por meio de testes quadrados sucessivos (Salviati, 2017). Dentro dessas classes, os termos são dispostos em ordem hierárquica decrescente, destacando o primeiro termo como o mais estatisticamente associado ao tema do grupo (Salviati, 2017). Assim, esta análise proporciona uma compreensão mais profunda dos temas prevalentes no discurso, bem como dos termos mais recorrentes e o contexto em que são empregados.

Frente a esse panorama, espera-se que, com o caminho proposto, atinjam o objetivo geral da investigação, bem como respondamos o problema de pesquisa – do qual partimos e desenvolvemos este desenho.

4.7 Características do corpus analisado e procedimentos de análise

Em termos gerais, foram coletados – através do *Web scraping* (cujo *script* está disponível no *GitHub*³¹), 88.979 notícias na seção “Brasil” do jornal O Antagonista, entre 2015 e 2018. Sendo essas distribuídas da seguinte forma:

Tabela 1 – Número de notícias por ano

Ano	Total de notícias
2015	9.290
2016	22.225
2017	27.475
2018	29.989
TOTAL	88.979

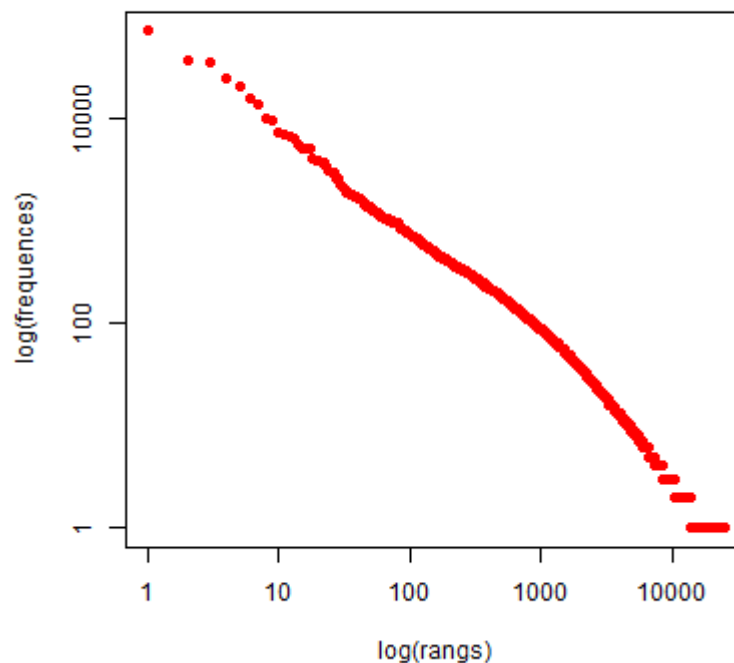
Fonte: elaborado pela própria autora (2024)

³¹ <https://github.com/Decosgithub>.

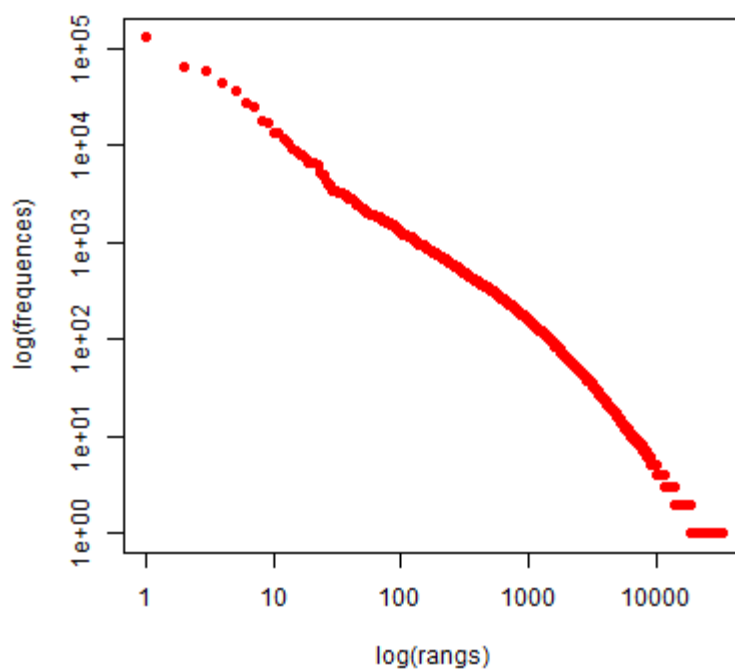
Desse modo, é perceptível que o ano inaugural do jornal foi o período com menor publicação entre os quatro anos analisados (10,44% do total). A partir de 2016, há uma crescente nas publicações: 12.935 a mais comparada ao ano anterior (24,97%). Em 2017, a tendência de mais de 20.000 publicações na seção, se mantém, apresentando um aumento de 5.250 comparado à 2016 (30,87% do total) e, em 2018, a linha se mantém alcançando 29.989, representando um aumento de 2.514 publicações no ano eleitoral (33,70%).

Inicialmente, para constatar a plausibilidade da análise do corpus textual pelo *software* IRaMuTeQ, foi gerado o Gráfico de Zipf, sendo possível verificar a validade de processamento dos dados pelo programa (Figura 1). Posteriormente, o mesmo foi realizado em um *corpus* separado ano a ano. Assim, identificamos a plausibilidade destes e seguimos para as análises (Figuras 2, 3, 4 e 5). Desse modo, portanto, este capítulo apresentará um panorama completo das publicações, seguido pela análise específica dos anos pesquisados.

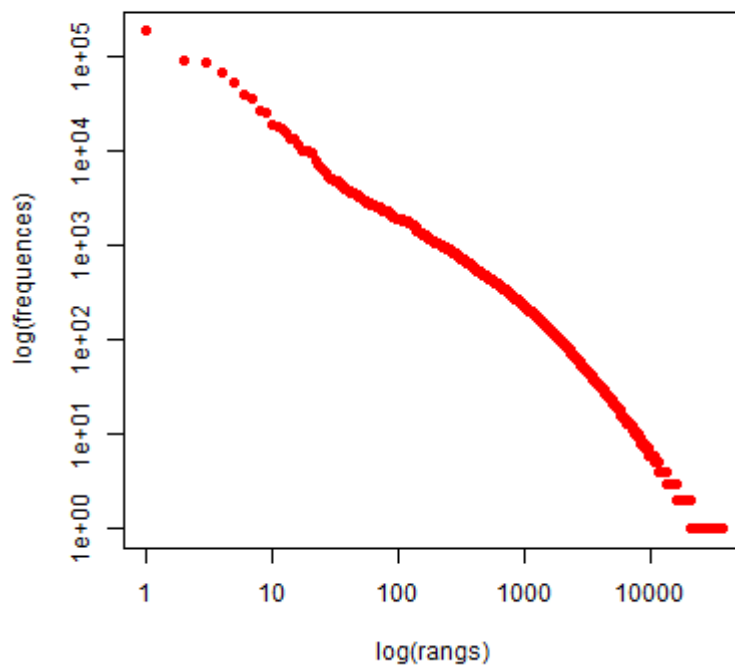
Figura 2 – Gráfico de Zipf (2015)



Fonte: Elaborado pela própria autora (2025)

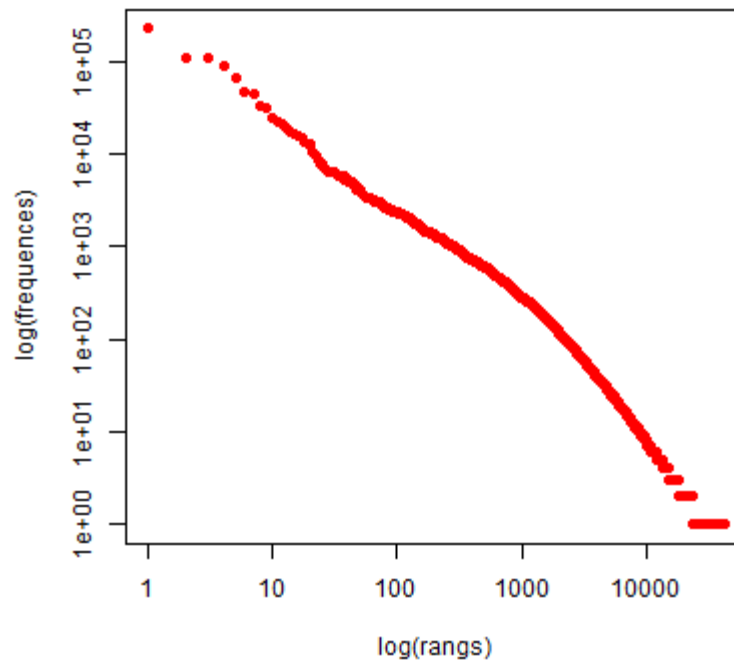
Figura 3 – Gráfico de Zipf (2016)

Fonte: Elaborado pela própria autora (2025)

Figura 4 – Gráfico de Zipf (2017)

Fonte: Elaborado pela própria autora (2025)

Figura 5 – Gráfico de Zipf (2018)



Fonte: Elaborado pela própria autora (2025)

Para as análises dos dados no *software*, o principal objetivo é analisar a estrutura e a organização dos conteúdos, possibilitando informar as relações entre os mundos lexicais que são mais frequentemente enunciados pelos dados da pesquisa (Camargo; Justo, 2013). Foram realizadas, então, quatro análises textuais no *corpus* geral: (1) Análises Lexicográficas Clássicas (estatísticas textuais) para verificação de estatística de quantidade de segmentos de texto (ST), evocações e formas; (2) Nuvem de Palavras, a fim de agrupar as palavras e organizá-las graficamente em função da sua relevância e frequência, foi realizada uma nuvem de palavras, sendo as maiores palavras aquelas que possuíam maior frequência dentro do material, considerando palavras com frequência igual ou superior a 2 mil; (3) Análise de Similitude, que possibilita identificar as ocorrências entre as palavras e seu resultado traz indicações da conexidade entre as palavras, facilitando a compreensão do *corpus textual* analisado e; (4) Classificação Hierárquica Descendente (CHD), para o reconhecimento do dendrograma com as classes de conteúdo que surgiram, sendo que quanto maior o χ^2 das palavras, mais associada está com a classe e foram desconsideradas as palavras com $\chi^2 < 3,80$ ($p < 0,05$). Especificamente, tal análise visa obter classes de conteúdo a partir dos recortes do

texto (no caso, das notícias encontradas no jornal), chamados de segmentos de texto (ST), agregando-os a partir da sua proximidade de vocabulário e afastando-os pelo mesmo critério.

Para isso, é realizada uma avaliação da correlação entre as palavras dentro do texto, através da estatística de qui-quadrado (χ^2), formando os STs. Para essa correlação, quanto maior o valor da estatística de χ^2 , mais associada está a palavra com a classe e com o conteúdo pertencente a ela, desconsiderando as palavras com $\chi^2 < 3,80$ ($p > 0,05$) (Camargo; Justo, 2013). Em suma, tal procedimento permite um mapeamento do conteúdo, sendo possível verificar todos os STs de cada classe, trazendo clareza aos temas em maior destaque no material coletado.

5 O JORNALISMO DO O ANTAGONISTA (2015–2018)

O presente capítulo analisa os materiais jornalísticos publicados pelo jornal O Antagonista, um veículo alternativo que ganhou relevância no cenário político e midiático brasileiro entre 2015 e 2018 (período de interesse da pesquisa). Com base nos dados coletados na seção “Brasil”, a pesquisa investiga a construção de sua agenda e os principais temas abordados, explorando como suas narrativas refletem e reforçam perspectivas alinhadas ao campo conservador. Por meio de uma análise quali-quantitativa – através do *software* IraMuTeQ –, o estudo desvela as estratégias discursivas e os enquadramentos utilizados por esse ator midiático no contexto do jornalismo político alternativo brasileiro.

5.1 Os conteúdos de O Antagonista

O *corpus* geral foi constituído pelo material coletado, separado em 201.728 segmentos de texto (ST). Emergiram 6.426.766 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 108.478 palavras distintas e 46.466 com uma única ocorrência (*Hapax*), conforme a Figura 6.

Figura 6 – Descrição do processamento dos dados

```
Number of text segments: 201728
Number of forms: 108478
Number of occurrences: 6426766
Número de lemas: 76138
Number of active forms: 74123
Número de formas suplementares: 1987
Número de formas ativas com a frequência >= 155: 2974
Média das formas por segmento: 31.858572
Number of clusters: 11
181366 segments classified on 201728 (89.91%)
```

Fonte: Elaborado pela própria autora (2024)

A fim de explorar os dados, buscou-se realizar uma nuvem de palavras, possibilitando verificar as palavras de maior frequência textual. Após uma limpeza de palavras com menos significado atrelado (ex: e; não; dizer; estar; ao; como e, etc.), foi constatado que as palavras mais frequentes nos textos foram: “Lula” (f = 35183), “PT” (f = 15301), “Dilma Rousseff” (f = 15300), “Presidente” (f = 15128), “Governo” (f = 14075), “Ministro” (f = 12874), “Lava-Jato” (f = 11584), “STF” (f = 10825) e “Michel Temer” (f = 9680) (Figura 7).

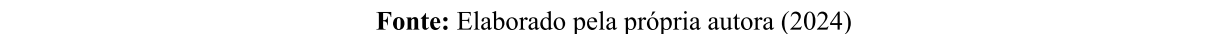
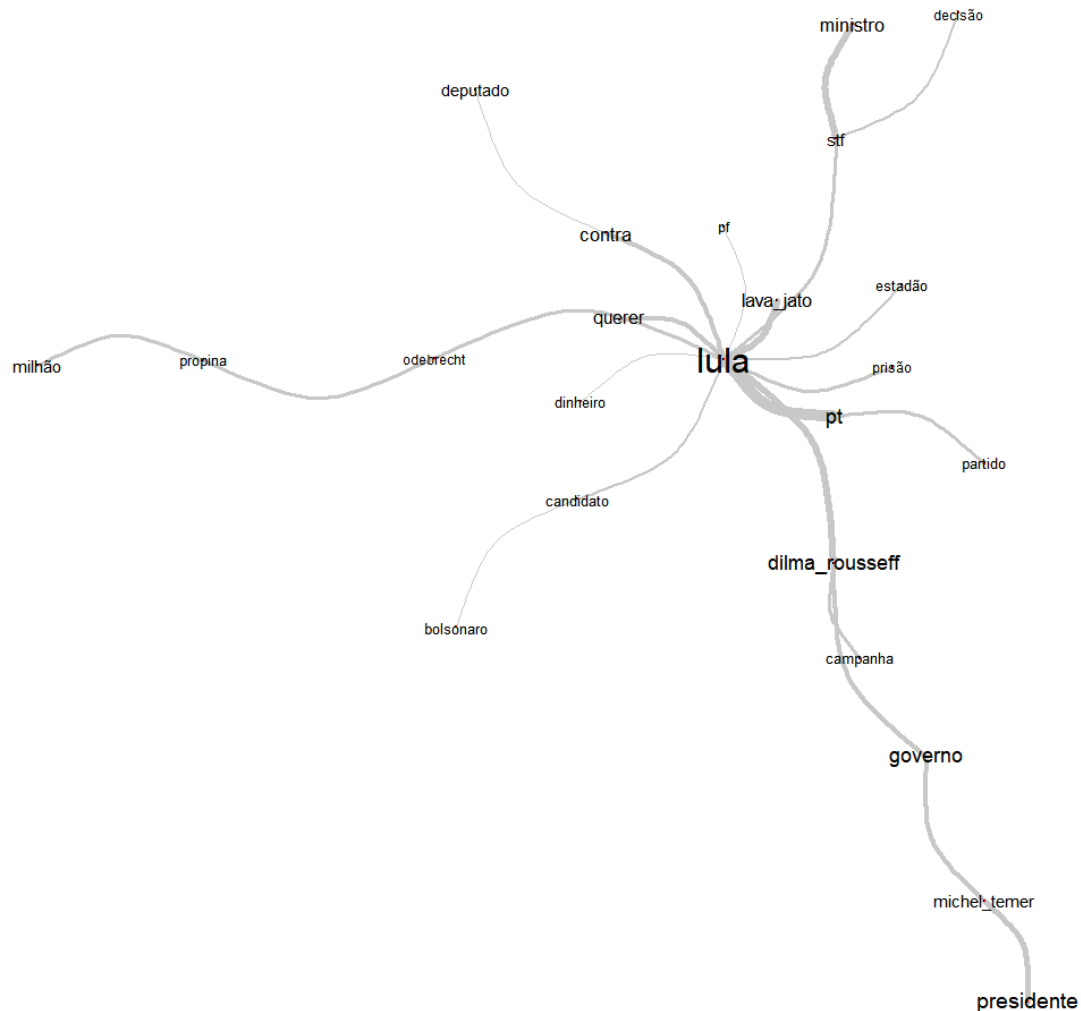


Figura 8 – Análise de Similitude do corpus textual

Fonte: Elaborado pela própria autora (2024)

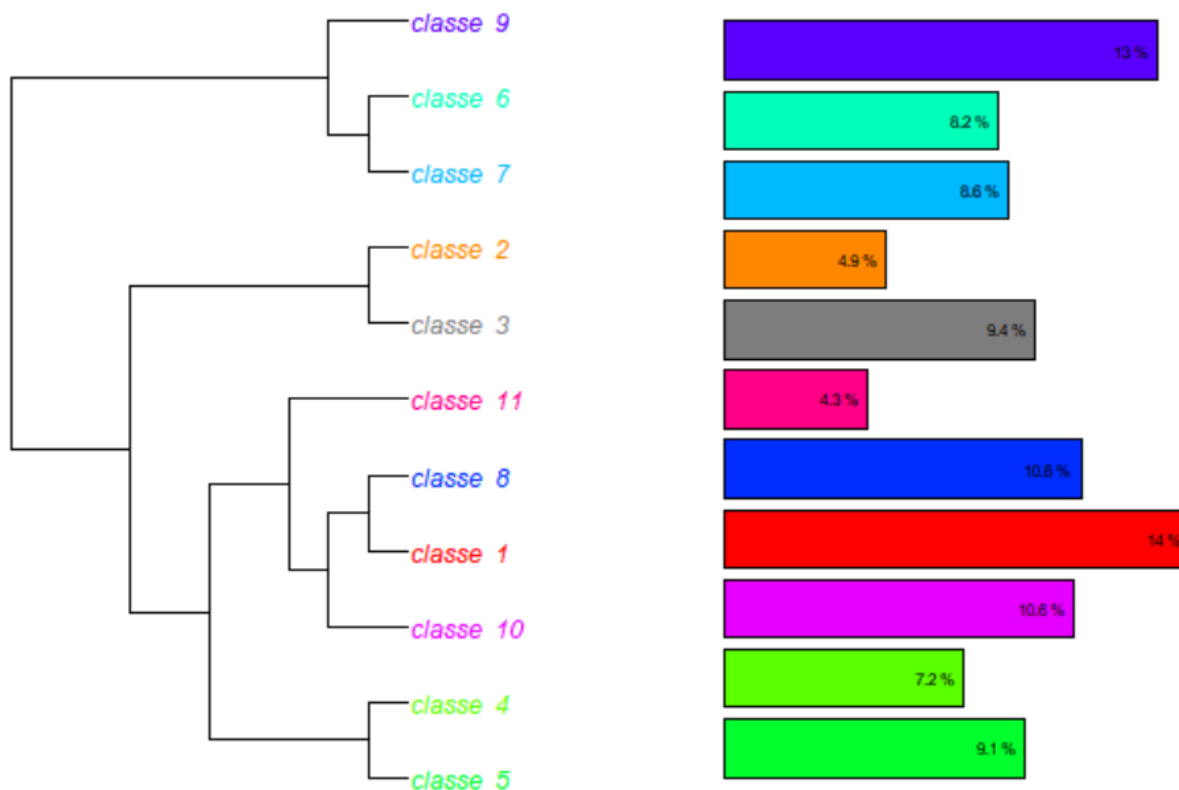
Baseando-se nos resultados da análise de similitude e na nuvem de palavras, verificam-se evidências de que o jornal O Antagonista priorizou, durante o período analisado (2015-2018), temas relacionados ao governo petista, com foco em figuras como Lula, Dilma Rousseff, e no partido (PT) em si. A recorrência de palavras como “Lava Jato”, “propina”, “prisão” e “Odebrecht” na análise de similitude indica uma ênfase em narrativas críticas que vinculam esses atores a escândalos de corrupção e má gestão, reforçando uma posição editorial oposta ao governo vigente.

A nuvem de palavras corrobora essa percepção, ao evidenciar a alta frequência de termos como “Lula”, “PT”, “Dilma Rousseff”, e “governo”. Essa escolha temática e narrativa

sugere que o veículo construiu uma agenda crítica voltada a tratar dos governos petistas e suas lideranças utilizando enfoques negativos associados à corrupção e à crise institucional. Assim, pode-se inferir que, O Antagonista adotou uma postura alinhada à oposição do governo progressista, o que pode caracterizar uma narrativa contrária ao projeto político petista, assim como demonstrado por Azevedo (2017) em relação à Grande Imprensa.

Tendo em vista o tamanho do *corpus* textual, com objetivo de verificar o melhor aproveitamento do conteúdo, buscou-se explorar a melhor configuração de classes de conteúdo por meio da alteração da permissão máxima de classes na Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Ao permitir o máximo de 40 classes, o *software* apresentou um aproveitamento de 87,32%. Com 30 classes, foi verificado um aproveitamento de 89,91%. Ao testar com 20 classes, constatou-se um aproveitamento de 89,31%. Por fim, com 10 classes máximas, foi encontrado um aproveitamento de 85,54%.

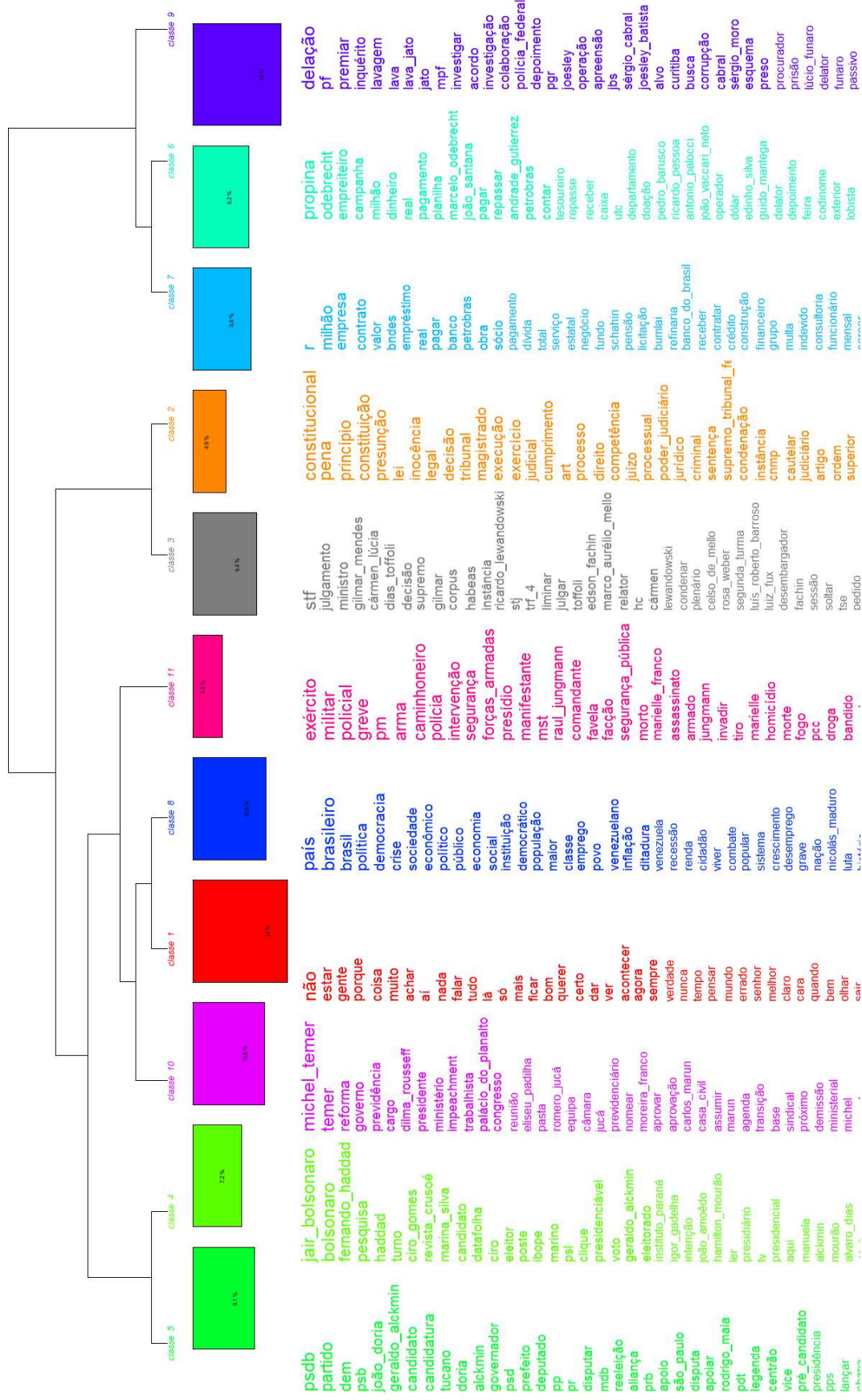
A partir desses achados, optou-se pela configuração que permitia até 30 classes, que, adicionado a extensão do *corpus textual*, nos permitiu verificar mais adequadamente a nuance dos dados. Nesse contexto, com o aproveitamento de 89,91% (maior dentre as possibilidades testadas), apresentou 181.366 seguimentos de texto (STs: recortes de texto com conteúdo expressivo). A partir disso, foram encontradas 11 classes de conteúdo, que se subdividem em ramificações temáticas (Figura 9).

Figura 9 – Dendrograma de classes gerado pela CHD

Fonte: Elaborado pela própria autora (2024)

Posteriormente, buscou-se realizar uma verificação das palavras mais significativas em cada classe, através da estatística de χ^2 . No dendrograma a seguir, será possível verificar as principais palavras, ou seja, as palavras que formam os principais contextos temáticos de cada classe (Figura 10).

Figura 10 – Cluster do corpus geral no IRaMuTeQ



Fonte: Elaborado pela própria autora (2024)

Para analisar a agenda do site noticioso entre 2015 e 2018, investigaram-se os temas mais recorrentes abordados pelo veículo selecionado, com o objetivo de identificar se as ênfases apresentadas configuram, de fato, uma agenda conservadora e alinhada à Direita, conforme hipótese deste estudo. Para isso, foram realizadas a leitura, a análise, a compreensão e a síntese de trechos textuais correspondentes a cada uma das classes identificadas pelos clusters na CHD.

Na seção seguinte, portanto, serão apresentadas as 11 classes do corpus geral, destacando os conteúdos e contextos construídos pelas palavras e segmentos textuais que as compõem. Essa abordagem possibilita identificar os temas mais recorrentes no O Antagonista, bem como as principais narrativas e *frames* empregados por essa mídia.

5.1.1 Análise qualitativa dos dados no corpus geral

Ao observarmos a Figura 10, identificamos que a Classe 1 reúne trechos que destacam a crise política e institucional enfrentada pelo Brasil no início do segundo mandato de Dilma Rousseff. Os recortes do texto trazem uma visão crítica sobre a falta de legitimidade do governo, abordando o conflito com instituições como o Congresso e a Justiça, além das dificuldades para lidar com as denúncias de corrupção, especialmente no caso da Petrobras. Há também uma percepção de desgaste da imagem da presidente, marcada por acusações de má gestão e estratégias políticas voltadas para sua sobrevivência no poder.

Os trechos apontam para uma polarização política crescente, com tensões entre partidos, estratégias da oposição e a condução do governo em meio a uma crise econômica e de credibilidade. As investigações da Lava Jato, o papel de lideranças do PT e os desdobramentos institucionais são temas frequentes, reforçando a ideia de fragilidade do governo e do ambiente político. O cenário retratado sugere perda de governabilidade e um aumento do descontentamento popular, na qual o jornal apoiou abertamente.

Isso é evidenciado em recortes como: “O destino de Dilma Rousseff portanto depende das ruas e **o Antagonista já está batendo as painéis**” (Redação O Antagonista, 2015a, grifo nosso); “Seu grupo está insatisfeito com Dilma Rousseff, sobretudo por sua **incapacidade de acobertar o escândalo da Petrobras**” (Redação O Antagonista, 2015b, grifo nosso); “O petrolão de Gotham City: Dilma Rousseff, seu tempo está acabando, a Lava Jato está chegando. **O Antagonista é Robin. O Batman brasileiro**” (Redação O Antagonista, 2015c, grifo nosso); “O Antagonista, hoje Sem a aprovação da nova meta fiscal, o governo vai infringir a Lei Orçamentária e a Lei de Responsabilidade Fiscal em uma só tacada. O

Antagonista defende a **obstrução permanente no Congresso Nacional**” (Redação O Antagonista, 2015d, grifo nosso).

A Classe 2 destaca a relação conturbada entre as instituições brasileiras, com foco nas críticas ao funcionamento do sistema de justiça e nos desdobramentos políticos de decisões judiciais. Os textos apresentam narrativas que envolvem o Supremo Tribunal Federal (STF), o Tribunal de Contas da União (TCU) e outras instâncias, abordando temas como lentidão processual, uso político das instituições e influência de lideranças partidárias. Figuras como Ricardo Lewandowski (Ministro da Justiça e Segurança Pública) e Teori Zavascki (Ministro do Supremo Tribunal Federal) são mencionadas em contextos que apontam para decisões controversas ou alinhadas a interesses políticos específicos.

Também são recorrentes críticas à condução de investigações importantes, como a Operação Lava Jato, e às estratégias de defesa de envolvidos em escândalos de corrupção. Além disso, há um olhar atento às articulações políticas em torno de figuras como Dilma Rousseff e José Eduardo Cardozo (Ministro da Justiça), reforçando a percepção de fragilidade institucional e de tensões crescentes entre os poderes da República. O cenário descrito ilustra um momento de intenso questionamento sobre a independência das instituições e a credibilidade do sistema judicial no Brasil.

É possível verificar esse contexto, a partir de excertos como: “Na abertura do ano jurídico de 2015, Ricardo Lewandowski, atual presidente do Supremo Tribunal Federal, cobrou mais rapidez na tramitação dos processos depois de abordar a **lentidão da justiça brasileira de um ângulo absolutamente novo e despropositado**” (Redação O Antagonista, 2015e, grifo nosso); “Durante a sessão extraordinária de apreciação das contas realizada em 17 de junho, o procurador-geral Paulo Soares Bugarin não se manifestou no sentido de solicitar agilidade no julgamento, **reforçando o histórico de atrasos no TCU**” (Redação O Antagonista, 2015f, grifo nosso); “Os empreiteiros querem que os seus julgamentos ocorram também no Supremo Tribunal Federal como parte integrante de um escândalo comandado por parlamentares e outros graúdos da República aos quais eles tiveram de se submeter.” (Redação O Antagonista, 2015g);

A sem vergonhice da nota da OAB: O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, teve encontros fora da agenda oficial com advogados de empreiteiras do Petrolão. Nesses encontros, ele tranquilizou os advogados, dizendo que os rumos da Operação Lava Jato iriam mudar depois do Carnaval. Também **desaconselhou que os executivos presos fizessem delação premiada, claramente, a fim de evitar que entregassem Lula e Dilma Rousseff** (Redação O Antagonista, 2015h, grifo nosso).

Por sua vez, a Classe 3 aborda a atuação do Supremo Tribunal Federal (STF) e seus ministros em processos judiciais de grande relevância, incluindo aqueles relacionados à Operação Lava Jato. Palavras como “decisão”, “habeas corpus”, e “instância” aparecem com frequência, indicando o foco em decisões cruciais tomadas pelo STF que impactaram a condução de investigações e o destino de réus em casos de corrupção. Ministros como Gilmar Mendes (Supremo Tribunal Federal), Cármen Lúcia (Tribunal Superior Eleitoral), Dias Toffoli (Supremo Tribunal Federal), e Ricardo Lewandowski são citados em contextos que discutem sobre suas interpretações da lei, e como devem ser aplicadas.

Os textos enfatizam as tensões entre o STF, outras instâncias do Judiciário e o cenário político, abordando temas como concessões ou negativas de *habeas corpus*, mudanças nas composições de turmas e articulações políticas nos bastidores. Ademais, mencionam-se críticas públicas às decisões do tribunal, que frequentemente são vistas como lenientes ou alinhadas a interesses específicos. Nesse contexto, a classe reflete um momento de intenso escrutínio sobre o papel do STF como garantidor da justiça e sua relação com a opinião pública, especialmente no contexto das investigações de corrupção, corroborados por trechos como: “Se os políticos do PT, PMDB e PP escaparem ou tiverem penas mínimas ao final do processo, não será por culpa da condução dos trabalhos do juiz Sérgio Moro, mas da **falta de vergonha dos ministros do Supremo Tribunal Federal.**” (Redação O Antagonista, 2015i, grifo nosso); “Que país é esse? A Lava Jato responde da melhor maneira que existe: **o STF pode soltar o petista corrupto, mas a Lava Jato prende de novo.**” (Redação O Antagonista, 2015j, grifo nosso); “O voto da presidente do STF [Cármen Lúcia] foi decisivo para negar o habeas corpus preventivo ao **corrupto e lavador de dinheiro** [Lula]” (Redação O Antagonista, 2018b, grifo nosso).

Na Classe 4, os textos refletem o contexto eleitoral de 2018, com foco nos principais candidatos à presidência, como Jair Bolsonaro (PSL), Fernando Haddad (PT), Ciro Gomes (PDT), Marina Silva (PV) e Geraldo Alckmin (PSDB). O material enfatiza a influência de pesquisas realizadas por institutos como Datafolha e Ibope, analisando rejeição, intenções de voto e cenários de primeiro e segundo turnos. A polarização entre Bolsonaro e Haddad aparece como um tema recorrente, com o jornal destacando estratégias de campanha, discursos e dificuldades enfrentadas pelos candidatos.

Há também críticas dirigidas a Haddad, frequentemente chamado de “poste de Lula” e análises sobre a força da comunicação direta de Bolsonaro com o eleitorado, especialmente pelas redes sociais. A atuação da Revista Crusoé no acompanhamento das campanhas é mencionada, trazendo questões relacionadas à postura política e propostas econômicas de

Bolsonaro, enquanto outros candidatos, como Ciro Gomes e Marina Silva, são apontados como incapazes de romper a polarização dominante. O tom geral dos textos sugere uma crítica constante ao PT e suas estratégias, enquanto observa com ponderação os movimentos de outros candidatos e partidos.

Alguns exemplos que compõem a classe, são: “Jair Bolsonaro lidera as pesquisas de intenção de voto para o Planalto. Atrás dele, há dois populistas de esquerda, 29 anos atrás, eram Lula e Leonel Brizola. Hoje, são **o poste do presidiário, Fernando Haddad** e Ciro Gomes” (Redação O Antagonista, 2018c, grifo nosso); “Jair Bolsonaro conquistou mais da metade do eleitorado antilulista. Mas ele ainda tem margem para crescer. Diz a FDS **A estratégia de personificar o antipetismo foi um bom negócio para Jair Bolsonaro.**” (Redação O Antagonista, 2018d, grifo nosso); “[...] novo levantamento do Datafolha aponta que 57 por cento dos eleitores que rejeitam Fernando Haddad votam em Bolsonaro já no primeiro turno” (Redação O Antagonista, 2018d); “há risco de o liberalismo econômico prometido pela campanha do presidencialista ser tolhido pelo autoritarismo em seu eventual governo. Leia em Revista Crusoé **com Bolsonaro, autoritarismo pode engolir liberalismo**” (Redação O Antagonista, 2018e, grifo nosso); “Bolsonaro e Haddad conseguem explorar a indignação do eleitor brasileiro” (Redação O Antagonista, 2018f).

São destacadas, na Classe 5, as articulações políticas e estratégias do PSDB, com ênfase na atuação de figuras como João Doria, Geraldo Alckmin e outros membros do partido. Os textos abordam a disputa por espaço dentro da sigla, alianças políticas e as movimentações para as eleições em níveis estadual e federal. Palavras como “aliança”, “candidatura”, e “reeleição” aparecem frequentemente, indicando um foco nas ambições eleitorais e nos desafios enfrentados pelo partido no cenário político.

Os textos também discutem o papel do PSDB na oposição ao governo petista e as críticas à gestão tucana em São Paulo, como as acusações de falta de infraestrutura e má administração. Além disso, há menções dos atos de alianças com partidos como PTB, PV, PPS e PSB e, também, a tentativa do partido de não deixar ser superado pelos demais partidos menores.

A narrativa reflete as tensões internas no partido e o impacto de suas decisões no cenário político brasileiro, como em: “**Os tucanos finalmente entenderam o que está ocorrendo** e decidiram soltar uma nota oficial de apoio aos protestos contra Dilma” (Redação O Antagonista, 2015k, grifo nosso); “Alckmin ovacionado pelos amigos Com a presença de representantes de cinco partidos aliados no estado PTB, PV, PPS, DEM e PSB.” (Redação O Antagonista, 2017a);

Integrantes da executiva estadual do PSDB de SP, tradicionalmente ligada ao governador Geraldo Alckmin, têm ajudado o prefeito a estreitar contatos com dirigentes de outros partidos. É uma demonstração de que apostam na candidatura de Doria a presidente. Alckmin está cada vez mais para trás” (Redação O Antagonista, 2017b).

Os textos da Classe 6 detalham o funcionamento do esquema de corrupção envolvendo empreiteiras como Odebrecht, UTC e Andrade Gutierrez, com foco em pagamentos de propinas que financiaram campanhas políticas, especialmente do PT. O conteúdo enfatiza o uso de planilhas, depósitos ocultos e contratos superfaturados para desviar bilhões da Petrobras e enriquecer políticos, tesoureiros e operadores financeiros como João Santana, Paulo Roberto Costa e Alberto Youssef. Os textos são diretos ao apontar o protagonismo de Marcelo Odebrecht e das empreiteiras, além de destacar a relação dessas práticas com o “caixa dois” de campanhas.

A narrativa do O Antagonista adota um tom crítico, reforçando frequentemente a percepção de que o esquema era estruturado e beneficiava principalmente o PT, seus aliados e partidos da base governista. Outrossim, são citados valores expressivos como os R\$ 10 milhões repassados à campanha de Dilma Rousseff por Ricardo Pessoa, da construtora UTC.

Isso fica evidente em passagens como: “O Antagonista também quer saber: **qual Lula vai governar o Brasil? O do departamento de propinas da Odebrecht ou o da controladoria da OAS?**” (Redação O Antagonista, 2017c, grifo nosso); “O Antagonista apurou que Alexandre Alencar contou que Lula procurou apoio financeiro da Odebrecht ainda na campanha de 2002 e prometeu ajudar a empreiteira se fosse eleito” (Redação O Antagonista, 2017d); “Odebrecht pagou propina no exterior para a campanha de Lula: Em 2006, o esquema de pagamentos de propina da Odebrecht para a campanha de Lula repetiu o de 2002” (Redação O Antagonista, 2017e); “[...] pagamentos da Odebrecht começaram em 2006: João Santana confirmou ao juiz Sergio Moro que pediu a Lula e Antonio Palocci que não fizessem caixa 2 na campanha de 2006, por causa do escândalo do mensalão” (Redação O Antagonista, 2018g); “Emílio Odebrecht avisou a Lula que, caso Marcelo Odebrecht fosse preso, ele revelaria todo o esquema de corrupção envolvendo o governo e a empreiteira” (Redação O Antagonista, 2015l); “Tudo o que fosse patrimônio brasileiro era saqueado. **A agenda do PT nunca foi a agenda do Brasil.**” (Redação O Antagonista, 2017f, grifo nosso); e “O Antagonista defende que uma parte dos recursos reavidos do petrolão seja investida na ampliação da estrutura de investigação da força tarefa.” (Redação O Antagonista, 2016a).

O conteúdo da Classe 7 destaca os desdobramentos econômicos relacionados ao esquema de corrupção envolvendo a Petrobras, empreiteiras e financiamentos com dinheiro público, como empréstimos do BNDES. Os textos expõem o superfaturamento em obras como gasodutos e refinarias, as dificuldades enfrentadas pela Petrobras para gerir sua dívida bilionária, e a relação entre essas irregularidades e figuras políticas e empresariais. A narrativa do O Antagonista é marcada por tom crítico e desafiador, apontando frequentemente a ineficiência e cumplicidade de figuras públicas na gestão dos recursos.

Desse modo, o jornal adota um posicionamento de denúncia explícita, destacando, por exemplo, as críticas ao modelo de negócios facilitado pelo governo para empreiteiras envolvidas no escândalo. O tom editorial reflete indignação em frases como “o sentimento de impunidade era absoluto” (Redação O Antagonista, 2015m) e faz referência à necessidade de fiscalização mais rigorosa, ao mesmo tempo em que chama a atenção para a magnitude dos desvios financeiros e suas implicações no cenário político-econômico do Brasil.

Verificamos isso em: “uma auditoria da Petrobras indicou superfaturamento e falhas no contrato feito sem licitação” (Redação O Antagonista, 2015n); “Do primeiro parafuso ao último azulejo, tudo foi pago pela OAS, uma das empreiteiras envolvidas no escândalo de corrupção da Petrobras” (Redação O Antagonista, 2015o); “Exclusivo: peritos da PF estimam em até R\$ 42 bilhões o desvio do petrolão desde o início das investigações” (Redação O Antagonista, 2015p).

Na Classe 8, os textos abordam o contexto de crise no Brasil, explorando os desafios políticos, econômicos e sociais que o país enfrenta. As análises destacam o impacto do desemprego crescente, a fragilidade das instituições democráticas e os efeitos de políticas públicas mal planejadas, sendo, essas crises, um dos maiores focos do discurso do jornal. A corrupção e a má gestão são apresentadas como fatores que agravaram a instabilidade econômica e a desconfiança da população nas lideranças políticas.

Com teor denunciativo, as afirmações encontradas responsabilizam diretamente as lideranças políticas pela condução do Brasil a esse cenário crítico. O jornal ressalta a conexão entre as falhas administrativas e o aumento das desigualdades sociais, alertando para o enfraquecimento das instituições e a necessidade de mudanças estruturais. Também há um chamado à conscientização da sociedade sobre a importância do fortalecimento democrático como resposta à crise.

Alguns dos exemplos são: “Desastinos de política econômica herdados pelo atual governo levaram a uma situação na qual há cerca de treze milhões de desempregados” (Redação O Antagonista, 2018h); “O déficit da Previdência Social totalizou 39,411 bilhões de

reais no acumulado de janeiro a julho, um aumento de 40% em relação ao mesmo período de 2014. Resultado fiscal do Brasil desaponta pelo 15º mês seguido Bloomberg” (Redação O Antagonista, 2015q); “No geral acenam com promessas que não se realizarão com soluções simplistas que não resolvem as questões desafiadoras é necessária uma clara definição de rumo a começar pelo compromisso com o ajuste inadiável das contas públicas” (Redação O Antagonista, 2018h).

Textos aglutinados na Classe 9, concentram-se nas delações premiadas da Operação Lava Jato e seu papel nas investigações de corrupção, lavagem de dinheiro e outros crimes envolvendo políticos, empreiteiras e a Petrobras. Destaques incluem os depoimentos de figuras como Alberto Youssef e Paulo Roberto Costa, além das acusações contra líderes políticos e partidos. As delações são apresentadas como peças-chave para expor o esquema de corrupção, apesar de críticas às condições de prisão e negociações de acordos.

O jornal enaltece a atuação de Sergio Moro, Ministério Público e Polícia Federal, defendendo explicitamente a operação Lava Jato, enquanto critica tentativas de obstrução da Lava Jato, como os acordos de leniência feitos à margem da Justiça. As matérias refletem indignação com a impunidade percebida e cobram maior rigor nas investigações, frequentemente aludindo à necessidade de se revelar os vínculos de figuras políticas de destaque com o esquema criminoso.

Segmentos como: “Alberto Youssef confirmou que repassou dinheiro da Odebrecht para a campanha de Sérgio Cabral e Pezão, em 2010. Hoje, Pezão anunciou que cortaria o próprio salário, bem como o do vice e secretários. Amanhã, a agenda positiva de Pezão levará um peção da Justiça, se tudo der certo.” (Redação O Antagonista, 2015r); “Polícia Federal comprovou a denúncia de Paulo Roberto Costa de que o senador e ex ministro de Dilma Rousseff pediu a ele, entre 2010 e 2011, 20 milhões de reais de propina para a campanha à reeleição de Eduardo Campos” (Redação O Antagonista, 2017g); **“Como Ministro da Justiça, o juiz Sergio Moro poderá impactar ainda órgãos muito importantes para o controle da corrupção**, como a Polícia Federal, a CGU e o COAF, ampliando sua influência positiva dos casos em Curitiba para todo o país” (Redação O Antagonista, 2018i, grifo nosso); “O importante é que os acordos de leniência com as empresas do petrolão sejam verificados com lupa pelo corpo técnico e jurídico do TCU, para evitar que o governo suavize nas indenizações e entregue de bandeja contratos públicos a quem roubou os brasileiros” (Redação O Antagonista, 2016b) e “O Antagonista defende que Jucá seja investigado depois que Dilma Rousseff e Lula sejam presos por obstrução à Lava Jato.” (Redação O Antagonista, 2016c), corroboram a visão.

Na Classe 10, os textos exploram o governo de Michel Temer, com foco em sua chegada ao poder após o *impeachment* de Dilma Rousseff. O material destaca temas como reformas trabalhistas e previdenciárias – os principais temas da gestão, a composição ministerial e as estratégias de articulação política de Temer com o Congresso Nacional e outros setores. Há também referências a figuras centrais de seu governo, como Eliseu Padilha e Romero Jucá, e às alianças que sustentaram sua base. A narrativa enfatiza a gestão e a reorganização do cenário político em meio a um ambiente polarizado.

O Antagonista adota um tom analítico e crítico, apontando tanto avanços quanto contradições na gestão Temer. Menciona os desafios enfrentados na condução de pautas econômicas e sociais, além de destacar episódios como as dificuldades em aprovar reformas importantes. O material reflete o contexto de instabilidade e as tensões entre o Palácio do Planalto e outras instituições governamentais. Além disso, o veículo explicita sua posição quanto aos demais petistas restantes no governo.

Fragmentos como: “Michel Temer só escolherá um novo ministro do planejamento após o impeachment” (Redação O Antagonista, 2016d); “O Antagonista reproduz abaixo o vídeo em que Michel Temer defende a reforma trabalhista, bem como a transcrição da mensagem do presidente” (Redação O Antagonista, 2017h); “Temer fará corpo a corpo por Previdência. Michel Temer está reunido com ministros agora no Palácio da Alvorada. Ele disse que fará um corpo a corpo com os deputados para convencê-los a aprovar a reforma da Previdência” (Redação O Antagonista, 2017i); “A PEC do teto de gastos foi usada por Michel Temer como termômetro de sua base política, com apoio de 70% da Câmara e 75% do Senado, mostrando uma tentativa de consolidar alianças em meio à polarização” (Redação O Antagonista, 2016e) e “O Antagonista defende a cultura do encarceramento. E defende igualmente que **o governo golpista de Michel Temer se livre de todos os seus petistas, que mancham sua trajetória.**” (Redação O Antagonista, 2017j, grifo nosso), demonstram isso.

Por fim, a Classe 11 aborda questões de segurança pública e tensões sociais no Brasil, com destaque para o papel dos militares, das forças armadas e das intervenções durante momentos de crise. As intervenções em favelas e a fragilidade das Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs) também são temas frequentes, expondo os desafios da segurança pública.

Outrossim, a greve dos caminhoneiros aparece como um marco de descontentamento social, com bloqueios que paralisaram o país e desafiaram a gestão governamental. O Antagonista critica a falta de planejamento do governo para lidar com a crise, enquanto também denuncia a influência de sindicatos ligados ao governo em movimentos sociais. O

jornal reforça, ainda, a necessidade de uma resposta firme e organizada às greves e à violência urbana, destacando o papel estratégico das forças armadas nesses cenários.

Alguns dos exemplos, são: “Temer: As forças armadas estarão nas ruas” (Redação O Antagonista, 2018j); “Pacificação redirecionada: em entrevista ao Globo, o general Richard Fernandez Nunes, novo secretário de segurança pública do Rio de Janeiro, falou do redirecionamento do projeto das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) nas favelas que não impediu o recrudesimento da violência” (Redação O Antagonista, 2018k); “A greve da associação dos caminhoneiros está interrompendo a distribuição de combustível e mercadorias em todo o Brasil. Considere adotar medidas para garantir um estoque adequado de água e produtos domésticos e para economizar o combustível de veículos” (Redação O Antagonista, 2018l); “O pífio resultado da greve geral deveria servir de alerta para as centrais, sindicatos e movimentos sociais que convocaram a manifestação. Pneus queimados a bloquear as vias mais irritam do que agregam” (Redação O Antagonista, 2017k).

Entre 2015 e 2018, portanto, O Antagonista estruturou sua linha editorial em torno de uma cobertura intensiva da Operação Lava Jato, reforçando uma agenda fortemente antipetista. A lexicometria realizada no IraMuTeQ evidencia esse direcionamento ao identificar, em diversas classes de análise voltadas a diferentes grupos de atores, uma insistente ênfase crítica sobre o Partido dos Trabalhadores e, especialmente, sobre a figura de Lula. O jornalismo alternativo representado pelo site não apenas amplificou as denúncias e desdobramentos da operação, mas também consolidou uma narrativa de corrupção sistêmica associada ao PT, contribuindo para a deslegitimação da legenda no debate público. Essa abordagem recorrente e combativa, presente de maneira transversal nas classes analisadas, sugere um alinhamento discursivo que transcende a simples cobertura factual dos eventos, assumindo contornos de uma militância editorial contra o partido e seu principal líder.

No entanto, é preciso considerar se essa ênfase antipetista se manteve com a mesma intensidade ao longo dos anos ou se foi absorvida por outras dinâmicas políticas no decorrer dos anos. Com o avanço da Nova Direita e a ascensão de novas lideranças no cenário pós-*impeachment* de Dilma Rousseff, O Antagonista pode ter ajustado seu foco para contemplar outras disputas dentro do campo conservador. Nesse sentido, torna-se relevante questionar se a Lava Jato e a crítica sistemática ao PT continuaram sendo o eixo central da cobertura do site ou se esses temas perderam protagonismo diante de novas conjunturas e desafios políticos. Diante disso, passaremos a avaliar a *corpus* ano a ano, a fim de identificar os assuntos e as ênfases de O Antagonista entre 2015, 2016, 2017 e 2018, de forma específica, sobre os principais acontecimentos políticos no Brasil.

5.2 Estratégias discursivas e enquadramentos ano a ano

5.2.1 2015

O Antagonista foi criado em 2015. Conforme mencionado anteriormente, esse foi o ano com menos publicações na seção “Brasil”, foco desta pesquisa, no jornal. Ainda, sim, foram coletadas 9.290 matérias.

Ao anexar o *corpus* textual no IraMuTeQ, obtivemos o seguinte resultado:

Figura 11 – Descrição do processamento dos dados (2015)

Number of texts	9290
Number of text segments	23783
occurrences	759164
Number of forms	38468
Número de hapax	17352 - 45.11 % des formes - 2.29 % des occurrences

Fonte: Elaborado pela própria autora (2025)

Foram realizados os testes da CHD para 10, 20 e 30 classes, alcançando os seguintes resultados: 94,19%, 87,45% e 91,54%, respectivamente. Dessa forma, o melhor aproveitamento dos dados, isto é, os segmentos são melhor classificados, com a configuração de 10 classes máximas.

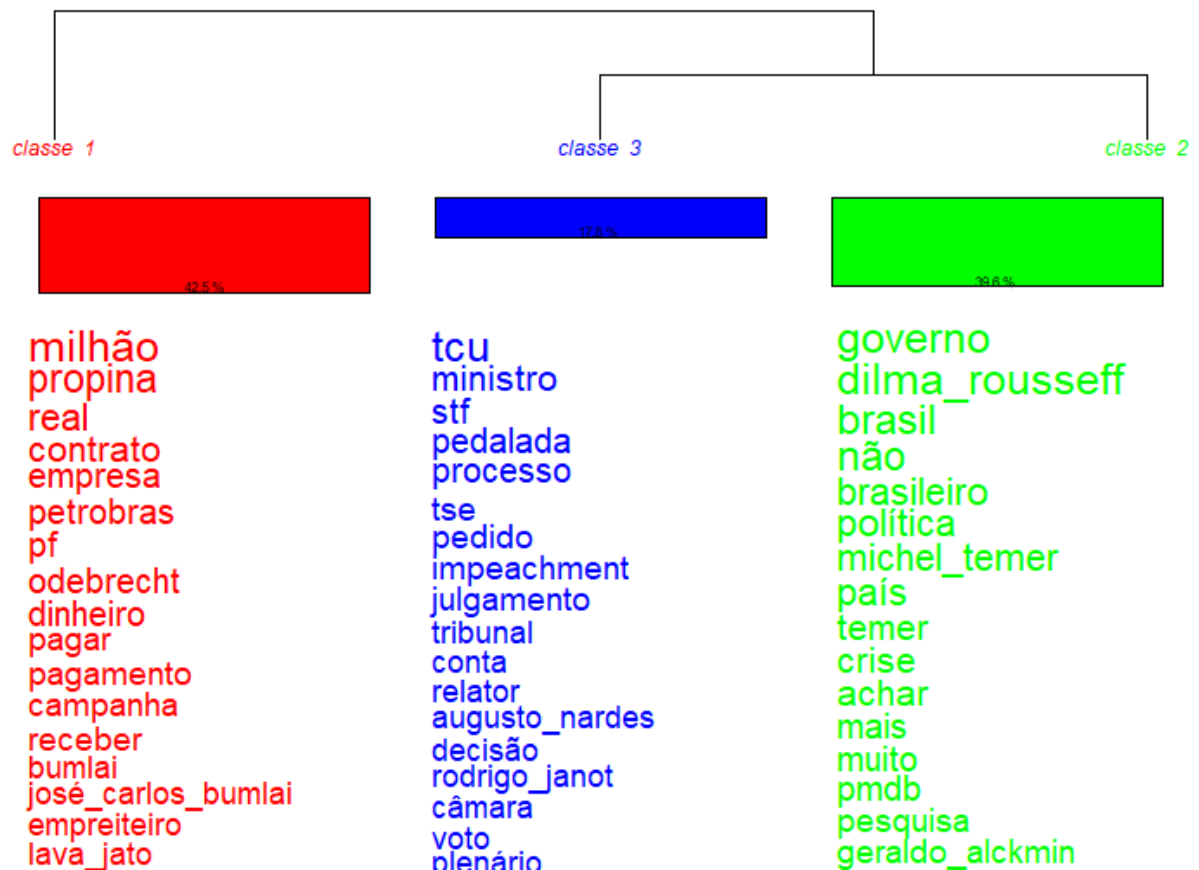
Figura 12 – Descrição do processamento dos dados na CHD (2015)

```
Number of texts: 9290
Number of text segments: 23783
Number of forms: 38468
Number of occurrences: 759164
Número de lemas: 24966
Number of active forms: 23958
Número de formas suplementares: 986
Número de formas ativas com a frequência >= 18: 2881
Média das formas por segmento: 31.920447
Number of clusters: 3
22402 segments classified on 23783 (94.19%)
```

Fonte: Elaborado pela própria autora (2025)

Nesse sentido, o resultado foi:

Figura 13 – Cluster do corpus 2015 gerado pelo IRaMuTeQ



Fonte: Elaborado pela própria autora (2025)

A Classe 1 (42,5%) versa primordialmente sobre corrupção e escândalos financeiros, tendo como descritores termos como: “milhão”, “propina”, “real”, “contrato”, “empresa”, “Petrobras”, “PF”, “Odebrecht”, “dinheiro”, “pagamento” e “Lava Jato”. Essa classe está centrada nos escândalos de corrupção que dominaram o cenário político em 2015, com destaque para a operação Lava Jato e os esquemas envolvendo grandes empresas como Odebrecht e Petrobras. Dessa forma, o foco recai sobre desvio de recursos públicos, contratos fraudulentos e pagamentos ilícitos atrelados ao PT, como em: “Lava Jato tem de ouvir Marcos Valério de **todas as denúncias contra o PT, a mais horrenda é a que envolve Lula, José Dirceu e Gilberto Carvalho no pagamento de 6 milhões de reais para acobertar o assassinato de Celso Daniel [...]**” (Redação O Antagonista, 2015s, grifo nosso) e

PT declara guerra contra Lava Jato: O site do PT disse que a Lava Jato prendeu João Vaccari Neto para criminalizar as doações ao partido. **O PT sabe que não há como salvar seu tesoureiro.** Por isso, resolveu **declarar guerra contra o Judiciário**, alegando que enquanto os ataques ao PT continuam, outros casos são abafados. **Ou o PT destrói a Lava Jato, ou a Lava Jato destrói o PT** (Redação O Antagonista, 2015t, grifo nosso).

Já a Classe 2 (39,6%) é composta pelo tema da governabilidade de Dilma (e, consequentemente, do PT) e a aliança política do partido com o PMDB, mobilizando conceitos como “governo”, “Dilma Rousseff”, “Brasil”, “política”, “Michel Temer” e “crise”. Importante lembrar que, à época, o Golpe Parlamentar não havia se consumado. Mesmo assim, essa classe reflete as tensões em torno do governo de Dilma Rousseff, com destaque para a relação entre o partido da presidente e do vice-presidente, evidenciando a instabilidade política do período. As palavras-chave sugerem um debate sobre a crise política e as articulações entre diferentes atores, incluindo Michel Temer, que emergiu como figura central no contexto do *impeachment*.

Desse modo, a narrativa associa o governo Dilma à crise política e econômica, destacando fragilidades nas alianças partidárias e apresentando o PMDB como um ator estratégico. Há também um esforço para conectar essas questões à percepção pública e à política eleitoral. O posicionamento contrário ao governo petista por parte do jornal é nitidamente exposto. Isso pode ser visto em passagens como em:

Rolando rampa abaixo: Dilma Rousseff sobe a rampa do Palácio do Planalto. **O Antagonista [...] espera que, daqui a alguns meses, seu mandato seja cassado - democraticamente cassado - e ela tenha de percorrer o caminho inverso, rolando rampa abaixo**, como Vampeta. É o primeiro item da lista de bons propósitos deste jornal trabalhar pelo impeachment de Dilma Rousseff. Ainda é cedo para esse desfecho. Falta a prova incontestável de que o esquema de propinas da Petrobras financiou a campanha presidencial. Se os responsáveis pela operação Lava Jato puderem continuar a investigar, porém, a prova aparecerá. Por que temos tanta certeza assim? Porque **o esquema de propinas foi montado exatamente para isso para bancar campanhas eleitorais, em particular as do PT**. A possibilidade de obtermos o impeachment é mínima. Se não houver pressão, o Congresso Nacional, que participou alegremente do estelionato na Petrobras, nem cogitará incriminar a presidente. E tucano só é bom de bico [...] (Redação O Antagonista, 2015u, grifo nosso).

E

O PMDB é ótimo: Dilma Rousseff disse para a FDS Quem quer me tirar não é o PMDB. Nã nã nã não! De jeito nenhum. Eu acho que o PMDB é ótimo. Segundo o Valor Econômico, ela está enganada sobre o apoio peemedebista. A tese do impeachment ganha cada vez mais defensores na cúpula do PMDB. O partido já tem até um programa de governo. Temer assumiria, faria um governo de união com os partidos que quisessem, montaria um gabinete de alto nível, cortaria custos da máquina pública e realizaria reformas e ajustes necessários para fazer o país crescer e retornar a estabilidade política. **Se fizer tudo isso, o PMDB realmente é ótimo** (Redação O Antagonista, 2015v, grifo nosso).

Por fim, a Classe 3 (17,8%) abarca a judicialização da política a partir de marcadores como “TCU”, “ministro”, “STF”, “pedalada”, “processo”, “TSE”, “impeachment” e “julgamento”. Assim, a classe foca no papel das instituições judiciais e legais no processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Termos como “pedalada” e “impeachment” reforçam a centralidade do debate jurídico para a definição dos rumos políticos do país. A estratégia discursiva adotada busca a legitimação do processo de *impeachment* por meio de argumentos denunciativos e técnicos. Instituições, como o STF e o TCU, são apresentadas como árbitros importantes na resolução da crise política, reforçando a narrativa de que o impedimento seria conduzido dentro da legalidade. Mais uma vez, o posicionamento crítico e opositor do jornal quanto ao governo e apoiador do processo de impedimento é demonstrado em:

TCU some com documento contra Dilma Rousseff: Um fato inadmissível ocorre no TCU. O tribunal deu trinta dias para Dilma Rousseff tentar explicar as pedaladas fiscais. Esse prazo se esgota no dia 21. Só que no aviso enviado a ela não constam as irregularidades apontadas pelo Ministério Público de Contas - em resumo, o documento com as manobras orçamentárias perpetradas para uso eleitoral. **Mais o documento do Ministério Público de Contas que descreve as irregularidades eleitoreiras de Dilma Rousseff sumiu do processo dentro do próprio tribunal. Tudo na calada, tudo feito para facilitar a defesa da petista. É uma sem vergonhice. É um escárnio. É um escândalo [...]** Até agora, obtive apenas o silêncio. **Estamos de olho**, Augusto Nardes. Exigimos, mais do que explicações, uma ação rápida para **corrigir esse absurdo digno de uma república de bananas** (Redação O Antagonista, 2015w, grifo nosso).

E

O abatimento do PT: Ministros, deputados e senadores do PT já consideram não apenas possível mas provável que a presidente Dilma Rousseff seja afastada do governo num processo de impeachment ainda neste ano. **O clima é de abatimento**. A nota foi publicada na Folha, por Mônica Bergamo, a interlocutora preferida **daquela gente** (Redação O Antagonista, 2015x, grifo nosso).

Nesse sentido, é possível concluir que no ano de 2015, O Antagonista se concentrou em publicar notícias políticas focadas no (a) combate a corrupção – especialmente a Lava Jato e os escândalos envolvendo atores-chave do PT; (b) no desgaste do governo Dilma e da relação entre o PT e o PMDB – que, posteriormente, teve em Temer o seu proeminente ator político – e (c) na busca pela legitimação judicial do processo de *impeachment* da presidente a partir do acompanhamento dos desdobramentos e pressão para que o impedimento fosse votado no TCU.

5.2.2 2016

Em 2016, O Antagonista publicou 22.225 matérias na seção “Brasil”, a despeito das 9.290 de 2015. A crescente das publicações revela que no segundo ano do jornal, no contexto da realização do *impeachment* de Dilma Rousseff, o veículo aumentou sua cobertura de temas políticos.

O processamento do *corpus* textual no IraMuTeQ rendeu o seguinte resultado:

Figura 14 – Descrição do processamento dos dados (2016)

Number of texts	22225
Number of text segments	43815
occurrences	1328670
Number of forms	50574
Número de hapax	21940 - 43.38 % des formes - 1.65 % des occurrences

Fonte: Elaborado pela própria autora (2025)

Diante disso, foram realizados os testes da CHD para 10, 20 e 30 classes, atingindo os seguintes índices: 86,34%, 90,03% e 91,02%, respectivamente. Dessa forma, o melhor aproveitamento dos dados, isto é, os segmentos foram melhor classificados, com a configuração de 30 classes máximas.

Figura 15 – Descrição do processamento dos dados na CHD (2016)

```

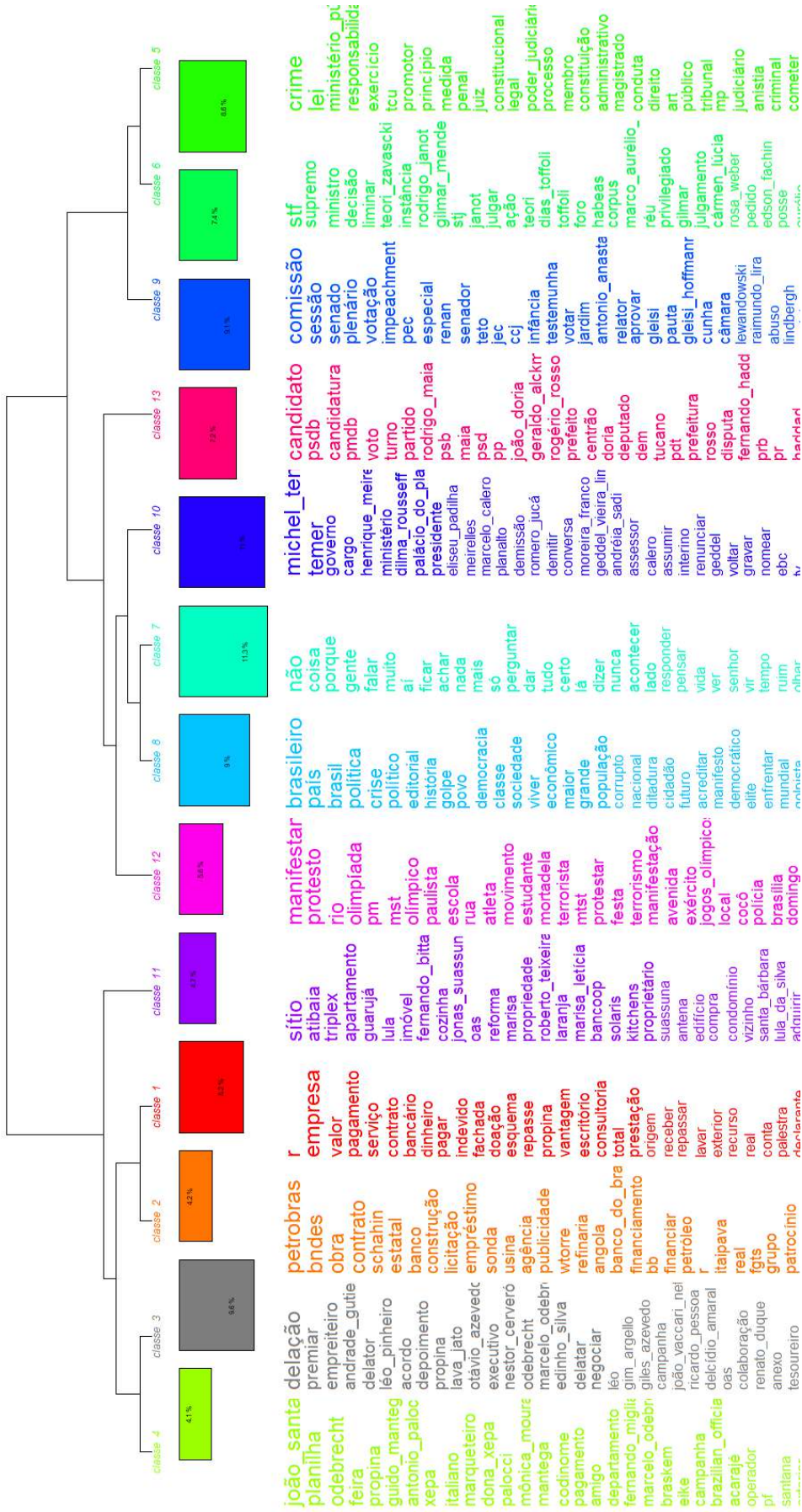
Number of texts: 22225
Number of text segments: 43815
Number of forms: 50574
Number of occurrences: 1328670
Número de lemas: 33025
Number of active forms: 31698
Número de formas suplementares: 1300
Número de formas ativas com a frequência >= 34: 2892
Média das formas por segmento: 30.324546
Number of clusters: 13
39882 segments classified on 43815 (91.02%)

```

Fonte: Elaborado pela própria autora (2025)

Com isso, chegamos à seguinte configuração:

Figura 16 – Cluster do corpus 2016 gerado pelo IRaMuTeQ



Fonte: Elaborado pela própria autora (2025)

Isto é, o *software* produziu 13 classes de palavras, das quais a primeira (Classe 1 - 8,2%) trata sobre corrupção em empresas e contratos públicos. Essa classe apresenta termos como: “empresa”, “pagamento”, “serviço”, “indevido”, “fachada”, “doação” e “esquema”. Nesse sentido, as palavras sugerem foco nos fluxos financeiros ilícitos, com destaque para pagamentos e repasses bancários associados a obras e serviços públicos. A narrativa explora desvios de recursos públicos, além da relação entre empresas privadas e o setor estatal e casos de corrupção e prestação de serviços ilegais, como nos casos a seguir:

A Andrade Gutierrez, segunda maior empreiteira do país, afirma ter **pago despesas com fornecedores da campanha eleitoral de Dilma Rousseff em 2010. O pagamento, ilícito, foi feito por meio de contrato fictício de prestação de serviço.** [...] A Lava Jato tem de se concentrar nesse caso. Ele vai mostrar claramente o **caminho do dinheiro sujo das empreiteiras para as campanhas do PT.** [...] **É prova de que ela foi eleita com dinheiro roubado da Petrobras** (Redação O Antagonista, 2016f, grifo nosso).

O MPF identificou pagamentos irregulares do Bolsa Família no valor de R\$ 2,5 bilhões efetuados entre 2013 e 2014, diz o Valor. Segundo o MPF, o total de pagamentos realizado abrangeu cerca de 1,4 milhão de pessoas. Isso é muito mais do que uma simples irregularidade – **é desvio de dinheiro público para comprar votos** (Redação O Antagonista, 2016g, grifo nosso).

A Classe 2 (4,2%) aborda a infraestrutura estatal mobilizando termos como “Petrobras”, “Banco do Brasil”, “BNDES”, mas também “contrato”, “licitação” e “patrocínio”. Desse modo, a classe reflete os desdobramentos de esquemas de corrupção envolvendo estatais, especialmente a Petrobras, e o financiamento de grandes obras de infraestrutura. O BNDES aparece como ator importante nesse contexto. A ênfase recai sobre a instrumentalização de estatais para desvio de recursos e os impactos disso na economia e na administração pública. Isso pode ser percebido em trechos como:

Sérgio Cabral e mais seis pessoas foram denunciados pelo MPF em Curitiba no âmbito da Operação Lava Jato. Eles são acusados de **receber propina em contrato da Petrobras** com o Consórcio Terraplanagem Comperj, formado por Andrade Gutierrez, Odebrecht e Queiroz Galvão (Redação O Antagonista, 2016h, grifo nosso).

A PF E AS VIAGENS DE LULA: O Ministério Público do Distrito Federal investiga o elo entre as viagens de Lula, pagas pela Odebrecht, e os empréstimos do BNDES para obras da empreiteira no exterior. **Lula já prestou depoimento sobre o assunto. Não conseguiu enganar ninguém** (Redação O Antagonista, 2016i, grifo nosso).

A Lava Jato retomou a investigação contra Lula por apropriação indevida de bens da Presidência da República e seu armazenamento num cofre do Banco do Brasil, em nome da mulher, Marisa Letícia, e do filho Fábio. **Lula tem cinco dias para explicar o inexplicável** (Redação O Antagonista, 2016j, grifo nosso).

Na Classe 3 (9,6%) há um foco na Lava Jato e nas delações premiadas dos envolvidos na investigação, recorrendo a palavras como “delação”, “empreiteiro”, “Odebrecht”, “propina”, “delator” e “depoimento”. A narrativa busca legitimar a Lava Jato, destacando as confissões e revelações como uma forma de expor os responsáveis pelos crimes. Podemos observar isso em:

Como O Antagonista antecipou, a Odebrecht concluiu os termos de seu acordo de colaboração premiada. **Os anexos estão prontos e agora resta apenas a negociação das penas individuais que os executivos, incluindo Marcelo Odebrecht, terão de cumprir em regime fechado.** Pela abrangência inédita – **a delação inclui mais de 60 funcionários** [...] Ninguém vai conseguir pegar carona na delação. Para ter o benefício, cada executivo terá que apresentar um diferencial, explica uma fonte envolvida nas negociações. Para sistematizar a investigação, a força tarefa da Lava Jato vai analisar as delações de cima para baixo, começando por Emílio e Marcelo. Da mesma forma, os primeiros alvos serão Lula e Dilma Rousseff. Depois, virão os demais (Redação O Antagonista, 2016k, grifo nosso).

Em outro trecho de sua delação, cuja transcrição foi anexada à denúncia contra Lula, o ex-senador Delcídio do Amaral diz que **Lula tinha conhecimento do que era angariado pelas diretorias capitaneadas pelo PT.** Ainda que não tivesse precisão contábil, **tinha noção do volume da propina envolvida** (Redação O Antagonista, 2016l, grifo nosso).

Os verdadeiros protagonistas: O protagonismo de Teori Zavascki roubou as manchetes do assunto que mais importa: o desmoronamento da Odebrecht e o desejo da empreiteira de colaborar com a Lava Jato. **Os verdadeiros protagonistas da história nacional – o juiz Sergio Moro, o MPF e a PF – ganharam** (Redação O Antagonista, 2016m, grifo nosso).

A Classe 4 (4,1%) detalha esquemas documentados em planilhas, com destaque para financiamentos ilegais de campanhas eleitorais e pagamentos a marqueteiros políticos. São apresentados termos como “João Santana”, “planilha”, “Odebrecht”, “propina”, “marqueteiro”, “pagamento” e “campanha”. O uso de evidências materiais, como planilhas, confere credibilidade às acusações e reforça a narrativa da corrupção sistemática apresentada pelo jornal em excertos como:

Temer enterra a Lava Jato: Michel **Temer, codinome Sem Medo, está com medo da Odebrecht.** A prova disso é que **se envolveu pessoalmente no golpe para enterrar a Lava Jato.** De acordo com a Folha, ele até já preparou o discurso para justificar o **golpe** [...] O Antagonista endossa a ideia de que Michel Temer já passou (Redação O Antagonista, 2016n, grifo nosso).

LULA ACABOU: Lula vai ser preso. O PT vai implodir. Se havia alguma dúvida sobre isso, agora não há mais a **delação premiada de João Santana aniquila a ORCRIM.** Como disse Globo, Dona Xepa já havia tentado fechar um acordo com a

PGR. **Ela confessou ter arrecadado 10 milhões de reais em propina para a campanha de Dilma Rousseff.** Os pagamentos foram negociados por Guido Mantega, Antonio Palocci e João Vaccari Neto. Ela confessou também que o grupo JBS contribuiu com caixa 2 para a campanha de 2014 pagando diretamente uma dívida de Dilma Rousseff com a gráfica Focal. Nada disso, porém, convenceu a PGR a aceitar a delação dos marqueteiros do PT. O termo de confidencialidade assinado com os procuradores revela que Feira e Dona Xepa resolveram abrir o jogo. **O alvo não é apenas Dilma Rousseff. O alvo é Lula, é o PT** (Redação O Antagonista, 2016o, grifo nosso).

Na Classe 5 (8,6%) foram abordados aspectos jurídicos relacionados ao combate à corrupção, com foco no papel do sistema judicial e das leis criminais, operando termos como “crime”, “lei”, “responsabilidade”, “juiz”, “penal”, “constitucional” e “tribunal”. Aqui, há uma tentativa de legitimar a atuação das instituições judiciais como responsáveis pelo julgamento e punição dos envolvidos. Isso fica evidente em:

Deltan Dallagnol publicou um alerta em sua página no Facebook: Retrocessos não podem ser admitidos, como a anistia de crimes graves. Ou que o pacote anticorrupção sirva para constranger promotores e juizes . Cabe lembrar que as 10 medidas se aplicam integralmente ao Judiciário e ao MP. Promotores e juizes corruptos podem ser responsabilizados na área cível, criminal e administrativa, com todas as mudanças das 10 medidas também. **O endurecimento das leis vale para todos. Anistiar crimes como corrupção e lavagem sob um título de anistiar caixa 2 anularia a mensagem da Lava Jato de que estamos nos tornando efetivamente uma república**, um lugar em que todos são iguais perante a lei e se sujeitam a ela independentemente de bolso, cor ou cargo. Está nas mãos do plenário da Câmara, agora, **fortalecer as esperanças dos brasileiros** (Redação O Antagonista, 2016p, grifo nosso).

Dilma Rousseff disse à imprensa em Nova York: Está em curso no Brasil um golpe. E acrescentou “Me dizer que não é golpe é tampar sic o sol com a peneira. Sou uma pessoa vítima, sou uma pessoa injustiçada, e isso é grave porque sou presidente da República. Se a lei nem para mim vale, quanto mais para a população do nosso país mais pobre”. **Dilma Rousseff ainda não se deu conta de que a Lava Jato vai condená-la. Porque a lei vale para todos, inclusive para a presidente da República** (Redação O Antagonista, 2016q, grifo nosso).

Seguindo a mesma linha, a Classe 6 (7,4%) discute o papel do STF e de seus ministros em decisões cruciais relacionadas à política e à Lava Jato. Os termos elencados foram: “STF”, “ministro”, “decisão”, “Teori Zavascki”, “Gilmar Mendes”, “ação” e “habeas corpus”. O tribunal é apresentado como um ator central na mediação de conflitos políticos e jurídico, como em:

Mais uma chicana petista a Folha informa que o PT recorreu ao Supremo para tentar impedir que Michel Temer possa nomear novos ministros quando assumir a Presidência após o afastamento de Dilma Rousseff. **O STF deveria começar a ignorar a chicana petista. Não há razão para priorizar ações que só buscam o tumulto** (Redação O Antagonista, 2016r, grifo nosso).

Teori Zavascki considerou descabida a justificativa de Sergio Moro de que havia interesse público na divulgação da conversa entre Dilma Rousseff e Lula. **A presidente da República estava usando um ministério para dar guarida a um investigado e não havia interesse público em jogo?** Tanto havia que o STF impediu a posse do investigado. **Teori Zavascki é que não tem cabimento** (Redação O Antagonista, 2016s, grifo nosso).

Você sabe responder? Qual será o maior acontecimento da semana depois do impeachment de Dilma Rousseff? O julgamento no STF de um recurso que pede o fim da prisão de condenados em segunda instância. **Se reverter a sua decisão histórica, o Supremo confirmará que, no Brasil, sempre damos vários passos para trás depois de dar um adiante** (Redação O Antagonista, 2016t, grifo nosso).

A Classe 7 (11,3%) reflete um tom analítico e crítico de O Antagonista em relação ao governo, abordando insatisfação popular e crises políticas. A narrativa foca em deslegitimar a administração política petista e expor sua fragilidade perante a opinião pública, como em:

[...] **O PT corrompeu mais do que a política, corrompeu a inteligência e o caráter.** E aos poucos vão mostrando que a volta da Dilma Rousseff por **mais dois anos, com essa gente, vai embrutecer o País e seguir se apropriando do Estado. Pior que não tem juiz Moro para este tipo de roubo da inteligência e do caráter** [...] (Redação O Antagonista, 2016u, grifo nosso).

Dilma Rousseff achou que a Lava Jato não chegaria até ela: Delcídio do Amaral contou também que o governo **Dilma Rousseff subestimou a Lava Jato em seu início.** Dilma Rousseff acreditava que a Operação não chegaria até ela, ainda que atingisse muita gente, pelo que sairia fortalecida do processo. **Quando Dilma Rousseff resolveu tomar uma atitude, já não havia mais tempo,** disse. Segundo ele, foi por isso que a petista tomou a **iniciativa desesperada de nomear Marcelo Navarro para o STJ** (Redação O Antagonista, 2016v, grifo nosso).

Já na Classe 8 (9%) são discutidos os impactos da crise política na sociedade e na democracia brasileira, com um olhar mais amplo sobre o contexto social e econômico a partir de palavras como “crise”, “sociedade”, “classe” e “democracia”. Nesse contexto, busca-se relacionar a corrupção e a instabilidade política com um cenário de degradação democrática, como nos títulos: “Quero o meu país de volta!” (O Antagonista, 2016w) e “Que o Brasil se torne Antagonista” (Redação O Antagonista, 2016x), mas também em trechos como: “[...] O PT é o maior dos erros do Brasil” (Redação O Antagonista, 2016y).

É na Classe 9 (9,1%) que é abordada diretamente os trâmites do *impeachment*, com destaque para as sessões e debates no Congresso. Isso torna-se evidente pelos termos “comissão”, “sessão”, “plenário”, “votação”, “impeachment”, “Renan” e “Câmara”. A narrativa operada pelo jornal legitima o impedimento à Dilma como um processo democrático e institucional. Alguns dos exemplos que compõem a classe são:

Diante da comissão do impeachment, o secretário de Controle Externo da Fazenda Nacional do TCU disse que, sim, **Dilma Rousseff decidiu maquiar as contas públicas**. A diferença entre erro e fraude é a intenção – e ficou consignado um artifício deliberado para maquiar as estatísticas fiscais e, portanto, impedir que decisões orçamentárias e fiscais fossem tomadas a partir de informações mais verdadeiras e confiáveis, disse Tiago Alvez Dutra [...] (Redação O Antagonista, 2016z, grifo nosso).

Enterro sem velório Dilma Rousseff, segundo Estadão, decidiu cancelar a cerimônia de descida da rampa que ocorreria após votação do impeachment no Senado. O gesto poderia ser entendido como uma capitulação. **Para nós, é suficiente que ela role rampa abaixo metaforicamente** (Redação O Antagonista, 2016aa, grifo nosso).

Na Classe 10 (11%) é explorada a ascensão de Michel Temer ao poder e as alianças políticas que sustentaram seu governo (“Michel Temer”, “cargo”, “ministério”, “PMDB”, “Henrique Meirelles”, “Marcelo Calero”). O foco está no papel do empossado durante o *impeachment*, na construção de um governo de transição e nas negociações políticas necessárias para sua consolidação, como em: “Michel Temer não vai mesmo à reunião do dia 29, quando o PMDB oficializará seu rompimento com o PT. **Como vice, não quer ser acusado de estar conspirando. Mas já deu seu aval**” (Redação O Antagonista, 2016bb, grifo nosso) e

O **PSDB**, acovardado, levou mais de um ano para embarcar no impeachment. Só embarcou quando não havia outra possibilidade. Agora o partido **se recusa a embarcar no governo de Michel Temer**. Por quê? Porque tem medo de que o governo fracasse e que isso prejudique suas chances em 2018. E porque tem medo de que o governo seja um sucesso e que isso prejudique as chances de Aécio Neves e Geraldo Alckmin contra José Serra. **O PSDB tem medo de tudo e do contrário de tudo** (Redação O Antagonista, 2016cc, grifo nosso).

Em contrapartida, a Classe 11 (4,7%) concentra-se nos escândalos relacionados a imóveis atribuídos ao ex-presidente Lula, como o sítio em Atibaia e o triplex evidente a partir de “sítio”, “apartamento”, “Atibaia”, “Lula”, “imóvel” e “triplex”. O objetivo dessa publicações está em associar Lula a benefícios pessoais decorrentes de esquemas de corrupção. Os trechos classificados são:

EXCLUSIVO SEGURANÇA DE LULA COMPROU PEDALINHOS: O Antagonista descobriu que os dois pedalinhos do lago do sítio Santa Bárbara foram encomendados e pagos pelo servidor Edson Antonio Moura Pinto, assessor especial da Presidência destacado para atender Lula. Os pedalinhos, que **ganham capa com nomes dos netos**, foram fabricados pela Ipê Fibra, de São Lourenço-MG. Custaram R\$ 5.600 – já com desconto de 48 reais. [...] “Foram os únicos pedalinhos que entreguei lá em Atibaia”, afirma José Reinaldo Ferreira da Silva, dono da Ipê Fibras. Ele diz que não sabia que os **pedalinhos eram para o Lula** [...] (Redação O Antagonista, 2016ddc, grifo nosso).

PREFEITURA ASFALTOU ESTRADA **PARA SÍTIO DE LULA**: Em dezembro de 2011, pouco depois da instalação da antena da Oi, a Prefeitura de Atibaia iniciou uma série de obras de infraestrutura no bairro do Portão, onde está localizado o sítio Santa Bárbara. A estrada do Clube da Montanha, que dá acesso **ao sítio de Lula**, ganhou asfalto novo. Foi concluída a reconstrução de três pontes e realizadas obras de drenagem. As informações foram veiculadas pela assessoria de imprensa da própria Prefeitura em sua página oficial e remetidas a O Antagonista por um leitor. No texto, o secretário de Infraestrutura, Rafael Dentinho, explicou que a recuperação da estrada do Clube da Montanha era uma antiga reivindicação dos moradores. **Reivindicação que, pelo visto, só foi atendida depois que Lula chegou.** Com o patrocínio dos brasileiros (Redação O Antagonista, 2016ee, grifo nosso).

A Classe 12 (5,6%) representa os protestos e mobilizações populares, além de eventos marcantes como as Olimpíadas ao mobilizar palavras como “manifestar”, “protesto”, “rua”, “movimento” e “Olimpíada”. Desse modo, a mobilização popular pró-PT e anti-PT é retratada como um reflexo da crise política brasileira, como em: **“Manifestantes pacíficos com coquetéis molotov: As falanges petistas foram à Avenida Paulista preparadas para a batalha. Durante o quebra-quebra, segundo o G1, mascarados jogaram coquetéis molotov em direção aos PMs [...]”** (Redação O Antagonista, 2016ff, grifo nosso) e

Lula ladrão: Estadão informa que, neste momento, parlamentares de oposição também se reúnem no Salão Verde para **rebater a manifestação dos militantes de esquerda**. A massa de manobra da ORCRIM grita “A verdade é dura, a OAB apoiou a ditadura”. **Os manifestantes favoráveis ao impeachment respondem Lula ladrão. O Antagonista se une ao coro** (Redação O Antagonista, 2016gg, grifo nosso).

Por fim, a Classe 13 (7,2%) mira no cenário eleitoral, com destaque para os partidos e líderes que despontaram em meio à crise, como “João Doria” e “Geraldo Alckmin”. Aqui, há uma tentativa de evidenciar a reorganização do cenário político (Câmara dos Deputados, eleições governamentais) e as possibilidades eleitorais futuras para a presidência, em 2018, como em:

CENTRÃO VAI SE UNIR: O Antagonista apurou que, neste momento, líderes do chamado Centrão estão negociando para se unirem em torno de um candidato. [...] Com o PSDB – que tem 50 deputados – apoiando Rodrigo Maia, **a ideia do Centrão é unir todas as forças em torno de um candidato para encarar o democrata no segundo turno.** O maior medo do Centrão, agora, é ver uma disputa, em segundo turno, entre Rodrigo Maia e Marcelo Castro (Redação O Antagonista, 2016hh, grifo nosso).

Depois de muita resistência em embarcar na campanha do candidato de Geraldo Alckmin em SP, três dos principais caciques do PSDB decidiram gravar para o programa de TV de João Doria. **Com o crescimento do empresário na disputa, o trio – formado por Fernando Henrique Cardoso, Aécio Neves e José Aníbal – adotou o discurso da unificação.** Havia o risco de o grupo se ver alheio a uma candidatura viável na maior cidade do país e acabar fortalecendo demais o

governador. **Tradução todas as restrições éticas a João Doria existiam apenas para o caso de ele se mostrar inviolável** (Redação O Antagonista, 2016ii, grifo nosso).

Diante disso, o dendrograma de 2016 reflete um ano marcado pelo aprofundamento das investigações da Lava Jato, o *impeachment* de Dilma Rousseff e a reconfiguração política que culminou na ascensão de Michel Temer. As 13 classes evidenciam narrativas que vão desde o combate à corrupção até a crise institucional e os rearranjos no sistema político com tom denunciativo e opositor ao governo petista no âmbito federal, reforçando o lavajatismo e anti-petismo do jornal.

5.2.3 2017

Em 2016, O Antagonista publicou 22.225 matérias na seção “Brasil”, número que cresceu para 27.475 em 2017. Essa expansão nas publicações reflete o aumento da cobertura de temas políticos no terceiro ano do jornal, enquadrado pós-*impeachment* de Dilma Rousseff e dos desdobramentos políticos subsequentes, além de ser um ano antes à eleição presidencial.

O processamento do *corpus* textual no IraMuTeQ rendeu o seguinte resultado:

Figura 17 – Descrição do processamento dos dados (2017)

Number of texts	27475
Number of text segments	61234
occurrences	1921898
Number of forms	57610
Número de hapax	24023 - 41.70 % des formes - 1.25 % des occurrences

Fonte: Elaborado pela própria autora (2025)

Nesse sentido, foram realizados os testes da CHD para 10, 20 e 30 classes, atingindo os seguintes índices: 86,61%, 91,70% e 90,05%, respectivamente. Dessa forma, o melhor aproveitamento dos dados, isto é, os segmentos foram melhor classificados, com a configuração de 20 classes máximas.

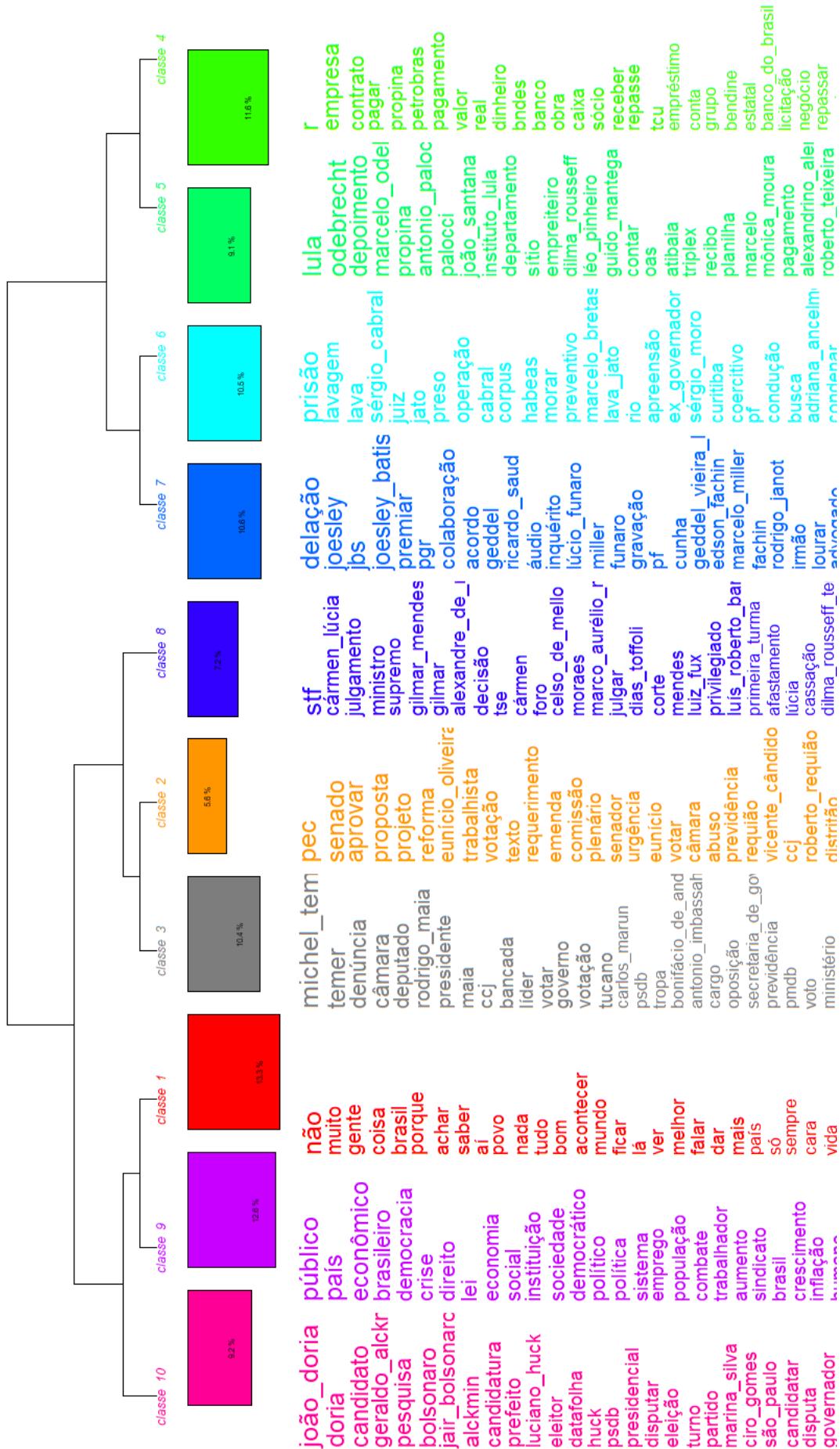
Figura 18 – Descrição do processamento dos dados na CHD (2017)

Number of texts: 27475
Number of text segments: 61234
Number of forms: 57610
Number of occurrences: 1921898
Número de lemas: 37159
Number of active forms: 35782
Número de formas suplementares: 1350
Número de formas ativas com a frequência ≥ 46 : 2923
Média das formas por segmento: 31.386125
Number of clusters: 10
56152 segments classified on 61234 (91.70%)

Fonte: Elaborado pela própria autora (2025)

Diante disso, chegamos à seguinte configuração:

Figura 19 – Cluster do corpus 2017 gerado pelo IRaMuTeQ



Fonte: Elaborado pela própria autora (2025)

Ao analisar o dendrograma, percebemos que foram elaboradas 10 classes. Sendo a Classe 1 (13,3%) composta, majoritariamente, por temas que refletem o descontentamento generalizado da população – conforme O Antagonista –, com foco em críticas ao governo e à situação do país. A narrativa enfatiza o sentimento de frustração e alienação popular, com tom subjetivo e emocional, como em:

O feminismo como doença infantil do lulismo: As feministas estão batendo em Michel Temer porque, ontem, ele destacou o papel da mulher nos afazeres domésticos. São as mesmas feministas que ficaram caladas quando Lula as chamou de mulheres de grelo duro um ano atrás. **O feminismo, no Brasil, é uma doença infantil do lulismo** (Redação O Antagonista, 2017l, grifo nosso).

[...] A crise ética, que é imensa, e o colapso das contas públicas, que tão cedo não será superado, exigem a votação pronta de uma pauta de reformas a custo encetadas e ainda carentes de complementação. **O país segue com seus desafios, que vão além do triste quadro da fisiologia e da corrupção** (Redação O Antagonista, 2017m, grifo nosso).

O tema da Classe 2 (5,6%) são os debates e aprovações legislativas de variadas naturezas, com destaque para reformas trabalhistas e outras medidas econômicas. Isso é percebido em termos como “PEC”, “senado”, “aprovar”, “proposta”, “reforma” e “urgência”. A dinâmica legislativa e processos decisórios são o foco, buscando retratar as ações do Senado como centrais para mudanças estruturais, como em:

Eles querem o meio foro: PMDB, PSDB e PT, como temos dito, estão negociando mudanças na PEC do fim do foro privilegiado, que voltará a ser discutida na Comissão de Constituição e Justiça do Senado. **A ideia dos líderes dos três partidos é aprovar a proposta para dar uma satisfação à opinião pública, mas do jeito deles** (O Antagonista, 2017n, grifo nosso).

Depois de anunciar que servidores estaduais e municipais ficarão fora da reforma da Previdência, a proposta do governo deve acomodar novas mudanças, informa a Folha. Líderes de partidos afirmaram ao jornal que uma das principais alterações deve ser a flexibilização ou até a retirada de regras que pretendiam endurecer a obtenção de aposentadoria rural. **É o fim da reforma da Previdência** (Redação O Antagonista, 2017o, grifo nosso).

Michel Temer como presidente em meio a denúncias e negociações parlamentares são os assuntos da Classe 3 (10,4%). A narrativa destaca a habilidade de articulação política de Temer e os desafios enfrentados para manter apoio parlamentar (“Michel Temer”, “denúncia”, “câmara”, “Rodrigo Maia”, “presidente” e “líder”). Algumas das notícias enquadradas nessa classe, são:

O governo já perdeu: Alessandro Molon também teve mais uns minutos para falar na CCJ da Câmara. **Pediu para que os colegas votem pelo recebimento da denúncia contra Michel Temer** Não há outra saída. Para o deputado da Rede, o governo já perdeu por ter sido obrigado a trocar integrantes da comissão para garantir resultado favorável (Redação O Antagonista, 2017p, grifo nosso).

Temer salva Lula: **Michel Temer se livrou da segunda denúncia de Rodrigo Janot. Agora ele vai passar o resto do mandato tentando se livrar de Sergio Moro**, seu juiz natural a partir de 1 de janeiro de 2019. **Lula é o maior interessado nisso.** Qualquer medida que salve Michel Temer deve salvar também o condenado (Redação O Antagonista, 2017q, grifo nosso).

A Classe 4 (11,6%) aborda escândalos de corrupção envolvendo empresas e contratos públicos, especialmente relacionados à Petrobras (“empresa”, “contrato”, “pagar”, “Petrobras”, “valor”, “dinheiro”, “empréstimo” e “repassar”). Os textos focam nos fluxos financeiros e nas relações entre empresas e o setor estatal, com destaque para os valores desviados, tais como:

A Petrobras ainda sangra: **As ações da Petrobras começam a alçar voo, mas a estatal ainda contabiliza os prejuízos da era petista.** Segundo o Estadão, a empresa acumula perdas de R\$ 2 bilhões com obras que tiveram de ser paralisadas por causa da **crise de caixa ou devido aos novos rumos impostos pelo governo Temer** para tirar a companhia da liderança do ranking das petroleiras mais endividadadas do mundo (Redação O Antagonista, 2017r, grifo nosso).

Lula sabia de tudo – e interveio para manter. O comandante máximo liberou recursos para quatro obras da Petrobras com preços muito acima dos inicialmente orçados, mesmo após alerta oficial do TCU em 2009. Dessas quatro obras, segundo Globo, três foram flagradas na Lava Jato. [...] Mais uma para a lista da Lava Jato (Redação O Antagonista, 2017s, grifo nosso).

Seguindo a mesma direção, a Classe 5 (9,1%) está centrada nas acusações e investigações relacionadas ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com destaque para os depoimentos de figuras como Marcelo Odebrecht e Antonio Palocci. Termos como “propina”, “sítio” e “departamento” sugerem associações com casos de corrupção envolvendo empresas como a Odebrecht, contratos empresariais e benefícios pessoais, como o caso do sítio de Atibaia.

Desse modo, a classe apresenta uma narrativa que conecta Lula às práticas de corrupção desvendadas durante a Operação Lava Jato, especialmente por meio de delações e depoimentos de empresários e políticos. O foco está em reforçar a imagem de Lula como figura central das investigações, associando-o a um esquema de corrupção sistêmica envolvendo empreiteiras e repasses financeiros ilícitos, tais como:

Lula foi eleito com os dólares de Muamar Kadafi. A partir de 2007, segundo Antonio Palocci, ele passou a favorecer os negócios das empreiteiras do petróleo na Líbia. Em seus anexos, diz a Veja, Antonio Palocci contou que o dinheiro que **a Odebrecht acabou repassando a Lula era, em parte, uma retribuição à ajuda do ex-presidente** para abrir o mercado líbio à empreiteira. **Lula era o Amigo do departamento de propinas da Odebrecht.** Ele era também amigo e irmão de Muamar Kadafi, como ele próprio definiu. Amigo do meu amigo, meu amigo é (Redação O Antagonista, 2017t, grifo nosso).

Propina ou agrado? A Odebrecht disse que não pagou propina no estádio do Corinthians e que a obra de 1,2 bilhão de reais **foi apenas um agrado a Lula.** A Odebrecht disse também que repassou 2,5 milhões de reais em dinheiro vivo para o caixa dois de Andrés Sanchez, ex-presidente do Corinthians. Outro delator da empreiteira admitiu ter bancado a empresa de Luleco, **a pedido de Lula.** O mesmo Luleco foi contratado pelo Corinthians durante as obras do estádio. Para a PGR isso é propina ou agrado? (Redação O Antagonista, 2017u, grifo nosso).

Na Classe 6 (10,5%), são abordadas as ações da Operação Lava Jato e suas consequências legais, incluindo prisões e julgamentos (“prisão”, “lavagem”, “Lava Jato”, “juiz”, “Sérgio Cabral”, “preso” e “operação”). Busca-se, aqui, legitimar a atuação do sistema judicial, destacando os rumos das investigações e prisões de figuras públicas como avanços no combate à corrupção. Alguns exemplos, são:

Pelo andar da ação penal que investiga Lula e Luleco por tráfico de influência, organização criminosa e lavagem de dinheiro na compra de caças da FAB e na aprovação de MPs do setor automotivo, **o ex-presidente e seu filho serão sentenciados ainda este ano.** Assim como no caso do sítio de Atibaia, **as provas contra o petista na Zelotes são robustas** (Redação O Antagonista, 2017v, grifo nosso).

A força tarefa da Lava Jato no Rio de Janeiro, responsável pela Operação Eficiência, diz que a organização criminosa comandada por **Sérgio Cabral** foi extremamente bem sucedida em seus objetivos, amealhou imensa fortuna distribuída a seus membros. A remessa de valores para o exterior foi contínua entre 2002 e 2007, quando Cabral acumulou US\$ 6 milhões. Mas esse alto valor em nada se compararia às surreais quantias amealhadas durante a gestão do governo do Estado do Rio de Janeiro, quando ele acumulou mais de **US\$ 100 milhões em propinas, distribuídas em diversas contas em paraísos fiscais no exterior**, detalham os procuradores (Redação O Antagonista, 2017w, grifo nosso).

A Classe 7 (10,6%) explora delações premiadas, especialmente as relacionadas ao grupo JBS, e os impactos dessas revelações mobilizando termos como “delação”, “Joesley”, “JBS”, “premiar”, “PGR” e “acordo”. O uso de gravações e colaborações é destacado como evidência de esquemas de corrupção, dos quais Lula, Dilma e o PT faziam parte, de acordo com a notícia. Essa noção é apresentada em trechos como:

Este período de mais de três anos de Lava Jato tende a se dividir em antes e depois da delação de Joesley Batista. Ao denunciar o próprio presidente Michel Temer, o sócio controlador do grupo JBS, junto com o irmão Wesley, deixou em segundo plano as delações da Odebrecht, de seus executivos e dos acionistas Marcelo e o pai Emílio. **Toda esta investigação histórica transita no campo instável da política, com o envolvimento dos principais partidos – PMDB, PT, PSDB, PP e outros de menor envergadura.** Os testemunhos, os processos, as denúncias viram munição na luta partidária e servem para inspirar as teorias mais conspiratórias. Se essas teorias já não fossem uma característica da própria política, em um ambiente como o atual no país as especulações não têm limite. Inevitável, também, que surjam análises interessadas, como a de que o fato de Lula ser personagem aparentemente menor nos relatos de Joesley deporia em favor do ex-presidente. Esta visão leva à outra, de que o empresário estaria protegendo **Lula, em troca da ajuda que recebeu no governo dele e no de Dilma Rousseff para constituir o JBS.** Enquanto isso, aliados de Temer veem os Batista como instrumento da Procuradoria Geral da República para incriminar o presidente. O certo é que não existe um Fla-Flu da corrupção, para se saber quem foi mais corrupto. Não haverá um campeão. se Encontram aí as delações tenebrosas de Léo Pinheiro, da OAS, e as da Odebrecht sobre Lula e companheiros. Nos autos desfilam triplex, sítio, ciclo de palestras idealizado para remunerar o ex-presidente, ajuda a parentes e por aí vai. O próprio crescimento estonteante do JBS à base de dinheiro público e acesso privilegiado ao BNDES, cujas **portas lhe foram abertas nos governos Lula e Dilma Rousseff, é evidência de relações nem um pouco republicanas com lulopetistas [...]** Pelos acordos de troca de informações existentes, não será difícil rastrear esse dinheiro. Em entrevista à Época, **o empresário relata ter tratado de propina para o petista mineiro Fernando Pimentel com Dilma Rousseff,** no Planalto (Redação O Antagonista, 2017x, grifo nosso).

Os julgamentos e decisões do Supremo, com ênfase em debates sobre foro privilegiado e outras questões políticas, estão presentes na Classe 8 (7,2%) – “STF”, “julgamento”, “decisão”, “ministros” e “foro”. Nessa classe, há um esforço em mostrar a atuação do STF na mediação de conflitos políticos. Isso é observado em notícias como:

O possível placar de Lula no STF: No STF, **quais ministros votariam a favor ou contra a candidatura do condenado Lula ao Planalto?** O último cenário apresentado a bancos brasileiros é o seguinte A favor da candidatura do condenado Lula: Ricardo Lewandowski, Dias Toffoli, Marco Aurélio Mello, Celso de Mello e Rosa Weber. Contra a candidatura do condenado Lula: Gilmar Mendes, Luiz Fux, Luís Roberto Barroso, Luiz Edson Fachin, Alexandre de Moraes e Cármen Lúcia (Redação O Antagonista, 2017y).

Na Classe 9 (12,6%) são incluídas a crise econômica e seus reflexos na democracia e nos direitos sociais. Palavras como “público”, “país”, “econômico”, “brasileiro”, “democracia”, “crise”, “economia”, “trabalhador” e “inflação”. O foco está na interconexão entre instabilidade econômica e fragilidade institucional.

A Folha disse que Jair Bolsonaro adotou o discurso liberal para agradar os investidores. Na verdade, **ele defendeu as únicas medidas que podem tirar o Brasil do buraco. [...] Hoje em dia, ao privatizar, você diminui muito a questão da corrupção.** Em sua conversa com a Folha, Jair Bolsonaro defendeu também a **independência do Banco Central e o fim dos subsídios à indústria nacional, ressaltando posições que denotam alinhamento com as visões da ortodoxia econômica livre mercado, controle fiscal e menor intervenção estatal** (Redação O Antagonista, 2017z, grifo nosso).

Finalmente, a Classe 10 (9,2%) reflete o cenário eleitoral e as movimentações de possíveis candidatos, incluindo figuras emergentes como Bolsonaro, sem desconsiderar a candidatura de Lula (“João Doria”, “candidato”, “Geraldo Alckmin”, “PSDB”, “eleitor”, “Luciano Huck”, “Bolsonaro” e “candidatura”). Aqui são destacados o reposicionamento político, as disputas internas em partidos como PSDB e, especialmente, o embate Lula X Bolsonaro, tais como:

[...] **Lula é o sobrevivente populista de uma esquerda que dirige a Velha Política desde a redemocratização. Bolsonaro é o fenômeno eleitoral de uma direita que defende a lei e a ordem, valores de uma classe média indignada com a corrupção na política, a estagnação na economia e a falta de segurança nas ruas.** Ao centro, a cada bofetada na face de uma já enfurecida opinião pública, desabam as chances dos candidatos do establishment (Redação O Antagonista, 2017aa, grifo nosso).

Nesse sentido, é possível verificar que Bolsonaro aparece no O Antagonista – de forma mais enérgica –, a partir de 2017. Em 2018, no entanto, a simpatia do jornal pelo presidenciável não foi escondida. Tendo isso, esse dendrograma reflete um momento em que o debate político e econômico se entrelaça com as ações institucionais, delineando as principais narrativas do período pré-eleitoral. As classes destacam desde os processos judiciais até as candidaturas emergentes, evidenciando a complexidade do cenário político e social brasileiro, a partir da visão de um jornal anti-petista: O Antagonista.

5.2.4 2018

Em 2018, O Antagonista veiculou um total de 29.989 matérias na seção “Brasil”, superando amplamente as 9.290 publicações de 2015, as 22.225 de 2016 e ligeiramente as 27.475 de 2017. Esse aumento progressivo evidencia que, no quarto ano de atuação, em meio ao cenário político marcado pelas eleições presidenciais, a prisão do ex-presidente Lula e outros assuntos relevantes, o portal ampliou significativamente sua cobertura sobre temas políticos.

Assim sendo, a análise do *corpus* textual no IraMuTeQ apresentou o seguinte resultado:

Figura 20 – Descrição do processamento dos dados (2018)

Number of texts	29989
Number of text segments	72893
occurrences	2416928
Number of forms	63902
Número de hapax	26959 - 42.19 % des formes - 1.12 % des occurrences

Fonte: Elaborado pela própria autora (2025)

Tendo isso em vista, assim como para os anos anteriores, foram realizados os testes de CHD para 10, 20 e 30 classes, no entanto, pelo volume de notícias, também testamos para 40 classes. Assim, encontramos o seguinte resultado: 77,45% (10), 92,45% (20), 87,45% (30) e 87,02% (40). Portanto, o melhor aproveitamento dos dados se deu com a configuração de 20 classes máximas.

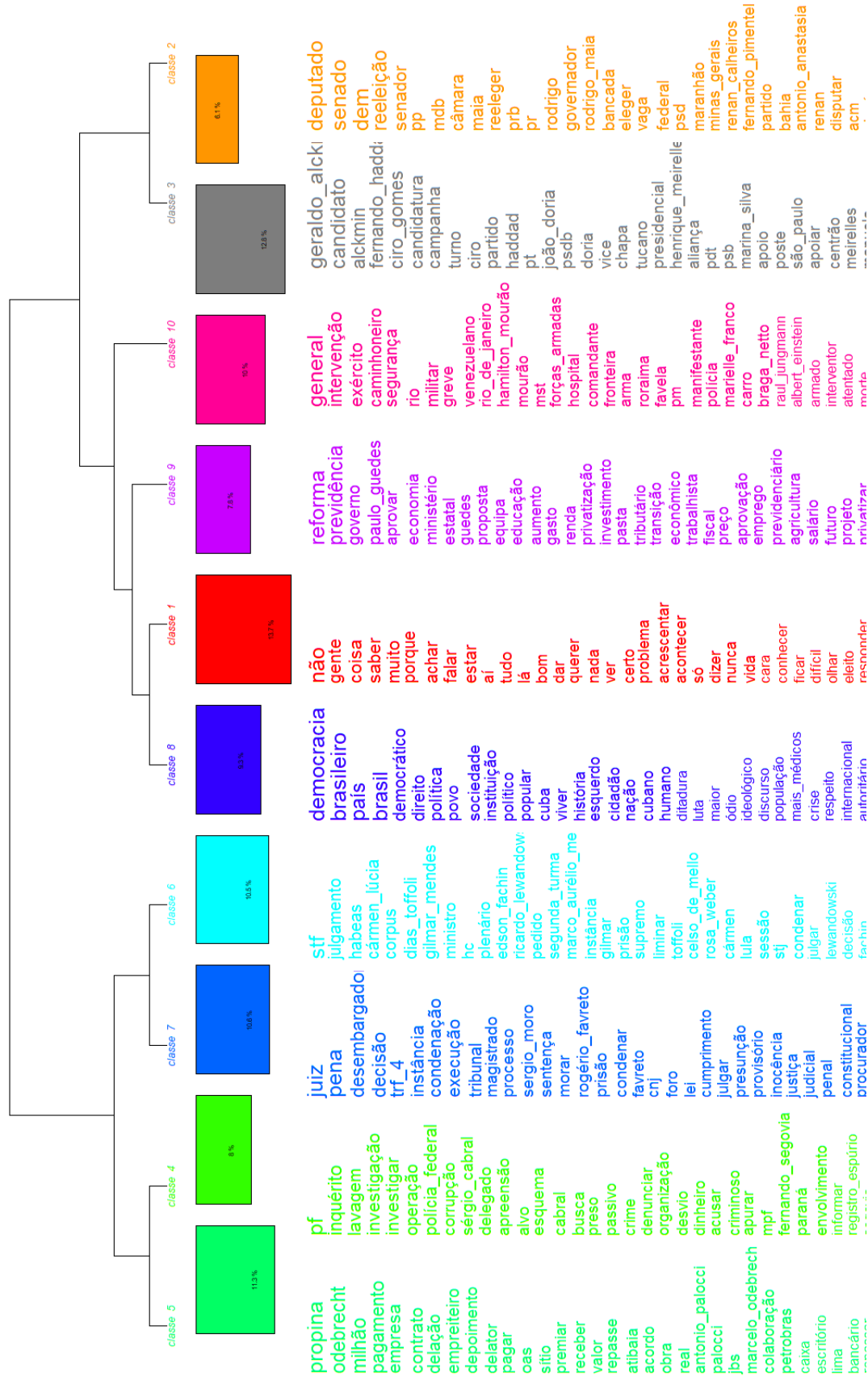
Figura 21 – Descrição do processamento dos dados na CHD (2018)

Number of texts: 29989
 Number of text segments: 72893
 Number of forms: 63902
 Number of occurrences: 2416928
 Número de lemas: 42031
 Number of active forms: 40689
 Número de formas suplementares: 1317
 Número de formas ativas com a frequência ≥ 57 : 2963
 Média das formas por segmento: 33.157203
 Number of clusters: 10
 67392 segments classified on 72893 (92.45%)

Fonte: Elaborado pela própria autora (2025)

Essa formatação, nos forneceu 10 clusters, sendo eles dispostos como na figura a seguir:

Figura 22 – Cluster do corpus 2018 gerado pelo IRaMuTeQ



Fonte: Elaborado pela própria autora (2025)

Diante disso, a Classe 1 (13,7%) reflete opiniões e discursos mais subjetivos, possivelmente de cunho popular ou emocional, sobre a situação política. Termos como “não”, “gente”, “coisa”, “saber”, “muito”, “porque”, “achar”, “falar”, “tudo” e “lá” compõem o grupo. A estratégia é usar uma linguagem acessível e emocional para abordar questões políticas ou sociais, como em: “[...] Mas é um dia triste para a democracia quando a desordem e o desapontamento levam os eleitores à agitação e abrem as portas para **populistas ofensivos, cruéis e truculentos**. O NYT continua fingindo não saber que **Haddad é Lula e Lula é Haddad**” (Redação O Antagonista, 2018m, grifo nosso) e

O que diz a cartinha de Lula? É o mesmo blá-blá-blá de sempre há mais de cinco meses estou preso injustamente, fui condenado pela imprensa, continuo desafiando os procuradores da Lava Jato, o juiz Sergio Moro, o TRF-4 a apresentarem uma única prova contra mim etc. **As provas são abundantes, como o leitor de O Antagonista sabe. O político preso continua mentindo que é um preso político. Nada de novo [...]** (Redação O Antagonista, 2018n).

O PT acha que Lula é elegível porque ele quer: O perfil oficial do Twitter voltou ao flood inundação de posts dizendo que, segundo juristas, Lula pode ser candidato, SIM – assim mesmo, em maiúsculas. **Petistas, não adianta vocês espernearem nas redes sociais em caixa alta. Quem decide é o TSE. Não o PT, nem nenhum outro partido – muito menos no grito** (Redação O Antagonista, 2018o).

A Classe 2 (6,1%) foca no Legislativo, com destaque para eleições e reeleições de deputados e senadores, bem como na atuação de partidos políticos – “deputado”, “senado”, “reeleição”, “PP”, “MDB”, “Câmara” e “Rodrigo Maia”. Notícias englobadas nessa classe exploram o funcionamento do Congresso e as dinâmicas político-partidárias no Brasil. Isso pode ser observado no material a seguir:

A onda que elegeu Jair Bolsonaro presidente, além de adentrar Câmara e Senado, respingou nos governos estaduais. Candidatos do PSL, PSC e Novo, partidos sem expressão no âmbito nacional até então, colaram suas imagens em Bolsonaro e elegeram seis governadores. As duas maiores surpresas vieram do Sudeste no 2º turno Wilson Witzel, no Rio, e Romeu Zema, em Minas. O resultado foi ainda mais surpreendente para Zema, que colocará o Partido Novo, em sua primeira disputa eleitoral, à frente do terceiro estado mais rico do país e também um dos mais endividados. São Paulo continuará sob o comando dos tucanos. Em votação apertada, João Doria derrotou Márcio França e se tornou o novo dono do PSDB. É um tucano estranho no ninho, porque odiado pelos caciques no partido de caciques e declaradamente antipetista _ e bolsonarista de última hora. Já o Rio Grande do Sul seguiu a tradição de não reeleger governadores. José Ivo Sartori, do MDB, perdeu a disputa para o tucano Eduardo Leite, ex-prefeito de Pelotas. No Nordeste, **o PT do presidiário Lula** manteve a hegemonia, elegendo três governadores no 1º turno Rui Costa na Bahia, Camilo Santana no Ceará e Wellington Dias no Piauí e uma governadora no 2º turno Fátima Bezerra no Rio Grande do Norte. No Maranhão, Flávio Dino enterrou o clã Sarney e garantiu sua reeleição. **Agora há o clã Dino.** Balanço Bolsonaro terá pelo menos 14 governadores aliados (Redação O Antagonista, 2018p, grifo nosso).

Na Classe 3 (12,8%), os conteúdos abordam as campanhas eleitorais e candidatos, ou seja, a disputa política e partidária (“Geraldo Alckmin”, “Fernando Haddad”, “candidato”, “campanha”, “PSDB”, “Ciro Gomes” e “eleição”³²). O objetivo aqui é apresentar a dinâmica das campanhas eleitorais, com foco nas figuras e partidos concorrentes. No entanto, há uma ampla cobertura contra a candidatura de Lula – até sua recusa pelo TSE. A partir de então, iniciaram-se os ataques contra Haddad e a campanha petista, como em:

Petistas leem carta em que **Lula abençoa Haddad**: Gleisi Hoffmann está, neste momento, em frente à PF em Curitiba lendo **a cartinha em que o presidiário Lula abençoa Fernando Haddad como candidato do PT à Presidência**. A senadora está cercada dos suspeitos de sempre – **além do próprio poste, a vice-poste**, Manuela D’Ávila, Fernando Pimentel, Lindbergh Farias e Dilma Rousseff (Redação O Antagonista, 2018q, grifo nosso).

Por sua vez, a Classe 4 (8%) é composta por matérias centradas no papel das instituições de investigação, como a Polícia Federal, no combate à corrupção. Inclui operações específicas e nomes de envolvidos, como Sérgio Cabral – “PF”, “inquérito”, “lavagem”, “investigação”, “delegado”, “operação”, “corrupção”, “esquema”, “Sérgio Cabral” e “prisão”. Aqui há o reforço da narrativa de combate à corrupção e a atuação institucional, destacando investigações e prisões como símbolos de eficácia, especialmente a de Lula, como em:

O juiz **Sérgio Moro determinou a prisão** de integrantes da cúpula do grupo Mendes Júnior, após condenação em segunda instância. São alvos dos mandados de prisão os executivos Sergio Cunha Mendes, Rogério Cunha Pereira e Alberto Elísio Vilaça Gomes, **condenados por corrupção, lavagem de dinheiro e associação criminosa**. Moro, como de costume, deu 24 horas para eles se apresentarem voluntariamente à Polícia Federal (Redação O Antagonista, 2018r, grifo nosso).

Depois da decisão de ontem no STF, a Polícia Federal intensificou os preparativos para receber **o criminoso Lula** na sua sede em Curitiba, informa Bela Megale em Globo. Já foi definido que o petista, a princípio, não ficará na custódia do prédio, área onde Antonio Palocci e Leo Pinheiro estão presos. O plano da PF, prossegue o jornal, é colocar Lula em uma sala do prédio que será adaptada para recebê-lo isoladamente e dar a ele duas horas diárias para o banho de sol – **diferente dos outros detentos**. Outra distinção é que, pelo menos nos primeiros meses, **Lula não receberá visitas de familiares em conjunto com os outros detentos**, acrescenta Globo. Hoje, quem está na PF em Curitiba vê a família todas as quartas, simultaneamente, em um mesmo espaço. **Lula não se mistura. Nem quando estiver preso** (Redação O Antagonista, 2018s, grifo nosso).

³² “Bolsonaro” aparece mais abaixo na classe.

Já a Classe 5 (11,3%), está vinculada aos escândalos de corrupção e investigações relacionadas à operação Lava Jato. Termos como “propina”, “pagamento” e “Odebrecht” refletem práticas ilícitas envolvendo grandes empresas e políticos. Referências a locais como “sítio” de Atibaia e figuras como “Palocci” reforçam a conexão com casos específicos. Observados em trechos como:

Dilma Rousseff pede propina sem nenhum rodeio: Joesley Batista, em seus novos anexos, repetiu que Dilma Rousseff pediu propina dentro do Palácio do Planalto. O que falta agora é mandá-la para a cadeia. Diz a Veja Dilma Rousseff lhe pediu, dentro do Palácio do Planalto, que fizesse uma doação em 2014 a Pimentel. Como a iniciativa partiu da presidente sem nenhum rodeio, Joesley disse que a ajuda sairia da conta da propina administrada por Mantega no exterior – e que com a doação a Pimentel o saldo ficaria zerado. **Dilma Rousseff deu ok. A JBS liberou 30 milhões de reais** (Redação O Antagonista, 2018t, grifo nosso).

Lula já pode ser condenado mais uma vez. O documento da Lava Jato que atesta a **falsidade ideológica** dos recibos de aluguel da cobertura de São Bernardo praticamente encerra o processo. Agora só falta a perícia da PF sobre as planilhas do departamento de propinas da Odebrecht, em que foram registrados os **repasses clandestinos para a compra do prédio do Instituto Lula e da cobertura em São Bernardo** (Redação O Antagonista, 2018u, grifo nosso).

PF vai periciar e-mails de Marcelo Odebrecht sobre Lula Sergio Moro mandou a PF periciar os e-mails de Marcelo Odebrecht que tratam da **compra do Instituto Lula**. O pedido foi feito pela defesa do criminoso condenado pela Lava Jato. Cristiano Zanin vai se arrepender mais uma vez, porque **a PF vai comprovar a autenticidade dos e-mails de Marcelo Odebrecht e da conta da propina de Lula, na planilha Amigo** (Redação O Antagonista, 2018v, grifo nosso).

O Supremo Tribunal Federal, seus atores, julgamentos e decisões de impacto político e jurídico, especialmente relacionados à candidatura de Lula na eleição presidencial daquele ano e sua prisão, são aglutinados na Classe 6 (10,5%). Palavras como “STF”, “julgamento”, “habeas corpus”, “Cármem Lúcia”, “Gilmar Mendes”, “Fachin”, “decisão” e “sessão”, compõem o grupo. Objetiva-se apresentar o STF como palco central de decisões controversas e de grande repercussão nacional. Em casos como:

A insanidade mais absoluta vai se instaurar na eleição presidencial, se o TSE aceitar o registro da candidatura do condenado Lula, esteja ele aguardando o recurso ao STJ em liberdade ou não, no processo do triplex – recurso que não pode mudar o mérito da sentença que lhe foi aplicada por Sergio Moro e confirmada pelo TRF4. Será uma insanidade porque, com a campanha já iniciada, o STJ deverá analisar o recurso e haverá o trânsito em julgado. Lula, então, deverá ou deveria ser preso. Mas, na condição de candidato, ele deverá apelar ao STF para continuar concorrendo. **O que fará o STF? Permitirá que Lula continue candidato? Dentro ou fora da prisão?** E como deixar que um condenado prossiga na corrida eleitoral, a fim de tentar escapar para o Palácio do Planalto, se o mesmo tribunal impediu um simples réu, Renan Calheiros, ainda sem condenação, de figurar na linha sucessória da Presidência da República? Para não falar das **outras condenações de Lula que deverão ocorrer até o fim deste ano**. E se o STF impedir que Lula seja candidato em meio à campanha eleitoral? A decisão será correta, mas **a eleição ficará turvada pelo discurso petista de golpe – o que deve facilitar a transferência de votos para o poste lulista, viciando o processo democrático**. E se o STF não impedir Lula de ser candidato? Teremos uma **eleição transformada em plebiscito de quem é contra ou a favor de um condenado, o que já é muito ruim para o país**. E se ele vencer? Poderemos ter um criminoso na Presidência da República ou o tribunal vai cassar um presidente eleito? E se cassar, como explicar que se chegou a esse ponto? E se não cassar? Teremos um condenado nomeando o ministro da Justiça, ministros do STF, do STJ e desembargadores federais, o Advogado Geral da União e o Procurador Geral da República. Teremos o Comandante Máximo da roubança na Petrobras nomeando o presidente da estatal saqueada e que é parte acusatória nos processos contra Lula. **A insanidade mais absoluta levará compulsoriamente ao caos institucional**. O PT tem até 15 de agosto para registrar a candidatura do condenado e o TSE tem até 17 de setembro para aceitá-la ou recusá-la. **É preciso que o TSE a recuse e o STF, caso venha a ser provocado pelo PT, cancele essa decisão, se ainda tiver um mínimo de responsabilidade** (Redação O Antagonista, 2018w, grifo nosso).

Em adição, a Classe 7 (10,6%) apresenta o sistema judiciário, com ênfase em decisões judiciais e processos de condenação, incluindo aqueles relacionados a figuras públicas e corrupção (“juiz”, “pena”, “condenação”, “Sérgio Moro”, “tribunal”, “sentença”, “prisão” e “justiça”). Ocorre o destaque do papel do judiciário na punição de crimes e reforçar a ideia de justiça e legalidade, como em:

Lula se danou. Os representantes de juízes e procuradores reagiram hoje aos ataques dele contra o Judiciário. José Robalinho Cavalcanti disse que atacar a Justiça é atacar também a democracia. E mais “Não existe perseguição nenhuma, há um trabalho isento feito pela Polícia Federal, pelo Ministério Público Federal. O Brasil possui judiciário técnico, isento. **O STF, que é atacado em alguns momentos por membros do PT por conta de julgamentos que prejudicaram líderes** aqui e ali, é formado majoritariamente por ministros indicados pelos dois ex-presidentes do PT. Hoje são 7 dos 11 ministros. Isso não faz nenhum sentido”. Roberto Veloso concordou “A lei deve ser respeitada e quem zela pelo cumprimento da lei é o Poder Judiciário. **Ficamos extremamente preocupados quando alguém diz que não vai cumprir uma decisão judicial**. E o ex-presidente Lula ainda terá oportunidade de muitos recursos, então esse tipo de argumento infelizmente não é bem-vindo nem pela magistratura nem pelo Ministério Público”. E Jayme de Oliveira concluiu “É natural que o réu reaja, fique insatisfeito, o que não é normal e extrapola o bom senso é ataque constante orquestrado ao Poder Judiciário e as agressões pessoais ao julgador. **O sistema de Justiça tem de ser respeitado. As pessoas que perdem têm de saber perder. Não dá para ser democrático só ganhando**” (Redação O Antagonista, 2018x, grifo nosso).

Os representantes de juízes e procuradores, reunidos em Brasília, repudiaram a tentativa de tirar Lula da cadeia revendo a norma que permite a prisão de condenados em segundo grau. Roberto Veloso, da Ajufe, disse “Será um retrocesso se o STF reavaliar isso”. Seria uma razão para continuar a impunidade. **O julgamento de poderosos, no Brasil, é algo inédito. Por isso continuamos defendendo o cumprimento da prisão em segunda instância** (O Antagonista, 2018y, grifo nosso).

A Classe 8 (9,3%) aborda discussões mais amplas sobre a democracia brasileira, com foco em questões institucionais, eleições, polarização e na crise política – “democracia”, “Brasil”, “política”, “direito”, “sociedade”, “povo”, “instituição”, “esquerdo”, “crise” e “história”. A intenção é discutir os desafios e as fragilidades da democracia no Brasil, conectando o contexto político ao debate institucional, como em:

Dias Toffoli, em evento da FGV de São Paulo nesta manhã, disse que **a seis meses da campanha eleitoral, não há um projeto nacional sendo discutido no Brasil. Não tem um projeto nacional, da direita ou da esquerda.** Tem pessoas. Infelizmente continuamos tendo pessoas. **A sociedade brasileira é segmentada e não tem ninguém que vem e coloca um interesse nacional.** O ministro disse mais “Hoje está uma tremenda dificuldade de entender quem é quem. Hoje, qual o projeto do PT, do DEM, do PSDB?” (Redação O Antagonista, 2018z, grifo nosso).

A fotografia do presidiário nas urnas: O PT conta com a lerdeza do TSE para manter a fotografia de Lula nas urnas, embora ele seja inelegível. [...] **A democracia brasileira não pode ser sequestrada por um presidiário** (Redação O Antagonista, 2018aa, grifo nosso).

Só pode ter governo de esquerda? Olavo de Carvalho, em entrevista ao Estadão, disse que é perfeitamente natural que, numa democracia, um candidato de direita – como Jair_Bolsonaro – possa ser eleito: **É um governo de direita sem dúvida, mas a mídia inteira está escandalizada por haver um governo de direita. Isso quer dizer que não pode ter um governo de direita? Só pode ter de esquerda?** E eles chamam isso de democracia? Há 20 anos disse o PT não está disposto a suportar o rodízio de partidos no poder. Ele quer ficar para sempre. **E toda a mídia é cúmplice nisso, porque eles não aceitam que haja um governo de direita.** Nos EUA, você tem um governo de direita e pode ter um governo de esquerda. Todos os países decentes do mundo são assim. No Brasil não pode? Só pode ter esquerda? Em duas eleições todos os candidatos eram de esquerda e o Lula celebrou isso como se fosse a perfeição da democracia. Toda a mídia – Estadão, Folha, Globo –, todos eles pensam assim o governo de esquerda é a perfeição da democracia. Agora você sabe por quê? Todas as pesquisas demonstram que 70 por cento a 80 por cento dos brasileiros são cristãos conservadores. Em um País de maioria cristã conservadora você não tem um partido cristão conservador? Um jornal cristão conservador? Uma universidade cristã conservadora? Uma estação de TV? Uma estação de rádio? Nada. **A maioria dos País está excluída de representação política e os caras consideram que isso é a perfeição da democracia. Estão brincando comigo? O Bolsonaro é a representação da vontade popular e tem que ser respeitada, o pessoal da mídia tem que calar a boca e aceitar a realidade das coisas, aceitar que o rodízio do poder é a essência da democracia. Eles não entendem isso, acham que democracia é o governo deles** (Redação O Antagonista, 2018bb, grifo nosso).

Na Classe 9 (7,8%) são mobilizadas as políticas econômicas, com foco em reformas, como a da Previdência, e no papel do governo em temas econômicos e sociais – “reforma”, “previdência”, “Paulo Guedes”, “economia”, “gasto”, “educação”, “privatização”, “trabalhista” e “salário”. O foco é apresentar as reformas e políticas públicas, destacando seus impactos na sociedade, em especial, com a vitória de Jair Bolsonaro ao pleito presidencial, como em:

O HSBC, o maior banco da Europa, quer voltar a investir no Brasil. Segundo o Financial Times, o plano coincide com a eleição à presidência do político de extrema direita Jair Bolsonaro. **O capitão reformado seduziu o mercado financeiro e os investidores internacionais com a promessa de reformas econômicas liberais, com o corte de gastos, e a reforma previdenciária. O mundo está pronto para inundar o Brasil de dinheiro. Basta cumprir as promessas** (Redação O Antagonista, 2018cc, grifo nosso).

A equipe do economista Paulo Guedes tem mantido contato com a Secretaria de Coordenação e Governança das Empresas Estatais. Segundo o Estadão, a Sest já vai deixar prontos estudos para **a venda ou privatização de estatais e um plano de médio prazo para que algumas deixem de ser dependentes da União** (Redação O Antagonista, 2018dd, grifo nosso).

Em entrevista ao jornalista Lou Dobbs, da Fox News, Eduardo Bolsonaro destacou as escolhas de Sergio Moro como ministro da Justiça e de Paulo Guedes para a área econômica. O deputado disse ainda que **o Brasil se prepara para passar por uma série de privatizações e reformas. Estamos muito otimistas porque o Brasil está mudando de uma gestão extremamente socialista para uma economia muito mais liberal. O que eu vim fazer aqui nos Estados Unidos é dar os primeiros passos para o resgate da nossa credibilidade e mandar uma mensagem clara de que nunca mais seremos um país socialista** (Redação O Antagonista, 2018ee, grifo nosso).

Por fim, a última, a Classe 10 (10%), discute questões de segurança pública e o papel das forças armadas, incluindo temas como intervenção militar, greves e a entrada de refugiados venezuelanos no Brasil (“general”, “intervenção”, “exército”, “segurança”, “greve”, “Rio de Janeiro”, “Venezuela” e “forças armadas”. O enfoque é a segurança nacional, com menções a intervenções e ao uso das forças armadas, como em:

A Frente Nacional de Prefeitos entregará a presidentiáveis uma carta em que pede que **o governo federal assuma a coordenação de um Sistema Integrado de Segurança Pública**, publica o Painel da Folha. **Os prefeitos pedem ajuda no combate ao crime organizado e ao tráfico de drogas. E querem a criação de um fundo nacional de segurança** (Redação O Antagonista, 2018ff, grifo nosso).

Quem continua incentivando a greve ou está mal informado ou é irresponsável, diz deputado O deputado tucano Rogério Marinho, que foi o relator da reforma trabalhista, atacou no Twitter quem insiste na greve dos caminhoneiros. **Quem continua incentivando a greve ou está mal informado ou é irresponsável. Relatos de sequestros de caminhões por milícias armadas, clamor por intervenção militar, ameaças contra quem quer voltar a trabalhar. Pauta legítima já atendida foi apropriada por oportunistas e aventureiros.** Ele acrescentou que insistir na continuidade da greve é querer o caos para vicejar na desordem (Redação O Antagonista, 2018gg, grifo nosso).

É absurda a ideia de fechar a fronteira de Roraima com a Venezuela. Inclusive porque o país vizinho chegou à beira do abismo empurrado também pelo condenado Lula e o seu partido de aloprados. **Por causa do lulopetismo, o Brasil tem uma dívida com os venezuelanos que buscam escapar da ditadura de Nicolás Maduro.** Seja com aqueles que se refugiaram em Miami, seja com os que veem Roraima como o melhor dos mundos possíveis (Redação O Antagonista, 2018hh, grifo nosso).

Frente a isso, o dendrograma apresentado reflete uma estrutura discursiva bem delimitada, com classes que abordam temas centrais da política e da sociedade brasileira no contexto analisado. A partir da separação das classes, é possível notar que os discursos estão organizados em torno de eixos temáticos que dialogam com questões de grande relevância política, econômica e institucional, tais como: corrupção, sistema judiciário, reformas econômicas, segurança pública e disputas eleitorais.

Classes como a 5 e a 6 destacam o foco em controvérsias políticas e judiciais, por outro lado, as Classes 8 e 1, trazem aspectos mais amplos e subjetivos, sugerindo uma conexão entre o macro (instituições) e o micro (percepções populares).

Figuras políticas como Fernando Haddad, Lula, Temer, Geraldo Alckmin e Paulo Guedes aparecem como símbolos de narrativas específicas, no contexto da eleição presidencial de 2018. Da mesma forma, instituições como o STF e a Polícia Federal são constantemente mencionadas, mostrando sua relevância no período analisado.

Os temas econômicos (reformas, previdência, privatização) e judiciais (Lava Jato, condenações, decisões do STF) se destacam como pilares do discurso analisado. Isso reflete a centralidade dessas questões no debate público contemporâneo. Em resumo, as classes revelam diferentes estratégias discursivas, como o foco em escândalos (Classe 5), a exaltação do combate à corrupção (Classe 4), ou a defesa de reformas econômicas (Classe 9). Isso indica a disputa por narrativas em temas sensíveis à opinião pública.

Esse movimento torna-se ainda mais significativo quando se observa que, em 2018, um ano de eleição polarizada, O Antagonista passa a se posicionar abertamente a favor de Jair Bolsonaro. Ou seja, após três anos de cobertura intensamente antipetista e centrada na Operação Lava Jato, o site não apenas mantém sua retórica crítica ao PT, mas também direciona seu discurso para legitimar a candidatura de Bolsonaro como a alternativa viável contra o partido. Tal desdobramento sugere que, mais do que uma adesão automática a uma agenda conservadora, o veículo seguiu uma estratégia discursiva na qual o antipetismo operou como um catalisador fundamental para a consolidação da Nova Direita no Brasil.

Ao assumir esse novo direcionamento em 2018, O Antagonista evidencia como o antipetismo serviu como um eixo estruturante da reconfiguração política do país, funcionando como um elemento aglutinador capaz de unir diferentes setores em torno da candidatura bolsonarista. Ou seja, essa mídia refletiu e reforçou perspectivas alinhadas ao campo conservador de forma muito aproximada do que estudos sobre a Grande Imprensa constataram. Esse reposicionamento não apenas ilustra a flexibilidade do jornalismo alternativo na definição de suas pautas prioritárias, mas também levanta questões sobre o papel desse tipo de imprensa na legitimação de novos atores políticos e na construção de consensos que foram determinantes para o avanço da Direita brasileira.

6 CONCLUSÃO

Com o intuito de preencher uma lacuna investigativa, esta dissertação examinou como a agenda conservadora foi configurada no jornalismo alternativo brasileiro no período entre 2015 e 2018, explorando a atuação do veículo O Antagonista, para responder à pergunta: “em que medida o avanço do jornalismo alternativo de O Antagonista foi sendo alinhado com as pautas do conservadorismo e, conseqüentemente, em que medida esse jornalismo poderia ser classificado como alternativo”.

Nesse contexto, nossa hipótese de pesquisa de que o jornalismo alternativo, tradicionalmente associado a grupos minoritários e à contestação do alinhamento liberal-conservador da mídia hegemônica – amplamente retratado pela literatura especializada em Comunicação Política –, passou, nos últimos anos, a ser utilizado também como espaço para a disseminação de pautas de Direita, se confirmou parcialmente.

Isto é, sendo o jornal analisado uma opção independente/alternativa à Grande Imprensa, ao verificar os conteúdos veiculados nos quatro anos inaugurais do canal, concluímos que o debate contemporâneo sobre o crescimento da imprensa alternativa concomitante com o aumento de veículos mais “à Direita” e conservadora, se atesta. Ou seja, com o advento da internet, se desdobrou a criação de uma imprensa alternativa que não legitimou a pluralidade dos discursos distante do viés liberal-conservador da imprensa *mainstream*, mas seguiu a mesma linha, o que contradiz sua classificação como jornal alternativo considerando a conceituação histórica do termo.

Chama a atenção que estes jornais, autointitulados como “independentes/alternativos” e alinhados também a uma agenda liberal-conservadora, possui mais liberdade para veicular informações com forte teor opinativo, o que não se permite que a grande mídia o faça frente aos parâmetros jornalísticos profissionais.

Essa diferença contribuiu possivelmente para a virada daquilo que a pesquisadora alemã Elisabeth Noelle-Neumann, definiu como “Espiral do Silêncio”³³, quando a Direita saiu verdadeiramente do armário (Quadros; Madeira, 2018). Diante disso, surge o que Alves (2023) classifica como jornalismo hiperpartidarizado, isto é, um jornalismo caracterizado por um forte viés ideológico, ativismo midiático e segregação informacional. Em suma, esses

³³ A teoria política e de comunicação, proposta pela alemã em 1977, se concentra na expressão da opinião. A premissa central é que as pessoas muitas vezes evitam expressar seus verdadeiros pensamentos quando estes entram em conflito com a opinião predominante, devido ao receio de serem isoladas, criticadas ou ridicularizadas. Em contrapartida, em momentos em que essas opiniões são favorecidas, a expressão delas ganha força e tende a silenciar os pensamentos divergentes.

canais apresentam uma clara orientação ideológica, promovem uma agenda específica e apresentam notícias e informações que reforçam um determinado ponto de vista, como no caso investigado, o conservadorismo.

Em vez de um conservadorismo tradicionalista, ligado a valores morais e religiosos, o que encontramos é um conservadorismo mais pragmático e moralista, centrado na corrupção como eixo de julgamento da política (Azevedo, 2017). Isso ajuda a entender por que o jornalismo alternativo analisado não reforça necessariamente os temas típicos da Nova Direita global, mas ainda assim se alinha a um antipetismo sistemático.

Essa distinção nos permite argumentar que veículos como O Antagonista não foram necessariamente inovadores na promoção do conservadorismo contemporâneo, mas sim amplificadores de um discurso já consolidado na Grande Imprensa. Ou seja, eles operaram como correias de transmissão de enquadramentos que a mídia tradicional já vinha promovendo, especialmente a partir da campanha de 2014.

Frente a esse panorama, identificamos que no contexto sócio-político brasileiro, houve a atuação de O Antagonista, a fim “exalar” o antipetismo e lavajatismo (2015-2017) para, posteriormente, em 2018, apoiar a candidatura de Jair Bolsonaro à Presidência da República. A partir dos conteúdos publicados pelo jornal, na seção “Brasil”, entre 2015 e 2018, é possível concluir que o canal apresenta um posicionamento editorial claramente crítico ao governo de Esquerda, especialmente ao Partido dos Trabalhadores (PT) e às lideranças associadas a esse grupo político, enquanto simpatiza com candidatos à Direita.

Esse posicionamento é corroborado pela ampla cobertura jornalística, durante o governo de Dilma Rousseff, das denúncias de corrupção, má gestão e fragilidade política, retratando o *impeachment* como uma consequência inevitável de sua – nos termos do jornal – incapacidade de governar. Além disso, o canal enalteceu a Operação Lava Jato como um marco no combate à corrupção, valorizando as delações premiadas e a atuação de figuras como Sergio Moro (o “herói”), enquanto criticava duramente qualquer tentativa do que foi considerado obstrução das investigações. Essa postura reflete um alinhamento antipetista e conservador (Azevedo, 2017), com ênfase no enfrentamento ao que considera os excessos e desvios da administração esquerdista.

A linha editorial de O Antagonista, portanto, adota uma abordagem combativa e opinativa, denunciando frequentemente a lentidão e o alinhamento político de instituições como o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Tribunal de Contas da União (TCU). Ao mesmo tempo, durante o período eleitoral de 2018, criticava Fernando Haddad (nomeando como “poste lulista”) e outros candidatos homônimos. Essa narrativa reforçou a polarização política

ao promover figuras conservadoras como alternativas viáveis, embora mantivesse um tom de cautela em relação a questões como o autoritarismo e possíveis contradições nos discursos de alguns candidatos da Direita.

O jornal também dedica atenção a temas de segurança pública e intervenções militares, apoiando com ênfase o papel das Forças Armadas em momentos de crise social e política. Apesar de algumas críticas pontuais ao governo de Michel Temer, O Antagonista reconheceu avanços em pautas reformistas, como a reforma trabalhista e o teto de gastos. Assim, o veículo consolida sua posição como um espaço de opinião conservadora, antipetista e alinhada às pautas de Direita, reforçando sua influência na construção de uma narrativa polarizadora e combativa no cenário político brasileiro.

Esta pesquisa, embora não confirme uma relação direta entre esses veículos e a promoção do conservadorismo nos moldes da Extrema-Direita, salienta a importância destes jornais na disseminação de enquadramentos que ajudaram a pavimentar o terreno para a rejeição ao PT e o fortalecimento de um campo político que, mais tarde, se alinharia ao bolsonarismo. Isso reforça a ideia de que o conservadorismo midiático pode assumir diferentes facetas e que o antipetismo funcionou como um eixo agregador dessas narrativas.

Nessa direção, a disseminação da agenda conservadora por veículos de comunicação, sejam eles *mainstream* ou alternativos, podem contribuir para a acentuação da polarização política e midiática no Brasil. As grandes emissoras e jornais, ao incorporarem pautas conservadoras em sua cobertura, muitas vezes reforçam discursos e enquadramentos que enfatizam valores tradicionais, críticas ao progressismo e oposição a políticas públicas associadas à Esquerda. Simultaneamente, veículos alternativos emergiram como plataformas que amplificaram essas narrativas, alcançando públicos específicos e se consolidando como atores relevantes na disputa ideológica, como observamos ao longo deste trabalho. Esse movimento intensifica clivagens políticas ao oferecer versões polarizadas sobre temas relevantes, como corrupção, economia e projetos políticos, moldando as percepções do público e aprofundando divisões na sociedade.

Enquanto a mídia tradicional busca manter alguma aparência de imparcialidade, veículos alternativos se mostraram mais dispostos a adotar discursos abertamente militantes, ou seja, um jornalismo hiperpartidarizado (Alves, 2023), atraindo leitores e espectadores alinhados a essas posições – consolidando o modelo jornalístico de nicho. Essa dinâmica amplia o fosso entre grupos políticos opostos, que passam a consumir conteúdos que reforçam suas crenças prévias, reduzindo o espaço para o debate plural e fomentando um ambiente de antagonismo constante. Assim, a convergência de agendas conservadoras nessas duas frentes

de mídia não apenas influencia o cenário político, mas também redefine as bases da comunicação pública, contribuindo para a radicalização do discurso político no país.

Esse cenário criou um ambiente propício para que discursos anti sistêmicos, alinhados a valores tradicionais e fortemente críticos ao progressismo, ganhassem ampla visibilidade e ressonância. A mídia alternativa, engajada na difusão de narrativas conservadoras e na desconstrução de adversários políticos, desempenhou uma função ímpar ao mobilizar segmentos insatisfeitos da sociedade. Paralelamente, a cobertura da Grande Imprensa, ao enfatizar escândalos de corrupção e crises políticas, ampliou a percepção de rejeição ao *establishment* político, favorecendo um candidato que se apresentava como *outsider*. Esse contexto de radicalização e segmentação midiática consolidou Bolsonaro como o principal representante da agenda conservadora, ao mesmo tempo em que deslegitimou seus adversários, contribuindo para sua vitória eleitoral, em 2018.

Desse modo, a presente pesquisa contribuiu para a compreensão do papel do jornalismo alternativo na difusão de enquadramentos políticos conservadores, evidenciando que O Antagonista operou como um reforço das narrativas já consolidadas pela Grande Imprensa, especialmente no que se refere ao antipetismo e à moralização da política. Embora não tenha sido possível estabelecer uma vinculação direta entre esse veículo e a promoção do Conservadorismo nos moldes da Nova Direita, os dados apontam para um ambiente informacional que favoreceu a deslegitimação do PT e, posteriormente, a ascensão de Bolsonaro em 2018. Essa constatação abre caminho para futuras investigações sobre a relação entre mídia alternativa e reconfiguração das Direitas no Brasil, bem como para estudos que explorem a dinâmica entre enquadramentos jornalísticos e comportamento eleitoral. Além disso, permanece como lacuna a necessidade de uma análise comparativa com outros veículos alternativos, a fim de avaliar se essa tendência se reproduz em diferentes contextos e formatos midiáticos.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA PÚBLICA. **O mapa do jornalismo independente**: um projeto da Agência Pública. 2022. Disponível em: <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>. Acesso em: 17 abr. 2024.
- ALBUQUERQUE, A.; DE MAGALHÃES CARVALHO, E.; ALVES, M. S. Júnior. Ciberativismo no Brasil. **Cadernos Adenauer**, v. 16, n. 3, 2015.
- ALBUQUERQUE, A. Um outro “Quarto Poder”: imprensa e compromisso político no Brasil. **Revista Contracampo**, n. 4, 18 nov. 2000.
- ALDÉ, A.; ESCOBAR, J.; CHAGAS, V. A Febre dos blogs de política. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, no. 33, P. 29-40, agosto de 2007.
- ALVES CEPÊDA, V. **A Nova Direita no Brasil**: contexto e matrizes conceituais. Mediações - Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 23, n. 2, p. 40–74, 2018. DOI: 10.5433/2176-6665.2018v23n2p40.
- ALVES, M. **Desarranjo da Visibilidade, Desordem Informacional e Polarização no Brasil entre 2013 e 2018**. 2019. 360f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- ALVES, M. As Flutuações de Longo Prazo da Polarização no Brasil – Análise do Compartilhamento de Informações Políticas Entre 2011 e 2019. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 2, p. 1-45, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/dados.2023.66.2.28>.
- ALVES, M.; SANTOS, L. O. dos. Jornalismo independente em pesquisas da comunicação: um estado da arte. **Revista ALTERJOR**, v. 2, ed. 28, jul.-dez. 2023.
- ALMEIDA, R. A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 50, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8650718>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- ALMEIDA, S. Neoconservadorismo e liberalismo. In: GALLEGO, E. **O ódio como Política**: a reinvenção da direita no Brasil, Boitempo, São Paulo, 2018.
- ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, n. 5, ano 2, São Paulo, p. 30-89, 2013.
- ANDRADA, L. S. Direita, Esquerda, Nova Direita e o Neofascismo Brasileiro. **Revista Estudos Políticos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 25, p 01-22, 2022.
- ARRAIS, C. H. **A mídia nas relações internacionais**: aproximações epistemológicas. 2014. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- ATTON, C. A reassessment of the alternative press. **Media, Culture & Society**, v. 21, n. 1, p. 51-76, 1999.

AZEVEDO, F. A. **A Grande Imprensa e o PT (1989-2014)**. EdUFSCar: São Carlos, 2017.

AZEVEDO, F. A. A imprensa brasileira e o PT: um balanço das coberturas das eleições presidenciais (1989-2006). **ECO-Pós**, v. 12, n.3, p. 48-65, 2009.

AZEVEDO, F. A. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **Opinião Pública**, Campinas, vol. 12, n. 1, p. 88-113, 2006.

BARBOSA, J. R. **Chauvinismo e extrema-direita**: crítica aos herdeiros do sigma. Marília: UNESP, 2015.

BARROCO, M. L. S. Não passarão! Ofensiva, neoconservadorismo e Serviço Social. **Serviço Social & Sociedade**, n. 124, p. 623-636, out.-dez. 2015.

BARROS, D. R. **Direitos Humanos e Conservadorismo contemporâneo**: a agenda dos(as) deputados(as) do Partido Social Liberal Na 56ª Legislatura (2019-2023). 2024. 139f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Ciências Sociais. São Carlos, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/21103/Disserta%20a7%20a3o%20corrigida%20281%29%20283%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 nov

BATISTA, R. C. **Credibilidade no jornalismo independente**: uma análise do ethos discursivo da agência pública. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

BAUMAN, Z. Zygmunt Bauman: “As redes sociais são uma armadilha”. **El País**, 09 de janeiro de 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html. Acesso em: 28 abr. 2024.

BAUMAN, Z. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BECERRA, B. de A. O JORNALISMO COMO ALVO: Weaponization e a terceira onda de Populismo no Brasil. *In*: Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política, 10., 2023, Fortaleza. **Anais Eletrônicos [...]**, Fortaleza, 2023. p. 1-20. Disponível em: http://compolitica.org/novo/wp-content/uploads/2023/05/SICs_Becerra.pdf. Acesso em: 23 out. 2023.

BECERRA, B. de A. **A mão que bate é a mesma que afaga**: Jair Bolsonaro e a imprensa brasileira nas “Lives de Quinta”. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos. 72f. São Carlos. 2024.

BIMBER, B. The internet and political transformation: populism, community, and accelerate pluralism. **Polity**, v. 31, n. 1, p. 133-160, 1998.

BOBBIO, N. **Dicionário de política**. 11 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOBBIO, N. **Direita e Esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. Tradução: Marco Aurélio Nogueira, 1995.

BOULOS, G. Onda Conservadora. **Folha de São Paulo**, 09 de outubro, 2014.

BRASIL. **Pesquisa DataSenado**: Redes Sociais, Notícias Falsas e Privacidade de Dados na Internet. Senado Federal, novembro de 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/ouvidoria/publicacoes-ouvidoria/redes-sociais-noticias-falsas-e-privacidade-de-dados-na-internet>. Acesso em: 13 jan. 2024.

BRÁZ, M. O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 128, p. 85-103, jan./abr. 2017.

BRUZZONE, A. **Ciberpopulismo**: política e democracia no mundo digital. Editora Contexto, 2021.

BRESSER-PEREIRA, L. C. O governo Dilma frente ao “tripé macroeconômico” e a direita liberal e dependente. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, v. 95, P. 05-14, 2013.

BRESSER-PEREIRA, L. C. Social-Democracia e Esquerda no Fim de Século. **Idéias e Debates**, n. 1, 1996.

CALDEIRA NETO, O. A “direita envergonhada” e a fundação do partido de reedificação da ordem nacional. **Historiæ**, Rio Grande, v. 7, n. 2, p. 79-102, 2016.

CALDEIRA NETO, O. O integralismo e as crises da democracia: alguns apontamentos à luz da história recente. **Cadernos do NUPPOME**, ano 3, número 7, abril de 2021.

CALDEIRA NETO, O.; FORTI, S. A extrema direita em perspectiva: espaços, abordagens e alcances. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 49, n. 1, p. 1-3, jan.-dez. 2023.

CALIL, G. Brasil: o negacionismo da pandemia como estratégia de fascistização. **Materialismo Storico**, v. 9, n. 2, 2020.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. **Tutorial para uso do software de análise textual IRaMuTeQ**. Universidade Federal de Santa Catarina. 2013. Disponível em: <http://www.IRaMuTeQ.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>. Acesso em: 10 jan. 2042.

CAMARGO, T. S. **A Nova Direita**: Movimento ou Ideologia - um debate teórico. 2023. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Fronteira do Sul, Erechim, 2023. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/6310/1/CAMARGO.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2024.

CANAVILHAS, J. Jornalismo móvel: possibilidades e desafios. In: CABEZA, L. G.; SÁNCHEZ, J. A. G. **Ciberperiodismo**: Nuevas formas de comunicación en la era digital. Santiago de Compostela: Andavira, 2014. p. 61-77.

CANAVILHAS, J. Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web. In: FIDALGO, A.; SERRA, P. **Jornalismo online**. Universidade Beira Interior, Covilhã, 2003.

CARDOSO, M. R. G.; OLIVEIRA, G. S. de.; GHELLI, K. G. M. Análise de Conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n.43, p.98-111/2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347>. Acesso em: 14 jan. 2024.

CARMELO, L. G. Organização e reorganização das Direitas e do Conservadorismo no Brasil: expansão, diversidade e impacto. **Revista de Ciência Política, Direito e Políticas Públicas - POLITI(K)CON**, v. 6, p. E-00323, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/politikcon/article/view/12018>. Acesso em: 22 nov. 2024.

CARPENTIER, Nico. Contextualising author-audience convergences: 'new' technologies' claims to increased participation, novelty and uniqueness. **Cultural Studies**, London, v. 25, n. 4-5, p. 517-533, July/Sept. 2011.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O Conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, jan./abr., 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/j7936SHkZJkpHGH5ZNYQXnC>. Acesso em: 24 abr. 2024.

CASIMIRO, F. H. C. **A Nova Direita no Brasil**: aparelhos de ação político-ideológica e a atualização das estratégias de dominação burguesa (1980-2014). 2016. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, 2016.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, M. **Redes de Indignação e Esperança**: Movimentos sociais na era da Internet. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, F. Precisamos falar sobre o (neo)conservadorismo no Brasil. **Justificando**, 06 de novembro de 2018. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/59078558/CASTRO_Felipe_Precisamos_falar_sobre_o_neoconservadorismo_no_Brasil_06.11.2018.20190429-66746-f2wgjx-libre.pdf?1556574847=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DPrecisamos_falar_sobre_o_neoconservador.pdf&Expires=1732825046&Signature=MVXVkc1rJMTxmQ~nIxPQRq9gu5VZk1PiLTb4y5LLOaVuUjZoiwtNXyvCRPS0PgNzfZzdZ4XjmqShbqq~Kyvb-0XcfGp0z0EqiQg1zvXz-kRrBPYVma17S--H52-ByW1IUkmDk~-wQsXzhe9PtyMTbrv5zZetcIuzE0i41LLO-F29us6nooxHcLPc-y5uy83cwp5I0jKJ-5oIPeJK-jIESZs3sMGyr-gqmL0zNqw1UXnA0eO~HBe3gpp7yw7rZ1bnkQuoA0nn2ahgg50EQ52IotCx31r5VHvnpeLNRbCg1ExYfQtRDDbyAF5Co2HKbFjIhLiA4w1sItl9BlnXkvnA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 22 nov. 2024.

CASTRO, M.; MAIA, R. **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CHALABY, J. K. **The Invention of Journalism**. London: Macmillan Press Ltd, 1998.

CHARLEAUX, J. P. O que é extrema direita . E por que ela se aplica a Bolsonaro. **Nexo**, 17 de outubro de 2018. Disponível em:

<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2018/10/17/o-que-e-extrema-direita-e-por-que-ela-se-aplica-a-bolsonaro>. Acesso em: 14 maio 2024.

CHAUI, M. A nova classe trabalhadora brasileira e a ascensão do conservadorismo. *In*: JINKINGS, I. *et al.* (org.). **Por Que Gritamos Golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

CHRISTOFOLETTI, R.; GIOVANAZ, D. Tecnología y zonas de tensión ética para periodistas. **Cuadernos de Información**, Facultad de Comunicaciones, Pontificia Universidad Católica de Chile, v. 32, p. 27-38, 2013.

CHRISTOFOLETTI, R. Um ombudsman para os candidatos. **Observatório da imprensa**, 13 de outubro de 2014. Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2014/10/13/comentario-da-semana-um-ombudsman-para-os-candidatos/>. Acesso em: 24 abr. 2024.

CODATO, A.; BOLOGNESI, B.; ROEDER, K. M. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. *In*: VELASCO E CRUZ, S.; KAYSEL, A.; CODAS, G. **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro, 2015, p. 115-143.

COOK, T. E. O jornalismo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 6, p. 203–247, jul. 2011.

COSTA, P. H. A.; MENDES, K. T. Autocracia burguesa e bolsonarismo: um ensaio. **Marx e o Marxismo**, v. 9, n. 16, jan./jun. 2021.

CROUCH, C. **Post Democracy**. Cambridge: Polity Press, 2004.

CUNHA, L. A retórica conservadora no Brasil contemporâneo e a produção de identidades políticas. *In*: Congresso Brasileiro de Sociologia, 17., **Anais Eletrônicos [...]**, Porto Alegre, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281272779_A_retorica_conservadora_no_Brasil_contemporaneo_e_a_producao_de_identidades_politicas. Acesso em: 30 nov. 2024.

DAHL, R. **A democracia e seus críticos**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

DAHL, R. **Poliarquia**: participação e oposição. São Paulo: EDUSP, 1997.

DAHL, R. **Sobre a Democracia**. Brasília: Editora UNB, 2009.

DEL-MASSO, M. C. S.; COTTA, M. A. de C.; SANTOS, M. A. P. Ética em Pesquisa Científica: conceitos e finalidades. **Objetos Educacionais Unesp Textos - Redefor**, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/155306>. Acesso em: 21 abr. 2024.

DE MAGALHÃES CARVALHO, E. Jornalistas empreendedores: o segmento progressista brasileiro como nicho de mercado na web. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, v.11, n. 32, p. 110-127, 2018.

DE MAGALHÃES CARVALHO, E. Financiamento de mídia alternativa no Brasil. **Revista de Comunicação Dialógica**, n. 5, p. 101-125, jan./jun. 2021.

DIMITROVA, D. V. *et al.* The Effects of Digital Media on Political Knowledge and Participation in Election Campaigns: Evidence From Panel Data. **Communication Research**, v. 41, p. 95-118. 2014.

DOWBOR, M.; SZWAKO, J. Respeitável público... Performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013. **Novos Estudos**, n. 97, p. 43-55, nov. 2013.

DOWNS, A. **Uma teoria econômica da democracia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

DUARTE, K. A. Dominação burguesa entre o velho e o novo: a ascensão da extrema-direita no Brasil. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, v. 146, n. 3, 2023.

EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. **National populism: the revolt against liberal democracy**. London: Penguin Books, 2018.

ELIAS, P. de C. A mídia e a percepção da sociedade civil nas relações internacionais. *In*: Encontro Nacional ABRI 3. **Anais Eletrônicos [...]**. 2017. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:WIAogCEaymYJ:www.abri.org.br/anais/3_Encontro_Nacional_ABRI/Teoria_das_Relacoes_Internacionais/TRIS%252017_Paula%2520de%2520Campos%2520Elias%2520A%2520influ%2B%25ACncia%2520da%2520m%2B%25A1dia%2520nas%2520percep%2B%25BA%2B%25C1es%2520da%2520sociedade%2520civil%2520nas%2520rela%2B%25BA%2B%25C1e.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 23 out. 2023.

ERCAN, S. A.; MENDONÇA, R. F. Deliberation and Protest: Strange Bedfellows? Revealing the Deliberative Potential of 2013 Protests in Turkey and in Brazil. Washington D. C. **American Political Science Association Conference**. p. 28-31, 2014.

FACHIN, P. A nova direita reflete uma sinergia entre modernidade e conservadorismo. Entrevista especial com Carlos A. Gadea. **Instituto Humanitas Unisinos**, 15 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/589142-a-nova-direita-refleteuma-sinergia-entre-modernidade-e-conservadorismo-entrevista-especial-com-carlosgadea>. Acesso em: 03 nov. 2024.

FALCÃO, A. Metade dos candidatos apoiados por Bolsonaro em viagens pelo país se elegeu ou avançou ao 2º turno. **O Globo**, 08 de outubro de 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2024/noticia/2024/10/08/metade-dos-candidatos-apoiados-por-bolsonaro-em-viagens-pelo-pais-se-elegeu-ou-avancou-ao-2o-turno.ghtml>. Acesso em: 12 nov. 2024.

FERREIRA, G. N. BOTELHO, A. Revendo o pensamento conservador. *In*: FERREIRA, G. N.; BOTELHO, A. (orgs.). **Revisão do pensamento conservador: ideias e política no Brasil**. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2010.

FIGUEIRAS, R. Populismo Um instrumento dos média e das plataformas digitais? **Relações Internacionais**, n. 67. p. 27-40, 2020.

FIGUEIREDO, K. A. **Comunicação Pública**: um direito humano em conexão com o Serviço Social. **Temporalis**, Brasília, v. 18, n. 36, p. 162- 177, jul. 2018.

FILGUEIRA, C. H.; NOHLEN, D. (eds.). **Prensa y Transición Democrática**: Experiencias Recientes en Europa y América Latina. Frankfurt/Madri, Vervuert/Iberoamericana, 1994.

FREITAS, A. J. de. Jornalismo e Política no Brasil: Olhares Contemporâneos. In: XXIII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação em Manaus. **Anais Eletrônicos [...]**. 2000. Disponível em:
http://www.portcom.intercom.org.br/pesquisaDetalhe.php?id=47033&query_final=KCh0aXBvPSd0cmFiYWxobyxpIEFORCAoc3RhZHVzID0gJzEnKSBBTkQgTUFUQ0ggKHRpdHVsbYxhdXRvcixwYWxhdnJhQ2hhdmUpIEFHQUlOU1QgKCDhbmFuaWFzJyBJTiBCT09MRUFOIE1PREUpKSAGT1JERVIGQlkgZGF0YUVkaWNhbyBERVND. Acesso em: 02 jan. 2024.

GENTILE, F. A direita brasileira em perspectiva histórica. **Plural - Revista de Ciências Sociais**, v. 25, n. 1, p. 92-110, 2018.

GENTILLI, V. Sistema midiático e crise do jornalismo: crônica da história política brasileira. In: XXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Manaus. **Anais Eletrônicos [...]**. Manaus: Intercom, 2000.

GIDDENS, A. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GOÉS, J. **O jornalismo e a experiência do invisível**: identidades, lusofonias e a visível herança colonial brasileira. 2017. 310f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2017.

GÓES, L. Agências de Notícias Alternativas na Web. **Revista PJ:Br**, v. 11, p. 01, 2009.

GÓES, L. A mídia alternativa dos movimentos sociais na Web. In: Congresso Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política, 1. **Anais Eletrônicos [...]**, 2006, Salvador-BA.

GÓES, L. Contra-hegemonia e Internet: Gramsci e a Mídia Alternativa dos Movimentos Sociais na Web. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, 9. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais Eletrônicos [...]**, Salvador-BA. p. 1-15, 2007.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere - Volume 2**: os intelectuais, o princípio educativo e jornalismo. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GROS, D. B. Institutos liberais, neoliberalismo e políticas públicas na Nova República. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 54, p. 143–159, fev. 2004.

GUAZINA, L. Jornalismo que tem lado: o caso dos blogueiros brasileiros “progressistas”. **Brazilian Journalism Research**, v. 9, n. 2, p. 68-88, 2013.

GUERRA, J. L. O nascimento do jornalismo moderno: uma discussão sobre as competências profissionais, a função e os usos da informação jornalística. *In: XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação*, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003. **Anais Eletrônicos [...]**, 2003. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/167629680582323974316910221745759002955.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2024.

GUIMARÃES, M. P. G. F. B. M. **A replicação da extrema-direita como “nova direita”**. 2023. 82f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Centro Universitário Curitiba, Curitiba, 2023.

HABERMAS, J. **The Theory of Communicative Action**. Boston: Beacon Press, 1981.

HALLIM, D. C.; MANCINI, P. **Comparing media systems: three models of media and politics**. New York: Cambridge University Press, 2004.

HAYEK, F. A. **The Road to Serfdom**. Chicago: University of Chicago Press, 1944.

HEIMANS, J.; TIMMS, H. **Understanding “new power”**. Harvard Business Review, v. 92, n. 12, p. 48–56, 2014.

HEYWOOD, A. **Political Theory**. 2. ed. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2004.

IASI, M. L. De onde vem o conservadorismo? **Blog da Boitempo**, 15 de abril de 2015. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/04/15/de-onde-vem-o-conservadorismo/>. Acesso em: 22 out. 2024.

INTERVOZES. Coletivo Brasil de Comunicação Social. **Vozes Silenciadas Mídia e protestos**: a cobertura das manifestações de junho de 2013 nos jornais O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo. 2014. Disponível em: <https://intervozes.org.br/arquivos/interliv009vozsmep-baixa.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2024.

INTERVOZES. **O Antagonista**, outubro de 2017a. Disponível em: <http://brazil.mom-gmr.org/br/midia/detail/outlet/o-antagonista/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

INTERVOZES. Quem controla a mídia no Brasil? Levantamento dos 50 maiores veículos está disponível online. **Intervozes**, 06 de outubro de 2017b. Disponível em: <https://intervozes.org.br/quem-controla-a-midia-no-brasil-levantamento-dos-50-maiores-veiculos-sera-lancado-este-mes/>. Acesso em: 14 maio 2024.

JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Cultura da Conexão**: Criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

KAKUTANI, M. **The death of truth**. Nova York: Tim Duggan Books. 2018.

KARAM, F. J. C. **Jornalismo, ética e liberdade**. 4 ed. São Paulo: Summus, 2014.

KAYSEL, A. Regressando ao regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras *In*: CRUZ, S. V.; KEYSEL, A.; CODAS, G. **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015, p.49-73.

KEOHANE, R. Political Science and Politics. **American Political Science Association**, v. 42, n. 2, p. 359-363, 2009.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Página Aberta, 1991.

LACERDA, M. B. **O Novo Conservadorismo Brasileiro**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2019.

LEBART, L.; SALEM, A. **Statistique textuelle**. Paris: Dunod, 1994.

LEAL, P. M. V. Jornalismo político brasileiro e a análise do enquadramento noticioso. **Revista Compolítica**, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/01/sc_jp-plinio.pdf. Acesso em: 02 jan. 2024.

LYCARIÃO, D.; MAGALHÃES, E. de; ALBUQUERQUE, A. de. Noticiário “objetivo” em liquidação: a decadência do padrão “catch- all” na mídia comercial. **Famecos**, v. 25, n. 2, p. 1-19, 2018.

LIMA, E. C. de A.; LIMA, I. C. C. Conservadorismo, neoconservadorismo e bolsonarização. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 173-199, jan.-abr. 2020.

LIMA, I. G. de.; HYPOLITO, Á. M. A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, v. 45, p. e190901, 2019.

LIMA, V. A. **Mídia, crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

LIMA, V. A. **Mídia**: teoria e política. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

LIMA, C. C. N. **Jornalistas, blogueiros, migrantes da comunicação**: em busca de novos arranjos econômicos para o trabalho jornalístico com maior autonomia e liberdade de expressão. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

LOLE, A.; STAMPA, I. Hegemonia, democracia e conservadorismo no Brasil contemporâneo. *In*: Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, 16., 2018. **Anais Eletrônicos [...]**. Vitória, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22586>. Acesso em: 20 nov. 2024.

LOPES, A.; CASTRO, F. Perfil dos conservadores e dos progressistas brasileiros: uma abordagem baseada na teoria dos valores humanos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 38, n. 111, 2023.

LÖWY, M. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.044>. Acesso em: 22 nov. 2024.

MACHADO, V. B. *et al.* Informar ou Determinar? - Liberdade de Imprensa, Propaganda Política e Jornalismo Político. **Cadernos UniFOA**, n. 19, ago. 2012.

MAGALHÃES, D. Quem tem medo do globalismo? **Estadão**, 17 de novembro de 2018. Disponível em: https://www.estadao.com.br/cultura/estado-da-arte/quem-tem-medo-do-globalismo/?srsltid=AfmBOoq85-9beX47OnGx58IABZSjHm_HnOvoII5i7c4nQx-wRVDHdvRb. Acesso em: 30 nov. 2024.

MAIA, R. C. M. **Mídia e deliberação**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

MANIN, B. A democracia do público reconsiderada. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 97, 2013.

MANIN, B. Metamorfoses do governo representativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. 29, p. 5-34, 1995.

MARCELINO, D. *et al.* A cabeça do jornalista: opiniões e valores políticos dos jornalistas no Brasil. **Comunicação e Política**, v.27, n. 3, p. 13-42, 2009.

MARCONDES FILHO, C. Apresentação, Fake news: o buraco é muito mais embaixo. *In*: Figueira, J., SANTOS, S. (orgs). **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Coimbra: Coimbra University Press, 2019. p. 17-32.

MARSHALL, P. D. Persona studies: Mapping identities and identification across media and politics. **Celebrity Studies**, v. 5, n. 3, p. 231–244, 2014. DOI: 10.1177/1464884913488720. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/P-Marshall/publication/263566381_Persona_studies_Mapping_the_proliferation_of_the_public_self/links/56388b4b08ae78d01d39b8d3/Persona-studies-Mapping-the-proliferation-of-the-public-self.pdf?origin=publication_detail&_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InByb2ZpbGUlLCJwYWdlIjoicHVibGljYXRpb25Eb3dubG9hZCI6InByZXZpb3VzUGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19&__cf_chl_tk=yE3RI9qLk.sRZQex.cxEJEMkxi5vhnYalxlrMEGXNVY-1732968213-1.0.1.1-rK8FF48dmoDolykCuavjJ0m5tWbxMMzyQhBfWwpppGY. Acesso em: 12 nov. 2024.

MASSUCHIN, M. G. *et al.* Títulos jornalísticos para redes sociais: Os jornais brasileiros no Facebook. **Sobre jornalismo, Sobre jornalismo, Sobre jornalismo**, v. 10, n. 1, p. 112-127, 2021. DOI: 10.25200/SLJ.v10.n1.2021.458. Disponível em: <https://revue.surlejournalisme.com/slj/article/view/458>. Acesso em: 23 mar. 2024.

MATTOS, M. B. **Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil**. São Paulo: Usina Editorial, 2020.

MAZZOLENI, G. Mediatization and Political Populism. *In*: ESSER, F., STRÖMBÄCK, J. (eds.) **Mediatization of Politics**. Palgrave Macmillan, London, 2014. DOI: https://doi.org/10.1057/9781137275844_3.

MELO, J. M. de. Jornalismo Político: Democracia, Cidadania, Anomia. **Revista FAMECOS**, v. 15, n. 35, p. 90–94, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2008.35.4097. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4097>. Acesso em: 02 jan. 2024.

MELO, D. A direita ganha as ruas: elementos para um estudo ideológico das direitas brasileiras. In: DEMIER, F.; HOEVELER, R. (Orgs.). **A onda conservadora**: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

MELLO, P. C. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MESSEMBERG, D. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Revista Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, p. 621-647, 2017.

MIGUEL, L. F. **Democracia e representação**: Territórios em Disputa. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

MIGUEL, L. F. O jornalismo como sistema perito. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 197-208, 1999.

MIGUEL, L. F. O jornalismo no novo ambiente comunicacional: uma reavaliação da noção do “jornalismo como sistema perito”. **Tempo Social**, v. 34, n. 2, p. 195-216, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/195368>. Acesso: 02 jan. 2024.

MIGUEL, L. F. Os meios de comunicação e a prática política. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 55-56, p. 155–184, 2002.

MIGUEL, L. F. Um ponto cego nas teorias da Democracia: os meios de comunicação. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 49, 2000.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MINKENBERG, M. The Renewal of the Radical Right: Between Modernity and Anti-Modernity. **Government and Opposition**. v. 35, n. 2, p. 170-188, Abril, 2000.

MOREIRA, P. L. **A outra história da Lava-Jato**. São Paulo: Geração Editorial, 2015.

MORETZSOHN, S. D. Discursos midiáticos e a deslegitimação da política. **E-legis**, Brasília, n. 24, p. 63-87, set/dez 2017.

MORETZSOHN, S. “Profissionalismo” e “objetividade”: o jornalismo na contramão da política. In: IX Encontro Anual da COMPÓS. **Anais Eletrônicos [...] 2000**. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylvia-profissionalismo-jornalismo.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2024.

MOTA, E. F. M. **Em quem votaremos?** Cultura política e construção do discurso moral e eleitoral da Igreja Assembleia de Deus (1960-1990). 2019. 240f. Tese (Doutorado em

Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

MOTTA, L. G. (Org.). **Imprensa e poder**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

MUDDE, C. **Populist radical right parties in Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

MUDDE, C. The paradox of the anti-party party: Insights from the Extreme Right. **Party Politics**, v. 2, n. 2, 1996, p. 265-276.

NEWMAN, N. *et al.* **Digital News Report 2024**. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2024. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2024-06/RISJ_DNR_2024_Digital_v10%20lr.pdf. Acesso em: 26 abr. 2025.

NGUYEN, A. O Julgamento da Notícia na Cultura “Caça-clique”: o impacto métricas o jornalismo e sobre os jornalistas. **Parágrafo**, v. 4, n. 2, p. 88-100, 2016.

NOELLE-NEUMANN, E. **Espiral do Silêncio**: opinião pública: nosso tecido social. Florianópolis: Estudos Nacionais, 2017.

OLIVEIRA, G. Como medir a popularidade do site com Alexa Rank. **Webpeak**, 23 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.webpeak.com.br/blogs/como-medir-a-popularidade-do-site-com-alexa-rank>. Acesso em: 14 jan. 2024.

OLIVEIRA, G. **Relações de agenda e enquadramento entre a imprensa e a propaganda negativa eleitoral nas eleições presidenciais de 2014**. 2017a. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Ciências Sociais, São Carlos, 2017.

OLIVEIRA, F. M. de. A ascensão do conservadorismo no Brasil: surgimento e atuação de movimentos sociais conservadores. *In*: Congresso Latino-Americano de Sociologia, 31., 2017. Montevideo. **Anais Eletrônicos [...]**, dezembro de 2017b. Disponível em: https://www.easyplanners.net/alas2017/opc/tl/1445_francisco_mesquita_de_oliveira.pdf. Acesso em: 20 nov. 2024.

OLIVEIRA, L. Imprensa e a propaganda negativa eleitoral: congruência de agendas e enquadramento. **Revista Compolítica**, v. 9, n. 3, p. 187-214, 2019.

OLIVEIRA, L. O Jornalismo brasileiro como ator político. **Revista Compolítica**, v. 8, n. 1, p. 147-164, 2018.

OLIVEIRA, L.; DINIZ, S. Discurso presidencial e agenda retórica no presidencialismo de coalizão brasileiro. **Anais Eletrônicos [...]**. VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política. Brasília, 2019. Disponível em: http://compolitica.org/novo/anais/2019_gt1_Oliveira.pdf. Acesso em: 25 abr. 2024.

OROSA, B. G.; SANTORUN, S. G.; GÁRCIA, X. L. Use of clickbait in the online news media of the 28 EU member countries. **RLCS Revista Latina de Comunicação Social**, v. 72, p. 261-277, 2017.

ORSO, M. **Convergências e divergências nos discursos da extrema direita: um estudo comparativo entre perfis do Twitter**. 2023. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-graduação em Comunicação. 193f. Curitiba, 2023.

O ANTAGONISTA. Princípios Editoriais. **O Antagonista**. 2024. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/principios-editoriais/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

QUADROS, M. P. dos R.; MADEIRA, R. M. Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. **Opinião Pública**, n. 24, p. 486-522, 2018.

PAIVA, S. M. A. **Espraçamento do Conservadorismo no Brasil das Mídias Sociais**. 2021. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Serviço Social. Natal, RN, 2021.

PARK, J. Contrasts in the coverage of Korea and Japan by US television networks: a frame analysis. **International Journal for Communication Studies**, Londres; Thousand Oaks; Nova Deli, v. 65, n. 2, p. 144-164, 2003.

PASTI, A.; GALLAS, L. A mídia antipetista: quem está por trás do portal “O Antagonista”? **Le Monde Diplomatique Brasil**, 26 de outubro de 2018. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/midia-antipetista-por-tras-do-portal-o-antagonista-2/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

PASTORINI, A.; FARIA, G. G. As políticas públicas e o avanço do conservadorismo no Brasil: protagonistas e estratégias. **Plaza Pública**, v. 10, n. 18, p. 1-20, 2020.

PATRÍCIO, T. S. *et al.* Fast Data: um estudo sobre a informação na era da Internet das Coisas (IoT). **Revista de Ciência e Tecnologia Fatec Lins - III** - v. 3, n. 1, jan./jun. 2017.

PICARD, R. G. The humanisation of media? Social media and the reformation of communication. **Communication Research and Practice**, v. 1, n. 1, p. 32-41, 2015.

PODER 360. Diogo Mainardi diz que não escreverá mais para “O Antagonista”. **Poder 360**, 10 de agosto de 2022a. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/diogo-mainardi-diz-que-nao-escrevera-mais-para-o-antagonista/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

PODER 360. Outro fundador deixa o comando do site “O Antagonista”. **Poder 360**, 14 de setembro de 2022b. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/outro-fundador-deixa-o-comando-do-site-o-antagonista/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

PODER 360. Pedro Cerize será o novo dono do Antagonista e da revista Crusoé. **Poder 360**, 15 de setembro de 2022c. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/pedro-cerize-sera-o-novo-dono-do-antagonista-e-da-revista-crusoe/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

POR G1 PR. INFOGRÁFICO: Entenda ordem dos acontecimentos no dia do assassinato de petista em festa de aniversário, segundo a polícia. **G1**, Curitiba, 16 de julho de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2022/07/16/infografico-entenda-ordem-dos-acontecimentos-no-dia-do-assassinato-de-petista-em-festa-de-aniversario-segundo-a-policia.ghl>. Acesso em: 12 nov. 2024.

RAMONET, I. A explosão do jornalismo na era digital. In: MORAES, D. (org.); RAMONET, I.; SERRANO, P. **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopolística à democratização da informação. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013. p.85-102.

RAMOS, A. N. C. **Sustentabilidade financeira de meios jornalísticos nativos digitais no Brasil**: um estudo a partir do Mapa do Jornalismo Independente. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. 285f. Florianópolis, 2021.

RAMOS, D. O.; SPINELLI, E. M. Iniciativas de Jornalismo Independente no Brasil e Argentina. **Revista Extraprensa**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 114-123, 2015.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. “Anta agoniza”. **O Antagonista**, 25 de setembro de 2020. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/anta-agoniza/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Muito barulho por nada. **O Antagonista**, 18 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/muito-barulho-por-nada-3/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. O Antagonista e Crusoé: sempre em frente. **O Antagonista**, 10 de março de 2023. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/o-antagonista-e-crusoe-sempre-em-frente/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. O destino de Dilma depende das ruas. **O Antagonista**, 16 de agosto de 2015a. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/o-destino-de-dilma-depende-das-ruas/>. Acesso em: 06 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. corrente de José Dirceu. **O Antagonista**, 22 de janeiro de 2015b.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. O Petrolão de Gotham City. **O Antagonista**, 01 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/o-petrolao-de-gotham-city/>. Acesso em: 06 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Obstrução, obstrução, obstrução. **O Antagonista**, 05 de novembro de 2015d. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/posts/obstrucao-obstrucao-obstrucao>. Acesso em: 06 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. O ano judiciário começa com Lewandovski em plena forma. **O Antagonista**, 02 de fevereiro de 2015e.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Nota de Augusto Nardes tenta justificar o injustificável. **O Antagonista**, 07 de julho de 2015f.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Youssef vai partir para cima. **O Antagonista**, 23 de janeiro de 2015g.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. A sem vergonhice da nota da OAB. **O Antagonista**, 17 de fevereiro de 2015h. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/a-sem-vergonhice-da-nota-da-oab/>. Acesso em: 06 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Por que confiamos no juiz Sergio Moro. **O Antagonista**, 04 de fevereiro de 2015i. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/por-que-confiamos-no-juiz-sergio-moro/>. Acesso em: 06 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Que país é esse?. **O Antagonista**, 16 de março de 2015j. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/que-pais-e-esse/>. Acesso em: 06 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. PSDB no dia 15. **O Antagonista**, 11 de março de 2015k. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/psdb-no-dia-15/>. Acesso em: 06 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Exclusivo: “Procure Lula”, disse Emílio Odebrecht ao desesperado fundador da OAS. **O Antagonista**, 02 de março de 2015l. Disponível em: <https://oantagonista.uol.com.br/brasil/exclusivo-procure-lula-disse-emilio-odebrecht-ao-desesperado-fundador-da-oas/>. Acesso em: 06 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. O PT gosta também de corrupção com gás. **O Antagonista**, 04 de janeiro de 2015m.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Janot ainda precisa explicar. **O Antagonista**, 20 de agosto de 2015n. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/pecas-fora-de-lugar/>. Acesso em: 06 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Do primeiro parafuso ao último. **O Antagonista**, 03 de outubro de 2015o. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/do-primeiro-parafuso-ao-ultimo/>. Acesso em: 06 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Exclusivo: Peritos da PF estimam em até R\$ 42 bilhões o do petróleo desde o início das investigações. **O Antagonista**, 09 de novembro de 2015p. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/exclusivo-peritos-da-pf-estimam-em-ate-r-42-bilhoes-o-desvio-do-petrolao/>. Acesso em: 06 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. A calamidade contínua. **O Antagonista**, 27 de agosto de 2015q.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Pezão, ontem, hoje e amanhã. **O Antagonista**, 11 de dezembro de 2015r.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Lava Jato tem de ouvir Marcos Valério. **O Antagonista**, 25 de novembro de 2015s. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/lava-jato-tem-de-ouvir-marcos-valerio/>. Acesso em: 06 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. PT declara guerra contra Lava Jato. **O Antagonista**, 15 de abril de 2015t. <https://oantagonista.com.br/brasil/pt-contralava-jato/>. Acesso em: 06 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Rolando rampa abaixo. **O Antagonista**, 01 de janeiro de 2015u. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/rolando-rampa-abaixo/>. Acesso em: 06 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. O PMDB é ótimo. **O Antagonista**, 07 de julho de 2015v.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. TCU some com documento contra Dilma Rousseff. **O Antagonista**, 07 de julho de 2015w. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/exclusivo-tcu-some-com-documento-contradilma-rousseff/>. Acesso em: 06 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. O abatimento do PT. **O Antagonista**, 11 de setembro de 2015x.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. O Antagonista aposta em Fernando Pimentel. **O Antagonista**, 1 de março de 2016f. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/o-antagonista-aposta-em-fernando-pimentel/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Sempre Moro. **O Antagonista**, 07 de janeiro de 2016a.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Reaja, TCU. **O Antagonista**, 01 de fevereiro de 2016b. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/reaja-tcu/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Obstruam Lula e Dilma_Rousseff. **O Antagonista**, 24 de maio de 2016c.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Dyogo vai ficando. **O Antagonista**, 09 de junho de 2016d. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/dyogo-vai-ficando/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. A base de Temer. **O Antagonista**, 14 de outubro de 2016e. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/a-base-de-temer/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Campanha de Dilma lavou dinheiro de propina. **O Antagonista**, 07 de abril de 2016f. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/campanha-de-dilma-lavou-dinheiro-de-propina/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. 1,4 milhões de votos. **O Antagonista**, 31 de maio de 2016g.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Cabral denunciado na Lava Jato. **O Antagonista**, 16 de dezembro de 2016h.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Agamenon um é pouco, dois é bom, três é demais! **O Antagonista**, 14 de outubro de 2016i.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Lava Jato cobra explicações de Lula sobre cofre. **O Antagonista**, 13 de julho de 2016j. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/lava-jato-cobra-explicacoes-de-lula-sobre-cofre/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. A maior delação de todos os tempos. **O Antagonista**, 16 de setembro de 2016k. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/a-maior-delacao-de-todos-os-tempos/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Delcídio “Lula tinha noção do volume da propina”. **O Antagonista**, 16 de setembro de 2016l. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/delcidio-lula-tinha-nocao-do-volume-da-propina/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Os verdadeiros protagonistas. **O Antagonista**, 23 de março de 2016m. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/os-verdadeiros-protagonistas/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Temer enterra a Lava Jato. **O Antagonista**, 17 de novembro de 2016n. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/temer-enterra-a-lava-jato/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Lula acabou. **O Antagonista**, 21 de julho de 2016o. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/lula-acabou-6ca9747a-421d-446b-952f-898a9b2d94ce/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Deltan Dallagnol: “Retrocessos não podem ser admitidos”. **O Antagonista**, 24 de novembro de 2016p. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/deltan-dallagnol-retrocessos-nao-podem-ser-admitidos/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Dilma “tampa” sol com peneira. **O Antagonista**, 23 de abril de 2016q. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/dilma-tampa-sol-com-peneira/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Mais uma chicana petista. **O Antagonista**, 10 de maio de 2016r.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Teori não tem cabimento. **O Antagonista**, 23 de março de 2016s. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/teori-nao-tem-cabimento/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Você sabe responder? **O Antagonista**, 29 de agosto de 2016t. Disponível em: <https://oantagonista.uol.com.br/brasil/voce-sabe-responder/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. “PT corrompeu a inteligência e o caráter”. **O Antagonista**, 02 de agosto de 2016u. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/pt-corrompeu-a-inteligencia-e-o-carater/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. “Dilma achou que a Lava Jato não chegaria até ela”. **O Antagonista**, 16 de setembro de 2016v. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/dilma-achou-que-a-lava-jato-nao-chegaria-ate-ela/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Quero o meu país de volta! **O Antagonista**, 01 de janeiro de 2016w.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Que o Brasil se torne Antagonista. **O Antagonista**, 01 de janeiro de 2016x.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. A banalização do bilhão. **O Antagonista**, 03 de janeiro de 2016y. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/a-banalizacao-do-bilhao/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Dilma pedalou deliberadamente. **O Antagonista**, 13 de junho de 2016z. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/dilma-pedalou-deliberadamente/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Enterro sem velório. **O Antagonista**, 10 de maio de 2016aa. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/enterro-sem-velorio/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Temer não vai a rompimento. **O Antagonista**, 25 de março de 2016bb. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/temer-nao-vai-a-rompimento/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Tucanos acovardados. **O Antagonista**, 23 de abril de 2016cc.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Exclusivo: segurança de Lula comprou pedalinhas. **O Antagonista**, 01 de maio de 2016dd. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/exclusivo-seguranca-de-lula-comprou-pedalinhas/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Prefeitura asfaltou estrada para sítio de Lula. **O Antagonista**, 17 de fevereiro de 2016ee.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Manifestantes pacíficos com coquetéis molotov. **O Antagonista**, 05 de setembro de 2016ff. Disponível em: <https://oantagonista.uol.com.br/brasil/manifestantes-pacificos-com-coqueteis-molotov/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. “Lula ladrão”. **O Antagonista**, 28 de março de 2016gg. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/lula-e-ladrao/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Centrão vai se unir. **O Antagonista**, 13 de julho de 2016hh. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/centrao-vai-se-unir/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. A ética na política tucana. **O Antagonista**, 21 de setembro de 2016ii. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/a-etica-na-politica-tucana/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Alckmin ovacionado (pelos amigos). **O Antagonista**, 12 de novembro de 2017a. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/alckmin-ovacionado/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. A aliança de Doria com outros partidos. **O Antagonista**, 20 de agosto de 2017b. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/alianca-de-doria-com-outros-partidos/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Qual Lula?. **O Antagonista**, 22 de dezembro de 2017c. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/qual-lula/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Exclusivo: Alexandrino contou ‘antes, durante e depois’ de Lula. **O Antagonista**, 24 de março de 2017d. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/exclusivo-alexandrino-contou-antes-durante-e-depois-de-lula-com-odebrecht/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Odebrecht pagou propina no exterior para a campanha de Lula. **O Antagonista**, 13 de abril de 2017e. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/odebrecht-pagou-propina-no-exterior-para-a-campanha-de-lula/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. O PT de Lula e Dilma Rousseff era insaciável. **O Antagonista**, 24 de março de 2017f.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. O problema de Fernando Bezerra com o foro. **O Antagonista**, 28 de março de 2017g. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/o-problema-de-fernando-bezerra-com-o-foro/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Vídeo: Temer defende reforma trabalhista. **O Antagonista**, 12 de novembro de 2017h. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/video-temer-defende-reforma-trabalhista/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Temer fará corpo a corpo por Previdência. **O Antagonista**, 01 de maio de 2017i.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Os petistas de Temer. **O Antagonista**, 10 de janeiro de 2017j. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/os-petistas-de-temer/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Todo mundo encheu o saco. **O Antagonista**, 01 de julho de 2017k.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. O feminismo como doença infantil do lulismo. **O Antagonista**, 09 de março de 2017l. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/o-feminismo-como-doenca-infantil-do-lulismo/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. “A crise voltará”. **O Antagonista**, 26 de outubro de 2017m. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/a-crise-voltara/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Eles querem o meio-foro. **O Antagonista**, 03 de abril de 2017n. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/eles-querem-o-meio-foro/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Passa boi, passa boiada. **O Antagonista**, 22 de março de 2017o.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. O governo já perdeu. **O Antagonista**, 13 de julho de 2017p.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Temer salva Lula. **O Antagonista**, 19 de novembro de 2017q. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/temer-salva-lula-2/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. A Petrobras ainda sangra. **O Antagonista**, 01 de janeiro de 2017r. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/a-petrobras-ainda-sangra/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Lava Jato flagrou três das quatro obras protegidas por Lula. **O Antagonista**, 14 de maio de 2017s. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/lava-jato-flagrou-tres-das-quatro-obras-protegidas-por-lula/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Amigo do meu amigo. **O Antagonista**, 08 de dezembro de 2017t. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/amigo-meu-amigo>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. A Lava Jato fará de tudo para condenar Lula . **O Antagonista**, 23 de fevereiro de 2017u.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Lula será sentenciado na Zelotes em breve. **O Antagonista**, 17 de agosto de 2017v. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/lula-sera-sentenciado-na-zelotes-em-breve/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Organização criminoso bem sucedida. **O Antagonista**, 26 de janeiro de 2017w.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. O campeão da corrupção. **O Antagonista**, 21 de junho de 2017x. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/o-campeao-da-corrupcao/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. O possível placar de Lula no STF. **O Antagonista**, 16 de novembro de 2017y. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/o-possivel-placar-de-lula-no-stf/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Bolsonaro agrada. **O Antagonista**, 09 de outubro de 2017z. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/bolsonaro-agrada/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Os 10% a mais de Bolsonaro. **O Antagonista**, 27 de novembro de 2017aa.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. O Antagonista supera o Estadão. **O Antagonista**, 08 de novembro de 2018a. Disponível em: https://oantagonista.com.br/brasil/o-antagonista-supera-o-estadao/#goog_rewarded. Acesso em: 17 abr. 2024.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. No STJ, a Lava Jato conta com o “goleiro Felix” para segurar Lula. **O Antagonista**, 13 de setembro de 2018b. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/no-stj-lava-jato-counta-com-o-goleiro-felix-para-segurar-lula/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. De volta a 1989. **O Antagonista**, 14 de setembro de 2018c. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/de-volta-1989-2/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. A turbina antilulista de Bolsonaro. **O Antagonista**, 20 de setembro de 2018d.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. The Economist volta a atacar. **O Antagonista**, 25 de outubro de 2018e.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Novo ‘manifesto’ apela para unidade do centro em torno de Alckmin. **O Antagonista**, 21 de setembro de 2018f. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/manifesto-apela-para-unidade-centro-em-torno-de-alckmin/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. João Santana: pagamentos da Odebrecht começaram em 2006. **O Antagonista**, 05 de fevereiro de 2018g. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/joao-santana-pagamentos-da-odebrecht-comecaram-em-2006/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Em carta, FHC diz que é preciso 'deter a marcha da insensatez'. **O Antagonista**, 20 de setembro de 2018h. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/em-carta-fhc-diz-que-e-preciso-deter-marcha-da-insensatez/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Deltan Dallagnol: “Moro vai para o Ministério da Justiça por um bem maior”. **O Antagonista**, 01 de novembro de 2018i. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/deltan-dallagnol-moro-vai-para-o-ministerio-da-justica-por-um-bem-maior/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Temer: “As Forças Armadas estarão nas ruas”. **O Antagonista**, 16 de fevereiro de 2018j. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/temer-forcas-armadas-estarao-nas-ruas/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. “Pacificação” redirecionada”. **O Antagonista**, 04 de março de 2018k. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/pacificacao-redirecionada/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Departamento de Estado dos EUA emite alerta sobre greve no Brasil. **O Antagonista**, 24 de maio de 2018l. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/departamento-de-estado-dos-eua-emite-alerta-sobre-greve-no-brasil/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. New York Post continua a fingir que não sabe que Haddad é Lula. **O Antagonista**, 22 de outubro de 2018m.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. O que diz a cartinha de Lula? **O Antagonista**, 11 de setembro de 2018n. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/o-que-diz-cartinha-de-lula/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. O PT acha que Lula é ‘elegível’ porque ele quer. **O Antagonista**, 31 de agosto de 2018o. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/o-pt-acha-que-lula-e-elegivel-porque-ele-quer/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. A onda Bolsonaro nos estados: 14 governadores eleitos aliados. **O Antagonista**, 25 de dezembro de 2018p. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/a-onda-bolsonaro-nos-estados-14-governadores-eleitos-aliados/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Petistas leem carta em que Lula abençoa Haddad. **O Antagonista**, 11 de setembro de 2018q. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/petistas-leem-carta-em-que-lula-abencoa-haddad/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Moro manda prender cúpula da Mendes Júnior. **O Antagonista**, 13 de agosto de 2018r. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/moro-manda-prender-cupula-da-mendes-junior/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. PF já prepara cela exclusiva para Lula. **O Antagonista**, 05 de abril de 2018s. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/pf-ja-prepara-cela-exclusiva-para-lula/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Dilma pede propina “sem nenhum rodeio”. **O Antagonista**, 18 de maio de 2018t. Disponível em: <https://oantagonista.uol.com.br/brasil/dilma-pede-propina-sem-nenhum-rodeio/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Lula já pode ser condenado mais uma vez. **O Antagonista**, 12 de janeiro de 2018u. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/lula-ja-pode-ser-condenado-mais-uma-vez/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. PF vai periciar e-mails de Marcelo Odebrecht sobre Lula. **O Antagonista**, 16 de março de 2018v. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/pf-vai-periciar-e-mails-de-marcelo-odebrecht-sobre-lula/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. A candidatura do condenado Lula é uma insanidade que precisa ser impedida. **O Antagonista**, 26 de março de 2018w. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/a-candidatura-do-condenado-lula-e-uma-insanidade-que-precisa-ser-impedida/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Judiciário unido contra as agressões de Lula. **O Antagonista**, 31 de janeiro de 2018x.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. O julgamento de poderosos, no Brasil, é algo inédito. **O Antagonista**, 31 de janeiro de 2018y.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Dias Toffoli: “Qual o projeto do PT, do DEM, do PSDB?”. **O Antagonista**, 23 de fevereiro de 2018z. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/dias-toffoli-qual-o-projeto-pt-dem-psdb/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. A fotografia do presidiário nas urnas. **O Antagonista**, 18 de maio de 2018aa. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/fotografia-presidiario-nas-urnas/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. “Só pode ter governo de esquerda?”. **O Antagonista**, 24 de novembro de 2018bb. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/pode-ter-governo-de-esquerda/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. A ousadia do plano de governo do PT. **O Antagonista**, 23 de agosto de 2018cc.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Paulo Guedes levanta dados sobre estatais que poderão ser privatizadas. **O Antagonista**, 27 de outubro de 2018dd. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/paulo-guedes-levanta-dados-sobre-estatais-que-poderao-ser-privatizadas/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. “Brasil está saindo de uma gestão socialista para uma economia liberal”. **O Antagonista**, 01 de dezembro de 2018ee. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/brasil-esta-saindo-de-uma-gestao-socialista-para-uma-economia-liberal/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Prefeitos pedem ajuda no combate ao crime. **O Antagonista**, 05 de maio de 2018ff. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/prefeitos-pedem-ajuda-no-combate-ao-crime/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. “Quem continua incentivando a greve ou está mal informado ou é irresponsável”, diz deputado. **O Antagonista**, 29 de maio de 2018gg. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/quem-continua-incentivando-greve-ou-esta-mal-informado-ou-e-irresponsavel-diz-deputado/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Temos uma dívida com os venezuelanos que fogem de Maduro. **O Antagonista**, 13 de abril de 2018hh. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/temos-uma-divida-com-os-venezuelanos-que-fogem-de-maduro/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

REIS, M. Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil. **Vozes e Diálogo**, Itajaí, v. 16, n. 1, p. 193-204, jan./jun. 2017.

ROCHA, C.; SOLANO, E. **As Direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

RODRIGUES, L. M. **Quem é quem na Constituinte**: uma análise sociopolítica dos partidos e deputados. São Paulo: OESP-Maltese, 1987.

SALVIATI, Maria Elisabeth. Manual do aplicativo IRaMuTeQ. **Recuperado mar**, v. 3, p. 2017.

SANTOS, J. V. de O. *et al.* Conservadorismo, posicionamento político e preconceito contra casais adotivos homossexuais. **Estud. Psicol.**, v. 23. Natal, jan./mar., 2018.

SANTOS, M. C. Métodos digitais e a memória acessada por APIs: Desenvolvimento de ferramenta para extração de dados de portais jornalísticos a partir da WayBack Machine. **Revista Observatório**, v. 1, n. 2, p. 23-41, 2015. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/1549>. Acesso em: 14 jan. 2024.

SANTOS, D. H. de F.; MARQUES, F. P. J. Media Parallelism Beyond the Political World: How Newspapers Push Economic Agendas Through Editorial Journalism. **International Journal of Communication**, v. 17, p. 23, 2023.

SARMENTO, R.; MASSUCHIN, M. G.; MENDONÇA, R. F. Comunicação e Política no Brasil: um panorama recente. **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 95, 2021. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/118>. Acesso em: 23 mar. 2024.

SARTORI, G. **A teoria da democracia revisitada**. São Paulo: Ática, 1994.

SARTORI, G. **Elementos de Teoría Política**. Madri, Alianza, 1992.

SASTRE, A.; BELDA, F. A experiência imersiva na produção do jornalismo pós-industrial. **Revista GEMInIS**, São Carlos, UFSCar, v. 9, n. 3, p.80-88, set./dez. 2019.

SAWARD, M. **Shape-shifting representation**. Paper para APSA painel 'Counter-representation and democratic legitimacy', 2012.

SCHRAMM, W. **Notes on case studies of instructional media projects**. Working paper, the Academy for Educational Development, Washington, DC, 1971.

SCHUMPETER, J. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1961.

SCRUTON, R. O que é ser conservador? Trad. Bruno Garschagen. 1 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2015.

SEABRA, R. Dois séculos de imprensa no Brasil: do jornalismo literário à era da internet. In: MOTTA, L. G. (Org.). **Imprensa e poder**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 31-46.

SEABRA, R. Jornalismo político: história em processo. In: SEABRA, R.; SOUZA, V. **Jornalismo político – teoria, história e técnicas**, Rio, Record, p. 87-108, 2006.

SEIBT, T. Uma coletânea para alargar o olhar sobre a 'nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade. **Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**, v. 14, n. 1, jan.-mar. 2020. p. 261-267.

SHIRKY, Cl. **Lá vem todo mundo: O poder de organizar sem organizações**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SILVA, G. J. *et al.* Conceituações teóricas: esquerda e direita. **Humanidades em diálogo**, v. 6, n. 1, p. 149-162, 2014.

SILVA, L. M. da. Prefácio. In: GENTILLI, V. **Democracia de Massas: jornalismo e cidadania**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

SILVA, L. M. da. Jornalismo Pós-Industrial, caminhos para um Pós-Jornalismo. **Série de entrevistas da IHU Online**. 5 ed. 447, São Leopoldo, 30 de junho de 2014. p. 23-25.

SILVA, S. A. da. Autoritarismo e crise da democracia no Brasil: entre o passado e o presente. **R. Katál.**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 119-126, jan./abr. 2021.

SILVA, S.; MASSUCHIN, M. G. Construção do Nordeste no telejornalismo: um estudo do Jornal Hoje. **Revista Extraprensa**, v. 13, n. 1, p. 185–207, 2019. DOI: 10.11606/extraprensa2019.158986. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/158986>. Acesso em: 23 mar. 2024.

SINGER, A. Novas expressões do conservadorismo brasileiro. Entrevista conduzida por Luis Brasilino. **Le Monde Diplomatique Brasil**, v. 6, n. 63, 2012. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/novas-expressoes-do-conservadorismo-brasileiro/>. Acesso em: 30 nov. 2024.

SINGER, A. Raízes sociais e ideológicas do lulismo. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, v. 85, p. 83-102, 2009.

SIQUEIRA, M. E. de C. *et al.* Uma análise da onda do conservadorismo no Brasil: possíveis consequências aos direitos fundamentais. **Jornal Eletrônico**, v. 12, n. 1, jan.-jun. 2020.

SOLANO, E. Crise da Democracia e extremismo de Direita. **Análise**, n. 42, 2018.

SOUSA, J. P. O jornalismo na democracia representativa: um ensaio. In: OLIVEIRA, Fernando Paulino (org.). **Lusocomum**: transparência, governança, accountability e comunicação pública. Brasília: Casa das Musas, 2009. p. 151-176.

SOUZA, J. M. A. **Tendências ideológicas do conservadorismo**. 2016. 304 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016a. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/71>. Acesso em: 30 nov. 2024.

SOUZA, J. **A Radiografia do golpe**. Rio de Janeiro: LeYa, 2016b.

STROUD, N. J. **Niche News**: the politics of news choice. New York: Oxford University Press, 2011.

TANDOC, E.; LIM, Z.; LING, R. Defining “fake news”. **Digital Journalism**, v. 6, n. 2, 2018. p. 137-153.

TAVARES, C. Q. O papel político do jornalismo: As “convicções” da Gazeta do Povo e a produção da notícia. **Revista Compolítica**, vol. 10, n. 2, p. 167-192. 2020.

TEITELBAUM, B. R.; COSTA, C. **Guerra pela eternidade**: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Editora UNICAMP, 2021.

TORRES, C. V.; SCHWARTZ, S. H.; NASCIMENTO, T. G. A teoria de valores refinada: associações com comportamento e evidências de validade discriminante e preditiva. **Psicologia USP**, v. 27, n. 2, p. 341-356, 2011.

TORRES, R. J. **Jornalismo Político e Mídias Sociais**: das restrições convencionadas às

rupturas alternativas. 2016. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Jornalismo. 292f. Florianópolis, 2016.

TRÄSEL, M.; LISBOA, S.; VINCIPROVA, G. R. Pós-verdade e confiança no Jornalismo: uma análise de indicadores de credibilidade em veículos brasileiros. **Braz. journal. res.**, Brasília, v. 15, n. 3, p. 476-497, dez. 2019.

VIEIRA, L. de S. **Métricas editoriais no jornalismo online: ética e cultura profissional na relação com audiências ativas.** 2018. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Jornalismo. 393f. Florianópolis, 2018.

WAISBORD, S. **Watchdog journalism in South America: News, Accountability, and Democracy.** New York: Columbia University Press, 2000.

WARDLE, C.; DERAKHASHAN, H. Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. **Report DGI.** Strasbourg: Council of Europe; 2017.

ZAMITH, F. *et al.* O clickbait no ciberjornalismo português e brasileiro: o caso português. *In: Atas do VI Congresso Internacional de Ciberjornalismo: Ameaças ao ciberjornalismo.* p. 7-29. Universidade do Porto, Porto. Disponível em https://cobciber6.files.wordpress.com/2019/03/atas_6cobciber.pdf. Acesso em: 05 nov. 2024.